

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: APRENDIZAGEM E COMPORTAMENTO
SOCIAL**

**AS PROJEÇÕES NO PSICODIAGNÓSTICO RORSCHACH DE
MULHERES QUE RETORNAM À *DOMUS*, ANALISADAS EM UM
ESTUDO DE CASO**

**Mara Rúbia Venâncio Vieira Prata
Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Petrelli**

Goiânia, janeiro de 2003

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: APRENDIZAGEM E COMPORTAMENTO
SOCIAL**

**AS PROJEÇÕES NO PSICODIAGNÓSTICO RORSCHACH DE
MULHERES QUE RETORNAM À *DOMUS*, ANALISADAS EM UM
ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia – área de concentração: Aprendizagem e Comportamento Social, sob a orientação do Professor Dr. Rodolfo Petrelli.

Mara Rúbia Venâncio Vieira Prata

Goiânia, janeiro de 2003

AGRADECIMENTOS

Durante todo o percurso, foram muitas as pessoas que contribuíram, de alguma maneira, com a minha árdua caminhada.

Agradeço a Jesus, o Espírito amigo, que, com sua presença divina, em momento algum me deixou só.

Ao Professor Dr. Rodolfo Petrelli, meu orientador, pela compreensão e serenidade em suas orientações.

À Professora Ms. Tereza Cristina R. de Carvalho, mestre e amiga, por seus ensinamentos e incentivos.

À Professora Dr^a. Vannúzia Leal, pelo importante auxílio.

A Cláudio, meu querido marido, quem sempre me apoiou nesta urgência de estudar e conhecer, por seu constante incentivo e companheirismo.

Aos meus filhos, Ingrid e Henrique, pela compreensão, uma vez que subtraí infindáveis horas de nosso convívio para a realização desta dissertação.

À Liliane C. A. M. Orsoni, psicóloga e amiga, pelas valiosas contribuições que deu ao trabalho.

À Andréa B. N. Freitas psicóloga e amiga, pelas palavras amigas nos momentos de desespero.

À Danusa Rangel, ex-aluna e amiga, pela contribuição que me foi fundamental.

À participante da pesquisa, sem a qual o trabalho não teria sido realizado.

À Professora Ms. Eclea Campos, atenciosa revisora deste trabalho.

À CAPES, pelo incentivo financeiro.

A Rubens, meu pai, primeiro mestre que desde cedo plantou em mim o amor ao conhecimento. De quem herdei o gosto pelo estudo.

*Que me ensinou a não desistir
ante as adversidades.*

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar os aspectos que influenciam uma mulher a deixar sua atividade profissional remunerada e dedicar-se exclusivamente às atividades do lar. Trata-se, portanto, de um estudo de caso que visa compreender o modo de ser no mundo de uma mulher e sua história de vida interior, buscando-se elucidar o fenômeno por meio de um psicodiagnóstico. No estudo adotou-se uma abordagem qualitativa relacionada à metodologia fenomenológica. Para a compreensão dos dados, fez-se necessário buscar a Teoria da Matriz de Identidade e a Teoria dos Papéis propostas pela Socionomia. Também se fez necessário lançar mão da compreensão de Laing (1969/1991) sobre a esquizoidia apresentada em sua obra “O Eu Dividido”. Os instrumentos utilizados para a realização deste trabalho foram entrevistas, a complementação de frases e o Psicodiagnóstico Rorschach. Foi também objetivo do trabalho mostrar a importância do Rorschach como instrumento de investigação qualitativa relevante à compreensão da singularidade. Os resultados do estudo mostraram o quanto as motivações do mundo inconsciente desmentem aquilo que se apresenta como valores do mundo da consciência. No caso estudado, o que levou a participante da pesquisa a deixar seu trabalho remunerado para ficar em casa não foi um reconhecimento do valor e da importância da presença da mulher em casa, mas uma maneira de se defender das limitações geradas por sua imaturidade, insegurança e dificuldades de relacionamento.

ABSTRACT

The present work had objective to investigate the aspects that influence a woman to let her rewarded professional activity to dedicate exclusively to home work. Treat, therefore, of a case study that views to understand the way to be of a woman in the world and her interior life history, searching to elucidate the phenomenon by a psychodiagnostic. The study adopted a qualitative approach related to phenomenological methodology. To understand the results was necessary to search Identity Matrix and Paper Theory offered by Sociometry. Also was necessary to comprehend about schizoid presented by Laing (1969/1991) in his book "O Eu Dividido". The instruments used to carry out this work was an interview, sentences completion and Rorschach Psychodiagnostic. It was the objective of the work to show. Rorschach importance like a instrument of qualitative searching, important to comprehend singularity. The study results shown how unconscious world motivations contradict what presents like conscious world values. In the case studied, what took the research participant to let her rewarded work to stay home wasn't a recognition of the value and importance of the woman presence at home, but a way to defend herself of the limitation engendered immaturity, insecurity and relationship difficulties.

“O paciente traz para o tratamento, de maneira intencional ou não, sua existência, todo o seu ser-

em-seu-mundo” (Laing, 1969/1991, p. 25).

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - O ITINERÁRIO DA CONDIÇÃO FEMININA NA HISTÓRIA	16
CAPÍTULO 2 – A SOCIONOMIA	32
2.1- Matriz de Identidade	32
2.1.2- Esquema de Desenvolvimento Humano	37
2.2- Teoria dos Papéis	45
CAPÍTULO 3–O PSICODIAGNÓSTICO NUMA PERSPECTIVA QUALITATIVA	50
3.1- Processo Psicodiagnóstico	50
3.2- Pesquisa em psicodiagnóstico	54
CAPÍTULO 4 – O MÉTODO FENOMENOLÓGICO	63
CAPÍTULO 5 – METODOLOGIA	69
5.1–Procedimentos	69
5.2- Instrumentos	70
5.3– Sujeito Participante	90
5.4– Análise de Dados	90
CAPÍTULO 6 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	91
6.1- Psicograma	91
6.2- Análise Quantitativa das Estruturas Rorschach	98
6.3- Análise dos Fenômenos Especiais	99
6.4- Leitura Diagnóstica Regionalizada	108
6.5- Frases Incompletas	123
6.6- Síntese	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
ANEXOS	144

Anexo 1 – Termo de Compromisso	145
Anexo 2 – Relatório das Entrevistas	146
Anexo 3 – Frases Incompletas	156
Anexo 4 – Folha de Localização do Rorschach	158

INTRODUÇÃO

O universo psíquico feminino abriga os mais profundos sentimentos e vivências que foram sendo acumulados desde a infância, ao longo de toda a existência. Alguns fantasmas encontram-se ocultos à espera de serem exorcizados, assim como heróis esperam ser destronados e desmistificados. Mas, enquanto isto não ocorre, eles (os fantasmas e os heróis) continuamente influenciam a vida de algumas mulheres, de uma maneira ou de outra, bem ou mal, sem que nem mesmo estas tenham consciência da força de influências que vêm de si mesmas. O desconhecimento de sua história, de seus sentimentos, desejos e medos pode ocasionar um aumento em suas confusões mentais ou conflitos, o que muitas vezes as leva a uma não compreensão de suas próprias vidas.

Tendo em vista que grande parte das pessoas que buscam auxílio psicológico são mulheres, com todo tipo de experiências de vida e conflitos, faz-se necessário buscar, ao máximo, a compreensão de sua vivência.

O trabalho doméstico exerce uma importante influência sobre a família, fazendo parte de sua vida de forma tão agregada e silenciosa que a existência deste trabalho nem sempre é notada. Contudo, esta atividade nem sempre tem o reconhecimento merecido, muitas vezes nem pelos próprios filhos, mas, ainda assim, algumas mulheres percebem sua importância e optam por enfrentar esse menoscabo de seu trabalho para desempenhar uma função que considera relevante.

No entanto, há algum tempo, as mulheres têm buscado ampliar seus espaços no mercado de trabalho, visando conquistar sua independência financeira, autonomia e

valorização na sociedade. No bojo da sociedade capitalista, é fato incontroverso que o poder está diretamente ligado à capacidade financeira, o que, em geral, é reproduzido no âmbito familiar, onde a autonomia de seus membros corresponde ao grau de independência financeira, de cada um.

Sob esse aspecto, é curioso observar que algumas mulheres fazem um movimento inverso, andando na contra-mão da história do movimento feminista. Depois de criarem condições para conquistar a independência financeira e, conseqüentemente, sua autonomia, elas voltam ao trabalho doméstico por motivos diversos, abrindo mão da faculdade de autogovernar-se, retornando a uma vida dependente. Embora tenham condições de construir algo independente da família, abdicam de certas habilidades individuais, não domésticas, desistindo de ter vida profissional em prol de seu ninho.

O que estas mulheres vêem no lar que as traz de volta para o âmbito exclusivo da casa? Contatos familiares mais estreitos, menos *stress*, melhor qualidade de vida, dedicação à maternidade, maior disponibilidade sobre o próprio tempo? Os motivos podem ser inúmeros e muito particulares.

Esse fato sugere algumas indagações:

- Quais episódios concorreram para estas mudanças em sua vida?
- Como estão sua auto-imagem, sua identidade, autoconfiança, visão de si, visão de mundo, de sociedade, de família?
- Como se sente nesta situação de vida?
- Quais são seus projetos de vida, tanto conscientes como inconscientes?
- Como está a convivência com o outro (feminino e masculino), seja na intimidade, no grupo ou na sociedade em geral?
- Como foram estabelecidas as relações primárias (materno e paterno)?

Portanto, o presente estudo objetivou compreender a situação vivencial de mulheres que deixaram de exercer um trabalho externo, remunerado, para se dedicarem à família (filhos, casa), mesmo tendo condições, inclusive de escolaridade, para assumir lugares de destaque no mercado de trabalho.

Não se pretende aqui julgar essa opção, mas apenas compreender como estas mulheres têm experimentado o *ser mulher*, o *ser esposa*, o *ser mãe*, seu modo de ser no mundo em várias dimensões.

Estas mulheres são pessoas comuns, sem qualquer tipologia patológica aparente e por isso não chamam atenção sobre si, normalmente não são focos de atenção para o meio científico. O grupo de donas de casa não faz voz, é uma maioria silenciosa de mulheres envolvidas em seu cotidiano, sem espaço, tanto na sociedade como no meio científico. Contudo, carecem de compreensão e entendimento por parte dos psicólogos, pois são muitas delas que batem à porta dos consultórios psicológicos.

O presente trabalho buscou esta compreensão na singularidade da vivência de uma mulher, em sua constituição subjetiva. González Rey (1999, p.40) utiliza “la singularidad como momento diferenciado y subjetivado, el cual aparece como individualidad en condición de sujeto”.

Trata-se de um estudo de caso realizado por meio de um psicodiagnóstico. Segundo González Rey (1999, p.41), “la información expresada por un sujeto concreto puede convertirse en un momento significativo en la producción del conocimiento, sin que tenga necesariamente que repetirse en otros sujetos”. González Rey (1999, p.45), “la singularidad no aparece como una excepción en el dominio de la subjetividad: ella es un momento cualitativo constituyente de la subjetividad”.

A mulher que participou da pesquisa apresenta uma configuração subjetiva singular. Por mais que tenha pontos em comum com outras, não é o objetivo do presente

trabalho estabelecer generalizações absolutas, mas produzir um conhecimento científico pela qualidade de expressão da subjetividade concreta.

Para compreender a subjetividade, não se podem usar categorias fixas e invariáveis, mas categorias abertas, dinâmicas e processuais, uma vez que a subjetividade é uma realidade em movimento. Sendo assim, este trabalho utilizou a história de vida; as frases incompletas e o Psicodiagnóstico Rorschach, analisados numa perspectiva fenomenológica, segundo conceitos da Socionomia e contribuições de Laing (1969/1991) sobre “O Eu Dividido”.

Neste momento, vem a lume o segundo objetivo deste trabalho, que é salientar a importância do Rorschach como um instrumento qualitativo relevante para a compreensão da singularidade da pessoa, oferecendo, grande contribuição para o avanço da ciência psicológica, e, ainda, fornecer elementos para maior conhecimento das experiências internas, subjetivas e compreensão dos complexos processos psíquicos que regem o comportamento da pessoa.

O psicodiagnóstico e a pesquisa qualitativa se desenvolvem como um processo similar e paralelo. A ciência psicológica, dentro de uma perspectiva fenomenológica, propõe uma postura desvinculada de conceitos apriorísticos e formas estandardizadas, tradicionalmente utilizadas em psicologia. Neste sentido, o psicodiagnóstico e a pesquisa são vistos como um processo de construção dinâmica de conhecimento da singularidade da pessoa e do fenômeno pesquisado. A produção do conhecimento é construída por meio da interação, da relação e da comunicação entre o investigador e o investigado. Há uma modificação nos objetivos do trabalho, no papel do profissional, na visão do cliente e, inclusive, na concepção de ciência.

Esta proposta amplia os horizontes da pesquisa em psicologia, uma vez que produz resultados mais expressivos da realidade estudada. Este trabalho não pretende

fomentar a disjunção entre pesquisa qualitativa e quantitativa, pois elas não são excludentes, muito pelo contrário, complementam-se, sendo que a última pode ser uma importante dimensão da primeira.

O método fenomenológico propõe uma maneira aberta de ir à *coisa mesma*, que permite apreender o fenômeno estudado em sua essência, indo além das aparências. Nesta perspectiva, o fenômeno vai definindo como se dá a conhecer.

Foi, então, a partir do próprio caso que surgiu a necessidade de se buscarem alguns elementos da Socionomia que auxiliassem a compreensão da vivência singular da participante. A Teoria da Matriz de Identidade, proposta por Moreno, favorece a compreensão do desenvolvimento emocional, a formação da identidade e da personalidade do indivíduo, ressaltando a importância da família nesse desenvolvimento, dos primeiros vínculos afetivos, bem como dos aspectos físicos e psicológicos que influenciam este processo. É por meio da matriz de identidade que o indivíduo vai comunicar-se com o mundo em constantes trocas que lhe favorecem o desenvolvimento. A maneira com que se desenvolve a matriz de identidade, bem como os tipos de registros em cada fase, vai delineando a personalidade e as formas de relacionamento do indivíduo. Deste modo, a Socionomia torna-se um importante referencial teórico para a leitura dos dados.

Mostrou-se também importante, durante a análise de dados, recorrer à visão de Laing (1969/1991) sobre “O eu dividido” para ampliar a compreensão de mecanismos esquizóides expressos no Fenômeno Especial dissociação.

O capítulo 1 do presente trabalho apresenta uma excursão histórica sobre a condição da mulher no que diz respeito ao seu papel na família e na sociedade e ao seu trabalho.

O capítulo 2 exhibe alguns pontos da Socionomia, envolvendo a Teoria da Matriz de Identidade e a Teoria dos Papéis.

O capítulo 3 propõe a correlação entre o psicodiagnóstico e a pesquisa qualitativa.

O capítulo 4 aborda o método fenomenológico, o qual norteou, juntamente com a pesquisa qualitativa, os procedimentos para se compreender o fenômeno estudado.

O capítulo 5 consta da metodologia em que são apresentados os procedimentos, os instrumentos, o sujeito participante, como foi feita a análise de dados.

Os capítulos 6 e 7 tratam da apresentação, análise e discussão dos dados, seguidos, por fim, das considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO 1

O ITINERÁRIO DA CONDIÇÃO FEMININA NA HISTÓRIA

O trabalho desempenha uma função fundamental na sociedade humana. É através do labor que a espécie humana se alimenta, abriga-se, veste-se, enfim, mantém sua existência. Além disso, foi por meio do trabalho, mais precisamente em decorrência da especialização dele e da acumulação do excedente produzido, que a espécie humana tornou-se hegemônica no planeta.

Em épocas muito primitivas, os grupos humanos eram nômades e o trabalho, realizado de forma coletiva, consistia em caça e pesca, coleta e uma incipiente agricultura. Havia uma certa divisão do trabalho entre o homem e a mulher. A mulher cuidava da prole, participava da pesca e coleta, bem como era a principal cultivadora da terra. Ao homem incumbia a caça e a defesa do grupo, colaborando na pesca e preparo do terreno para a plantação.

Beauvoir (2000) busca na história compreender a razão da soberania masculina sobre o feminino. Os estudos etnográficos são muito contraditórios no que diz respeito às sociedades primitivas, anteriores à agricultura. Não se sabe ao certo o nível de diferença física entre homens e mulheres. Contudo, estas eram incumbidas de muitos trabalhos pesados, nem sempre porque eram mais fortes, mas talvez para deixarem os homens com as mãos livres para defender o grupo de um ataque surpresa. Algumas mulheres, eventualmente, até participavam de expedições guerreiras, mas a maternidade limitava a sua condição e capacidade de trabalho era diminuída em função da gravidez, parto, menstruação e cuidados com a criança. Esse era tido como um período de impotência e devido à enorme fecundidade das mulheres acontecia repetidas vezes, absorvendo-lhes grande parte de suas forças e de seu tempo.

Com o desenvolvimento da agricultura, os agrupamentos humanos foram se fixando na terra, o trabalho passou a ser individualizado, surgiu a propriedade e a sucessão hereditária, o que implicou a necessidade de um controle rígido quanto à descendência, uma vez que *mater semper certa est, autem pater incertus*, fazendo nascer o instituto do matrimônio, eterno e indissolúvel, como forma de assegurar que a propriedade da terra se perpetuaria nas mãos da família.

Através de uma perspectiva existencial, Beauvoir (2000) buscou compreender como a condição biológica e econômica contribuiu para a supremacia masculina nos tempos primitivos.

Nos primórdios da civilização, alguns povos ignoravam a responsabilidade do pai na procriação dos filhos, sendo a mãe a única responsável pela propagação da vida no clã. Nesta perspectiva, a propriedade da terra era das mulheres e eram elas que a transmitiam aos filhos (Beauvoir, 2000).

“A comunidade pensa sua unidade e quer sua existência além do presente; reconhece-se nos filhos, reconhece-os como seus, neles se realiza e se supera” (Beauvoir, 2000). Devido à importância dada ao filho, a maternidade adquire uma função sagrada.

Contudo, ao compreender melhor o fenômeno da procriação, o homem percebeu a importância de sua participação na gestação dos filhos e deu grande valor à sua descendência, principalmente a masculina, a qual era essencial no auxílio ao cultivo e na defesa da terra, o que representava a possibilidade de perpetuação de sua obra, sendo, portanto, sumamente importante controlar a autenticidade de seus herdeiros.

A mulher viu-se amarrada pela maternidade ao seu corpo, enquanto o homem fez da manutenção da vida uma atividade e um projeto garantido pela invenção da ferramenta. “O projeto do homem não é repetir-se no tempo, é reinar sobre o instante e construir o futuro. Foi a atividade do macho que, criando valores, constituiu a existência,

ela própria, como valor: venceu as forças confusas da vida, submeteu a Natureza e a Mulher” (Beauvoir, 2000, p. 86).

De acordo com Beauvoir (2000), nos tempos primitivos a superioridade dos homens era vivida, porém não homologada por uma instituição; a religião era neutra, não havia a idéia de propriedade privada, nem direito e nem herança. Mas o homem aprendeu a cultivar a terra, criou as instituições e o Direito.

O estudo da história humana indica que a necessidade de controlar a descendência foi um dos motivos que deu azo à criação de valores sociais que restringissem a liberdade feminina e propiciassem o controle do homem sobre a mulher.

Esquadrinhando a história da civilização ocidental, é possível observar que o *manus mariti*, por si só, não representou um desvalor da condição feminina. A mulher vivia sob o poder do marido, mas seu papel era fundamental na vida familiar. Além da gestação e criação da prole, a mulher desempenhava uma intensa atividade doméstica, a qual era imprescindível para o sucesso financeiro do casal, em uma economia de subsistência, essencialmente agrícola e familiar.

Todavia, a melhoria da situação financeira familiar causou um esvaziamento do labor doméstico, principalmente no tocante à participação da mulher na atividade econômica desenvolvida pelo casal, a agricultura, uma vez que o incremento financeiro permitiu a contratação de mão-de-obra para auxiliar no cultivo da terra, além de serviços para a lida doméstica.

Por outro lado, uma série de circunstâncias inculcadas na consciência social impediu a mulher de aproveitar essa diminuição de encargos domésticos para alçar vãos mais amplos e conquistar um espaço socioeconômico próprio.

Ao analisar a evolução da condição feminina no Brasil, Del Priore (1995) observou que foi um processo elaborado a partir de heranças interculturais. No período

colonial em que a sociedade se constituía, também se delineava a situação da mulher. Esta formação sofreu influências de múltiplos fatores relacionados ao processo de colonização, preponderando as influências da metrópole e do escravismo. Este período permitiu a intersecção de etnias, culturas, valores, costumes e crenças. As características da mulher indígena, da negra africana e da branca europeia influenciaram não somente na constituição física das brasileiras, mas também em seu papel social.

O processo de colonização marcava as relações de gênero e o papel da mulher. As influências vinham desde o Estado até a Igreja constituindo os estereótipos da mulher incorporados na história. Esta história foi sendo constituída por preconceitos e estigmas sociais que influenciavam não só a relação entre os gêneros, como também a relação entre as próprias mulheres (Del Priore, 1995).

Junto com o processo de colonização, veio também o processo civilizatório no Brasil, que, segundo Del Priore (1995), tratava-se de um “adestramento” das mulheres coloniais com o objetivo de controlá-las, mantendo-as em casa, sendo responsáveis por esta, pela família, pelo matrimônio e pelos filhos.

O discurso da metrópole e da Igreja foi sendo insculpido na mentalidade colonial, o que, afirma Del Priore (1995), trouxe uma normatização dos padrões comportamentais moralistas, visando a uma adaptação dos valores que remodelaram condutas individuais, seguindo as regras, os recalques e à interiorização da vida social, consoante a nova ética sexual.

O discurso médico, analisa Del Priore (1995), também veio corroborar ao enfatizar a função reprodutora da mulher, ressaltando a maternidade como a principal função feminina. Paralelamente, como forma de resistir aos domínios do masculino, as mulheres se apegaram à maternidade para se defenderem da exploração sexual, doméstica, da solidão e do abandono.

Este conhecimento ultrapassa o fisiológico, comenta Del Priore (1995), estando associado a um controle também moral, uma vez que a medicina passa a subsidiar a doutrina religiosa da época, fornecendo elementos que possibilitavam regular a feminilidade conforme os propósitos da Igreja e da sociedade.

A função da procriação ajudava a apagar as marcas da carnalidade e animalidade da concepção, permitindo a beatitude eterna da mulher-mãe. A relação sexual deixa de ser objeto de pecado para ser um instrumento da criação divina. “Daí serem malditas as infecundas, as incapazes de revestir com a pureza da gravidez a dimensão do coito” (Del Priore, 1995, p. 31).

Pela influência da Igreja da época, a mulher era vista como uma das forças infernais que ameaçava a paz na terra. Ela era vista como impura, ameaçadora, detentora de todos os males das trevas. Para expurgar essa “mulher-diaba”, “mulher-sereia”, difundiu-se o modelo de feminilidade segundo Nossa Senhora, valorizando os comportamentos ascéticos, castos, pudíticos, a virgindade à custa da inferiorização da mulher tanto física como moralmente (Del Priore, 1995).

Estas idéias foram formando regras, novos valores domésticos que foram sendo interiorizados pelas populações femininas no intuito de controlá-las. A vida familiar e a maternidade foram extremamente valorizadas (Del Priore, 1995).

É interessante lembrar uma investigação feita por Petrelli¹ sobre o significado filológico e histórico do termo “puta” em português e “*puttana*” em italiano. Origina-se do fato de que, na antiguidade, a paternidade romana era reconhecida através de um ato adotivo explícito – formal e oficial, o qual realizava-se e consumava-se por uma frase pronunciada durante o ritual em que a criança era apresentada ao *Dominus*: “*puteor te esse meum filium*”. *Puteor* significa considero, é um verbo cujo particípio é *putatus sum* e o

infinitivo é *putari*. Caso o *Dominus* pronunciasse esta frase, o candidato à adoção era de fato considerado filho e, em consequência disso, a mãe do mesmo era promovida e “considerada” socialmente, como sendo a mãe de um “considerado”. Deste modo, na antiguidade, as mulheres romanas sem “arte”, nem “parte” na sociedade esperavam ser consideradas socialmente via maternidade oficialmente reconhecida. Faziam sexo não por desejo sexual, mas sim visando ter um “filho” como mediação de um poder social.

Por sua vez, Jablonski (1998), ao discutir a emancipação feminina, em sua tese de doutorado sobre a crise do casamento, cita Margaret Mead, que compreende a distinção dos papéis sexuais, historicamente, em função do ambiente e das limitações físicas. Deste modo, coube, inicialmente às mulheres, a tarefa de cuidar dos serviços domésticos e afins, principalmente devido ao freqüente estado de gravidez em que viviam. Este foi o principal fator a agrilhoar as mulheres aos lares, afastando-as de outras atividades.

Além das tradicionais tarefas domésticas, couberam também às mulheres todos os cuidados relacionados aos aspectos privados da família, tais como a criação e educação dos filhos, os cuidados com os idosos e doentes, a transmissão de valores e afetos. Enfatizando, portanto, a responsabilidade pelo desenvolvimento físico, psíquico, afetivo, moral e social dos filhos, como completa Jablonski (1998).

Todo este trabalho, embora bastante dispendioso para a mulher, do ponto de vista de tempo e energia, garantia-lhe um reconhecimento por parte da sociedade. Contudo, à medida e que esta foi se modernizando, o valor ao trabalho doméstico foi-se esvaindo (Jablonski, 1998).

Foram sendo criadas instituições, como escolas, hospitais, asilos, indústrias, oferecendo todos os tipos de serviços que substituíam, em parte, o que a mulher fazia. Segundo Jablonski (1998), isso, por um lado, diminuiu sua carga de trabalho, mas, por

¹ Produção oral feita durante as orientações do mestrado.

outro, também diminuiu sua importância, seu valor social. Ela deixa de ser uma “peça” imprescindível no lar.

“Mormente nas famílias de classe média, o trabalho doméstico perdeu, como dissemos, o seu valor econômico: deixou de exercer funções valorizadas, não é remunerado e nem leva à produção de bens materiais visíveis e estimáveis” (Jablonski, 1998, p. 146).

Conforme Jablonski (1998, p. 146), foi na época vitoriana, devido ao isolamento das famílias, no início da industrialização, que a mulher era vista como senhora e rainha do lar, porém “encurralada em seu próprio refúgio”.

A roda do tempo prosseguiu sua marcha inexorável e fez surgir condições favoráveis para a mulher começar a romper os grilhões que a prendiam à *domus*.

A revolução industrial e as modificações econômicas que acompanharam o crepúsculo do colonialismo, principalmente a economia de mercado e a busca desenfreada por lucros, somadas à falta de uma regulamentação do trabalho operário, impeliram a incipiente indústria européia a buscar uma mão-de-obra mais barata para movimentar suas máquinas.

Ao final do século XIX, o chão das fábricas européias estava tomado por mulheres e crianças.

A bem da verdade, é preciso reconhecer que esta incursão repentina ao mercado de trabalho não foi uma opção livre e consciente das mulheres. Muito pelo contrário, alguns empresários começaram a substituir parte dos trabalhadores homens por mulheres, visando diminuir custos em certos setores das fábricas, e o fenômeno se transformou em uma onda. Todos os setores que não precisavam da força de trabalhadores masculinos passaram a ser operados por mulheres e crianças, em turnos de até dezesseis horas de trabalho diário, sendo que esta nova classe operária recebia muito menos pelo mesmo

trabalho outrora exercido por homens, mas não tinha a opção de recusar o serviço, pois precisava sustentar a família, uma vez que os pais ou maridos haviam sido demitidos, justamente para serem substituídos pela mão-de-obra barata das mulheres e crianças.

Estes abusos foram amenizados com a criação de normas de trabalho, muitas destas visando evitar a exploração das operárias e impedindo o trabalho de crianças, o que restabeleceu o equilíbrio entre os sexos na oferta de emprego, mas não foi suficiente para proporcionar uma isonomia na remuneração pelo mesmo trabalho.

Em meados do século XX, o esforço de guerra praticado pelos estados beligerantes proporcionou uma nova onda de mulheres trabalhadoras, sendo que este fato e outras modificações sociais e econômicas provocadas pelas duas Grandes Guerras culminaram com a instalação definitiva da mulher no mercado de trabalho em praticamente todos os países do ocidente e em muitos do oriente.

Na década de 50, ultrapassada a fase crítica do pós-guerra, o ingresso da mulher no mercado de trabalho teve uma conotação de complementação do salário do esposo, numa atitude pró-consumista, mas, em um momento seguinte, o rendimento do trabalho da mulher passou a ser um componente indispensável em boa parte dos orçamentos familiares, como acrescenta Jablonski (1998).

Para Harris (citado por Jablonski, 1998, p. 146): “a liberação da mulher não criou a mulher trabalhadora, e, sim, a mulher trabalhadora criou a liberação da mulher”.

O movimento feminista tomou corpo nos anos 60 quando a mulher se deu conta da dupla jornada que enfrentava e da pouca valorização de seu trabalho (Jablonski, 1998).

Contemporaneamente, ao analisar a participação do trabalho feminino nas indústrias brasileiras, Melo (2001) observa que a ocupação feminina tem permanecido nas indústrias próxima ao patamar de meados da década de 80, com algumas mudanças favorecendo mais as mulheres que os homens. Dentre as mudanças que influenciam o

crescimento da participação das mulheres estão as modernizações nas empresas, tornando o trabalho mais leve e favorável às mulheres, além de criar postos de trabalho que exigem uma maior escolaridade, qualificação que é atendida por elas. Um fator que prejudica o aumento da participação feminina é a diminuição da oferta de empregos em virtude do fechamento de algumas indústrias e da abertura de mercado às importações.

Melo (2001) ressalta que o trabalho feminino concentra-se mais em determinadas áreas, principalmente nas indústrias alimentícias, de cosméticos e têxteis. Observou, ainda, uma maior aceitação por parte dos empresários quanto à contratação das mulheres, sendo que estes atribuem à escolarização e à redução da taxa de fecundidade, a razão para estas mudanças.

Paralelamente persiste um grande número de mulheres que não adentraram ao mercado de trabalho. Seja por opção própria, ou por falta de capacitação técnica ou oportunidade de emprego, o fato é que uma parcela considerável de mulheres ainda se dedica apenas ao trabalho doméstico.

Todavia, este trabalho doméstico vem sendo ignorado, considerado natural e sem importância para a economia de uma maneira geral e para a sociedade. O tema sobre as donas-de-casa não tem tido um espaço nos estudos que vêm sendo realizados, por não fazerem uma voz ativa que gere o interesse dos pesquisadores. No entanto, todos os seres humanos têm vivido do trabalho doméstico, ainda que a situação das donas-de-casa seja mantida na penumbra (Duran, 1983).

“As trabalhadoras domésticas não escolheram livremente o seu trabalho, porque não se pode chamar opção livre àquela que apresenta como alternativa a renúncia ao amor, aos filhos e ao lar”, comenta Duran (1983).

Até há pouco tempo, a mulher era preparada desde criança para ser dona-de-casa, enquanto ao menino abria-se um leque de possibilidades a serem desenvolvidas fora

de casa. A menina brinca de casinha e boneca, e os meninos de carrinho, futebol e luta. As brincadeiras e todas as atividades facilitam a assimilação do papel social tanto do homem como da mulher e, antes mesmo que consiga colocar em prática o trabalho doméstico, as mulheres já o haviam interiorizado (Duran, 1983).

A menina, em geral, é criada como um ser frágil e delicado, o que acaba gerando uma sensação de insegurança e/ou baixa autoconfiança que a impede de se rebelar. Além disso, surgem tantos outros obstáculos que não a deixam escapar de “seu destino”. Fica extremamente difícil para a mulher solteira livrar-se dos encargos domésticos; para a mulher casada, pode-se dizer que é ainda mais. A chegada dos filhos consoma a transformação da mãe em dona-de-casa, sendo que a naturalização do papel de dona-de-casa mantém a alienação da mulher sobre suas demais potencialidades (Duran, 1983).

O papel de dona-de-casa é histórico e não natural. Apenas a gestação e amamentação lhes são inerentes. Associadas a isto, porém, todas as outras tarefas domésticas foram atribuídas à mulher como sendo próprias de sua natureza (Duran, 1983).

A principal mudança no panorama do trabalho cotidiano doméstico é a tecnologia (máquinas para uso doméstico), a energia elétrica, a água encanada, os alimentos industrializados e a confecção em série (Duran, 1983).

O acesso a essa tecnologia e a contratação de trabalhadoras domésticas exigem um poder aquisitivo do qual nem todas as mulheres dispõem, portanto, este diferencial dá a estas donas-de-casa um certo *status*, mostrando uma posição social privilegiada (Duran, 1983).

Contudo, há uma insatisfação constante com o serviço, pois existe uma grande diferença entre o serviço desempenhado por ela mesma e por outra pessoa. O cuidado e a dedicação, naturalmente, não são os mesmos.

A mulher que se dedica exclusivamente aos serviços domésticos é vista com uma certa reserva pela sociedade, sendo considerada por muitos como uma pessoa sem qualificação profissional. A desvalorização de seu trabalho causa uma impressão de improdutividade, uma vez que ela não produz uma riqueza mensurável e possível de ser comercializada (Duran, 1983).

Algumas mulheres têm tentado mudar esta situação, reivindicando seus direitos e conquistando um espaço mais amplo na vida social.

A análise histórica demonstra que o papel da mulher na sociedade passou por profundas modificações nos últimos dois séculos, fato que foi positivo na medida em que as mulheres passaram a ocupar importantes funções sociais e políticas, granjeando o respeito dos homens, por sua capacidade e inteligência.

Contudo, este incremento das atividades femininas acarretou um considerável aumento em suas obrigações, uma vez que as mulheres ainda são as principais responsáveis pela criação dos filhos e pelos demais afazeres do lar. Alguns homens têm concordado em compartilhar as tarefas domésticas, embora, de uma maneira geral, este trabalho continue sendo responsabilidade feminina, o que culminou por lhe criar uma extenuante dupla jornada de trabalho.

Sobre as mulheres recai a exigência de serem mães zelosas e boas donas-de-casa, responsabilidade eventualmente compartilhada com os maridos. Além disso, o trabalho externo impõe a elas uma obrigação constante de buscar a perfeição, como forma de desmistificar o tradicional preconceito de que o labor feminino é inferior ao masculino.

O trabalho externo exige adaptações por parte da mulher, difíceis de serem conseguidas. Além disso, elas precisam “preservar os valores de sua identidade, como mulher, mãe e esposa ou companheira” (Penna, 1989, p. 45). Estes ajustes podem gerar

muitos conflitos internos e até mesmo, crises de identidade, uma vez que conflitam com muito daquilo que ela precisou aprender como mulher, afirma Penna (1989).

A mulher tem que reavaliar as atitudes femininas (meiguice, modéstia, espírito de submissão) que aprendeu, pois nem sempre são úteis no trabalho. Não se pode esquecer, afirma Penna (1985), que há momentos em que estas características “femininas” (principalmente submissão e dedicação) proporcionam oportunidades às mulheres, que aceitam funções rejeitadas pelos homens, ou uma menor remuneração pelo mesmo trabalho.

Discutindo sobre as profissões mais adequadas à mulher, Penna (1985, p. 50) ressalta que “a atividade mais indicada para uma determinada mulher é aquela para a qual ela própria sente e pensa que tem aptidões, sem violentar-se física e psicologicamente”. Considerando as principais motivações de sua personalidade, procurando desenvolver suas habilidades naturais. Penna (1985, p. 51) é até taxativa quando afirma que “em falta de sintonia consigo mesma, uma mulher experimenta qualquer atividade de maneira negativa ou destrutiva, inclusive a maternidade”.

Ao mesmo tempo em que algumas mulheres buscam ser reconhecidas através do exercício de uma atividade remunerada, outras ainda têm medo de testar os talentos individuais, ainda querem proteger sua imagem e nem sempre estão dispostas a enfrentar o mundo, assumindo a responsabilidade por si mesma. Evitam arriscar-se ao desconhecido. Cria-se um conflito entre o querer ser independente e o não querer perder a dependência. Ser livre implica ser responsável por si mesma, assumir suas potencialidades e encarar suas limitações, sem estar à sombra de um homem que lhe empresta valor. Mas a responsabilidade gera ansiedade, principalmente para quem está acostumada que outra pessoa seja responsável por ela (Colette, 1986).

Talvez seu objetivo não seja uma realização própria, mas ganhar proteção. São capazes de usar toda sua força e poder para alcançar isso. “Coloca-se à disposição do amor e evita a ansiedade que acompanha a autonomia” (Colette, 1986, p. 122).

“Algumas mulheres exercem controle sendo dependentes (...). O casamento se torna um meio de garantir ser cuidada e sustentada (...) um meio de ganhar um lar, em vez de construir o seu (...) uma oportunidade de aliviar conflitos, em vez de resolvê-los” (Colette, 1986, pp. 134-136).

Em uma pesquisa realizada na University of Michigan (citada por Colette, 1986), foram testadas 90 mulheres e 88 homens, mostrando que a tendência feminina de “apavorar-se com a mera possibilidade de obter êxito, causa o estrangulamento do próprio desejo de obtê-lo. O que chamou medo do sucesso (...) não era uma questão de insegurança quanto a terem ou não as habilidades necessárias para vencer. Quanto mais tinham a oferecer, maior sua ansiedade”.

Elas acreditavam que o êxito profissional deterioraria suas relações com os homens. “As mulheres mais perturbadas com a possibilidade de um futuro sucesso provinham em geral da classe média e média-alta, com pais bem-sucedidos, pais (...) que querem por esposas moças não empreendedoras. Nesses lares, as mães ou não trabalhavam, ou trabalhavam em um nível bem aquém de um sério compromisso profissional” (Colette, p. 153). As mulheres a quem o sucesso não incomodava tanto vinham da classe baixa com mães que, em geral, tinham melhor educação acadêmica que seus maridos, e que sempre tinham trabalhado.

Miller (citado por Penna, 1985, p. 43) propõe que a psicologia da mulher deve considerar especialmente o modo de ser feminino. Seu desenvolvimento se alicerça em aspectos diferentes dos modelos masculinos.

“O traço central neste desenvolvimento é que a mulher se constrói e se mantém em um contexto psicológico de ligações e de associações com os outros. Naturalmente, o sentido de própria identidade se organiza ao redor do eixo que representa esta sua capacidade de criar e desenvolver os relacionamentos. A importância deste fator central é tanta que, para muitas mulheres, a ameaça de rompimento de uma ligação é percebida não somente com a perda de um relacionamento, mas como uma perda total da própria identidade” (Penna, 1985, p. 43).

Para compreender o feminino, Franz (1995) recorre às idéias junguianas. Jung (citado por Franz, 1995) designa o lado feminino do homem como *anima* e o lado masculino da mulher como *animus*.

O termo *anima* inclui tanto aspectos femininos no homem como também a imagem que o homem tem do feminino. É uma imagem interna que foi inicialmente construída a partir da relação com a primeira mulher de sua vida, a mãe. A experiência e vivência desta relação incluem sensações, sentimentos e emoções que geram marcas mnêmicas que ficam registradas consciente ou inconscientemente (Franz, 1995).

Esta imagem sofrerá modificações conforme experiências futuras com outras mulheres ao longo de suas vidas. O mesmo processo ocorre com a elaboração do *animus* na mulher (Franz, 1995).

Deste modo, Franz (1995) acrescenta que pode haver uma divergência entre o real e a *anima* ou o *animus*, que gera conflitos e pode terminar influenciando um e outro, de modo a tentar diminuir a dissonância.

Muitas vezes, a mulher sofre influências da *anima* do homem, tentando adaptar-se a ela para garantir aceitação. Neste caso, acaba perdendo sua autonomia, a visão de si depende unicamente do outro, o papel que representa torna-se o espelho da *anima* do homem (Franz, 1995).

Assim, continua Franz (1995), o homem pode perder a oportunidade de conhecer a mulher autêntica com quem convive. A mulher, por sua vez, perde-se a si mesma passando a ser um espectro da *anima* do parceiro. Obviamente ela não é um

espelho fiel, pois, existe uma mescla indissociável entre sua personalidade e a *anima* deste homem.

A dificuldade em deixar seu “eu” interior, para refletir a *anima* do homem, paradoxalmente parece levar a mulher a um sentimento de fracasso, e aumenta o medo de perder o amor do homem. A mulher se rende aos apelos sociais, aos esquemas coletivos, perde sua verdadeira personalidade e passa a não existir mais enquanto indivíduo (Franz, 1995).

A imagem que tem de si não engloba toda a potencialidade e todas as possibilidades que compõem seu “eu” real (Franz, 1995).

Osório (1996), ao falar do papel conjugal na contemporaneidade, ressalta que o modelo arcaico já está superado pelo modelo moderno. O casal deve compartilhar suas tarefas, buscando satisfazer os desejos e as necessidades de cada um. O papel conjugal já não é mais uma atribuição com base nos aspectos fisiológicos de cada um, nem à capacidade reprodutora da mulher, nem à força física do homem. A união do casal tem um objetivo de cooperação, complementaridade. Cada um participa de acordo com sua condição humana.

“O papel materno, em consonância com a representação simbólica do corpo feminino, caberiam, além das tarefas nutriciais, de agasalho e proteção da prole, uma função continente ou de receptáculo das angústias existenciais de quem esteja correspondentemente no papel filial” (Osório, 1996, p. 18).

Osório (1996, p. 18) destaca que, para a psicanálise, o papel do homem é de introduzir a “lei que regulamenta as relações humanas...”, bem como fazer a separação da díade mãe-filho (desimbiotização).

De uma forma geral, a mulher atualmente é reconhecida como profissional. Já não há tanto preconceito quanto à qualidade de seu trabalho e às suas potencialidades Ela

conseguiu, pois, o direito de decidir o seu próprio futuro. O “ser ou não ser” shakesperiano já não é tão masculino assim mais.

Algumas mulheres, porém, quando conquistaram seu espaço no mercado de trabalho ou estavam prestes a fazê-lo com láurea, optaram pelo lar, o marido e os filhos, fazendo o caminho inverso daquelas que escolheram o trabalho externo.

Não se trata, como se poderia pensar, de uma volta à condição de rainha do lar pura e simplesmente. Não é necessário patrulhamento feminista algum ou comentário horrorizado de amigas e colegas do tempo de faculdade. Trata-se, à primeira vista, de uma opção pessoal. Um exercício do direito de poder decidir sobre a sua própria vida. Mas é importante um estudo mais aprofundado desse fato para se compreender em os fatores que impulsionaram esta decisão.

A pesquisa realizada por meio de um psicodiagnóstico fenomenológico é adequada para se buscar esta compreensão. Nos capítulos seguintes, serão abordados a Socionomia, o Psicodiagnóstico e o Método Fenomenológico.

CAPÍTULO 2

A SOCIONOMIA

A Socionomia (Moreno, 1992, 1993) é utilizada no presente trabalho para auxiliar a compreensão do Rorschach uma vez que fornece uma abordagem do desenvolvimento que pode evidenciar os elementos que surgem no psicodiagnóstico.

A teoria e técnica de Moreno estão fundamentadas em várias fontes, dentre elas principalmente o teatro, a filosofia e a religião (Hassidismo) (Fonseca, 1980). São de grande importância, pois delinea uma teoria de desenvolvimento e uma teoria de personalidade, além da técnica psicoterapêutica.

O desenvolvimento humano, segundo Moreno, envolve a convergência de todos os conceitos por ele propostos (espontaneidade – fator *e*; criatividade – fator *c*; matriz de identidade; Teoria dos papéis; tele – transferência, etc). Contudo, é a matriz de identidade que apresenta a formação da identidade. “É dentro desta visão global que o homem forma a personalidade na *matriz de identidade*, relaciona-se por meio de *papéis*, faz vínculos *télico-transferenciais*, tem ou não *encontros* e libera *espontaneidade* em seus *momentos de criatividade*” (Fonseca, 2000, p. 117).

A necessidade de buscar alguns elementos desta teoria surgiu a partir do caso estudado, o qual apresenta alguns pontos que carecem de esclarecimentos. Portanto, o foco de atenção converge somente para os elementos desta teoria socionômica que servem para este fim.

2.1 - Matriz de Identidade

Para a análise diagnóstica das dinâmicas da personalidade, foi retomada a teoria de Moreno para compreender o desenvolvimento emocional da pessoa e a formação de sua

identidade e personalidade, pois suas características singulares são influenciadas pelos primeiros vínculos da infância.

Para Moreno o homem se desenvolve a partir da matriz de identidade, a qual transcorre em fases ou períodos, inicialmente em cinco e posteriormente sintetizados em três. Fonseca (2000) ressalta que o desenvolvimento da matriz não deve ser tomado de forma linear, mas em espiral, pois cada fase da matriz avança e retrocede, alternando dinamicamente. A distinção das fases é apenas para uma melhor compreensão didática. Não ocorrem isoladamente, pois uma influencia a outra sucessivamente.

A matriz de identidade trata do processo de formação de identidade, de definição enquanto indivíduo, ser único, singular e ao mesmo tempo semelhante aos outros. Este desenvolvimento é influenciado tanto pelos aspectos físicos (espaço geográfico em que nasceu e vive, condições socioeconômicas e demais fatores materiais) quanto pelos aspectos psicológicos (clima afetivo e expectativas). Logo, observamos a importância da família no desenvolvimento da personalidade, pois esta é o “berço genético-psicológico-social inicial ou sociometria primária da criança” (Fonseca, 1980, p.112).

A matriz de identidade é considerada “placenta social” por Moreno (1946/1993, p.114) e denominada “*locus nascendi*”, pois é através dela que vai se comunicar com objetos e outras pessoas para desenvolver-se. Isso, por sua vez, ocorre em um clima específico (Gonçalves,1988, p. 60). O bebê vem ao mundo e tem com ele constantes trocas, pois não só o meio o influencia, mas também ele influencia o meio.

O bebê humano quando nasce necessita de cuidados, sendo altamente dependente, pois sozinho não pode sobreviver. Está “condenado” desde o início a estar junto com os outros ou um outro específico que é a mãe ou quem desempenhe esta função. É física e psicologicamente pouco desenvolvido e há muito que aprender quando chega ao

mundo. Suas primeiras vivências é que vão iniciar o processo de formação da percepção e aprendizado emocional, os quais se relacionam com o desenvolvimento da matriz de identidade. Ao longo das fases que compõem a matriz, a criança vai entrando em contato com o mundo, com as coisas, com os outros e consigo mesma. As vivências em cada fase configuram-se de forma muito particular, o que caracteriza tipos de moldagem, de inscrição e de registro específico em cada fase para cada tipo de pessoa (Fonseca, 1980).

A matriz de identidade é descrita por Moreno em cinco fases as quais, em um segundo momento, sintetiza em três:

- a) Fase da indiferenciação (Gonçalves,1988) ou fase da identidade existencial (Fonseca, 1980) ou Matriz de identidade total (Moreno, 1946/1993), em que a criança não se distingue da mãe, não distingue a si mesma do mundo (outros, objetos, ambiente).
- b) Fase “em que a criança concentra a sua atenção na outra e estranha parte dela” (Moreno, 1946/1993, p.112). Concentra-se no “tu”.
- c) Fase em que o foco de atenção da criança volta-se para ela mesma, para o “eu”.
- d) Fase em que a criança representa o papel do outro, mas o inverso ainda não é possível.
- e) Fase em que representa o papel do outro e vice-versa, inversão de papéis concomitante.

A síntese destas cinco fases em três é assim representada:

- a) Fase do Duplo – Indiferenciação:

Nesta fase a criança ainda não sabe como expressar suas necessidades nem físicas e nem emocionais. Não pode se satisfazer sozinho e precisa da ajuda de outra pessoa que cumpre o papel chamado por Moreno (1946/1993) de *ego-auxiliar* ou duplo.

- b) Fase do Espelho – Reconhecimento do “eu”:

Concentra a atenção no outro e ignora a si e concentra-se em si e ignora o outro. Diferencia o “eu” do outro. “O espelho corresponde ao período em que a criança se individualiza e começa a ter a percepção de como existe no mundo” (Fonseca, 1980, p. 17).

c) Fase de Inversão – Conhecimento do outro, do “tu”:

É capaz de se colocar no lugar do outro e vice-versa. Sair de si para conhecer a realidade dos outros e conseqüentemente conhece mais de si mesma.

A matriz de identidade é mantida apenas enquanto é necessária. À medida que a criança vai ganhando autonomia, desenvolve certo grau de auto-arranque e a matriz vai diluindo-se (Moreno, 1946/1993).

Inicialmente a criança não se distingue do mundo, como já foi dito. A capacidade de inverter papéis é um dos requisitos para o desenvolvimento do fator **tele** (inato). O fator tele é a “capacidade de se perceber de forma objetiva o que ocorre nas situações e o que se passa entre as pessoas”, ou ainda “percepção interna mútua entre dois indivíduos” (Gonçalves, 1988). Segundo Moreno (1946/1993), a “tele é a empatia ocorrendo em duas direções” (citado por Gonçalves, 1988). Na empatia a pessoa pode compreender o sentimento do outro, mas a recíproca não é verdadeira. Para ser considerada tele é fundamental a reciprocidade e mutualidade.

À medida que a criança vai se desenvolvendo, ela vai distinguindo objetos e pessoas, proximidade e distância, vai desenvolvendo a tele positiva, ou negativa, para objetos (reais ou imaginários) e para pessoas. Este desenvolvimento chega ao ápice quando adquire a capacidade para o encontro. “O **encontro** é um fenômeno télico. O processo fundamental da tele é a reciprocidade, não só de atração, como também de rechaço, de excitação, de inibição, de indiferença” (Fonseca, 1980, p.18).

“ ‘Encontro’ significa mais do que vaga relação interpessoal. Significa que dois ou mais atores se encontram, não apenas para se defrontarem, porém, para viverem e experimentarem um ao outro, como atores por direito nato, não como encontro forçado ‘profissional’ (...) encontro de duas pessoas. Em um encontro, as duas pessoas estão lá, especialmente, com toda a sua força e toda a sua fraqueza, dois atores humanos fervendo de espontaneidade e apenas, parcialmente, conscientes de seus objetivos mútuos.” (Moreno, 1934/1992, p.169)

Não se pode confundir tele com **transferência**, pois esta é para Moreno a patologia da tele, o que impede o encontro autêntico que está implícito na tele. Na transferência, a relação está contaminada por distorções e ocorre a projeção de conflitos internos no outro e não permite que o outro seja visto como é realmente (Gonçalves, 1988 e Fonseca, 1980). A relação tética une as pessoas em um encontro de intimidade e sensibilidade aguçada; nesse caso a inversão de papéis é bastante facilitada.

No presente trabalho, a matriz de identidade é utilizada como um esquema compreensivo auxiliar e não como um modelo explicativo-causal do caso estudado. Auxilia a compreensão da experiência vivida subjetivamente pela mulher em questão. Não é o objetivo desvendar os “porquês” mas o “quê” e o “como” é a sua vivência interior.

No desenvolvimento infantil, acontecem atividades discriminatórias que fazem parte da construção da identidade. Estas atividades discriminatórias constituem um movimento entre um estado e outro (dentro-fora, bom-mal, parcial-total, fantasia-realidade). À medida que este movimento vai acontecendo, as vivências vão sendo registradas mnemonicamente.

O processo de internalização das relações afetivas na infância ocorre de acordo com um parâmetro “parcial-total”, ou seja, a sucessão de repetidos momentos relacionais parciais (cenas vivenciadas) vai configurando o processo de internalização como um todo. Estas cenas vivenciadas fornecem um clima relacional afetivo com referência no tempo e no espaço. “A partir do processo de sucessivas internalizações parciais das relações, começam a se esboçar os “eus” parciais internos. Estes se originam da identificação com

ambos os pólos da relação.”(Fonseca, 2000, p. 90). Os “eus” parciais interagem, formando o “eu” global e a forma com que se agrupam configuram o estado da personalidade.

“Os “eus” parciais internos e suas constelações emergem à superfície relacional por meio do desempenho de papéis ou permanecem latentes à espera de liberação. O processo de formação de “eus” parciais internos acontece na matriz de identidade, pelo exercício dos papéis psicossomáticos, dos papéis do imaginário (ou da fantasia) e dos papéis sociais” (Fonseca, 2000, p. 90).

Tanto os “eus” internos relacionam-se entre si (eu-eu), como também o “eu” relaciona-se com outros “eus” externos (“eu-tu, eu-ele, eu-nós, eu-vós, eu-eles”) e com o ambiente. Fonseca (2000, p. 283) chama esta integração de “eus” parciais entre si, de relações teletransferenciais internas.

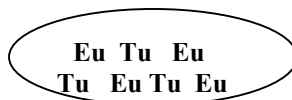
Estes “eus” parciais se expressam através dos papéis, os quais serão discutidos posteriormente.

2.1.2 - Esquema de Desenvolvimento Humano

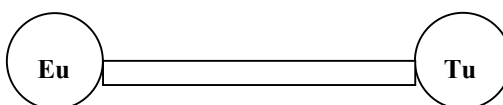
O esquema de desenvolvimento humano proposto por Fonseca (1980) fundamenta-se principalmente em Moreno e Buber. Inclui dez fases, as quais não devem, como já foi explicado, ser concebidas de forma linear, pois a separação é apenas didática:

- a. **Indiferenciação:** a criança não se distingue da mãe, o “eu” não se distingue do “tu” (pessoa ou objeto), estão misturados e indiferenciados. A mãe é o primeiro ego-auxiliar da criança, seu duplo, é quem capta as necessidades da criança uma vez que esta não é capaz de se satisfazer sozinha. A função de ego-auxiliar fundamenta a técnica do duplo, utilizada nas sessões de psicodrama. Identidade Cósmica. Fixações e regressões nesta fase levam a

uma quebra na comunicação com a realidade, encontrada em autistas e doentes mentais crônicos.



- b. Simbiose:** A indiferenciação vai se diluindo, mas permanece um anel de ligação (cordão umbilical psicológico); a criança começa a diferenciar o “eu” do “tu”, mas não completamente. Ainda persiste o princípio do duplo. Aqui há uma dependência mútua entre mãe e filho. O clima afetivo estabelecido nesta relação ajuda a formar o “eu”, fornecendo os futuros padrões de relacionamentos. Fixações e regressões nesta fase caracterizam a patologia do vínculo, a permanência do anel de ligação entre mãe e filho é internalizada criando um tipo de vinculação simbiótica, que se estende a outros relacionamentos. A pessoa perde a capacidade de distinguir o “eu” do “tu”. Nesses casos o envolvimento é tão forte que ela acredita não poder viver sem o outro. Além de esquizofrênicos, outras pessoas estabelecem relações em que existe a correspondência com a fase simbiótica, como é o caso de alguns cônjuges.



- c. Reconhecimento do “Eu”:** Descoberta da própria identidade. O foco está na própria pessoa. Distingue-se da mãe, reconhece e identifica sensações corporais. Corresponde à fase do espelho e serve de embasamento teórico para a técnica do espelho e solilóquio. O auto-conhecimento ocorre de formas diferentes durante todas as fases da vida. O movimento é centrípeto.

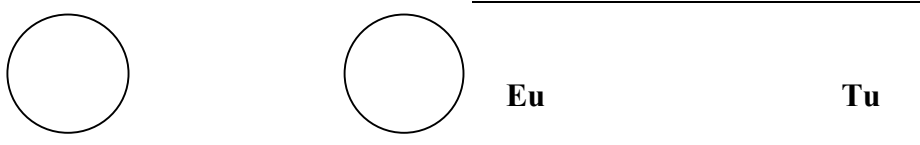
Fixações e regressões nesta fase caracterizam uma polarização no “eu”; o “tu” perde importância. Trata-se de perfis psicológicos egocêntricos e narcísicos.



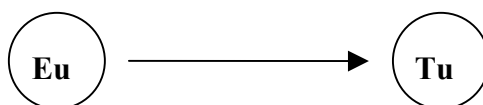
- d. Reconhecimento do “Tu”:** tanto o reconhecimento do “eu”, como o reconhecimento do “tu” ocorrem em um mesmo processo, pois, ao entrar em contato com o mundo, a pessoa toma conhecimento não só de si como também do outro. Vai descobrindo que “o outro sente e reage em relação às suas iniciativas” (Fonseca, 1980, p.89). O reconhecimento do outro é fundamental para os futuros relacionamentos. A polarização está no “tu” (movimento centrífugo). Fixações e regressões nesta fase caracterizam-se pela polarização no “tu”, sua existência justifica-se pela existência do outro (o que o outro é, ou não é, o que o outro faz ou deixa de fazer). Pode apresentar “grande dificuldade para identificar “tus” em sua vida. Vai começar a sentir a solidão do seu “eu”, a impotência para encontrar e interagir com um “tu” real.” (Fonseca, 1980, p. 119) “O reconhecimento do “tu” incompleto poderá engendrar na vida adulta, atitudes invasivas nas quais a pessoa não leva em conta os sentimentos do outro. Certas atitudes psicopáticas assim poderiam ser compreendidas” (Fonseca, 1980, 119).



- e. **Relação em corredor:** “está identificada como pessoa, distingue o outro, mas sente que o “tu” existe só para si ...”. Sente-se ainda o centro, não admite que o “tu” se relacione com outros “tus”. É capaz de reconhecer vários “tus”, mas relaciona com um de cada vez (relacionamento em corredor). Esta é a fase da “brecha entre fantasia e realidade”. (p. 89,90). A má elaboração das fases do reconhecimento do “eu”, e do reconhecimento do “tu” pode cristalizar as relações em corredor o que vai dificultar os relacionamentos com mais de duas pessoas, uma vez que há uma perseveração nas relações bi-pessoais.



- f. **Pré-inversão:** a criança inicialmente joga o seu próprio papel (papel do “eu”), depois, durante as brincadeiras de faz de conta, ela começa a representar o papel do outro (do “tu”), inicia a inversão sem reciprocidade (ela é a mãe e a boneca é a filha). Após esta fase, já faz a inversão de papéis, mas não de maneira amadurecida como no adulto, por isso é a fase da pré-inversão, pois só se completará plenamente depois de desenvolvidas outras fases até chegar a desenvolver a tele.



g. Triangulação: caracteriza-se pela percepção do “ele” que ameaça a relação “eu-tu”, o “tu” também se relaciona com o “ele”, o que a faz temer perder seu “tu”. Esta fase corresponde ao “complexo de Édipo” de Freud. É a intercomunicação entre os três que vai permitir uma boa ou má resolução dessa crise. Uma resolução ideal seria se a criança entendesse que o “tu” e o “ele” podem se relacionar independente dela, e que essa relação não lhe causa perda afetiva alguma. Fonseca (2000) corrige sua primeira colocação considerando ser mais adequado que a fase da triangulação venha antes do reconhecimento do “eu” e do “tu”. É a triangulação que permite a passagem da relação simbiótica para a relação em corredor. É o terceiro elemento que corta o elo simbiótico do “eu-tu”. Esta fase vem em dois momentos: um antes e um depois do reconhecimento do “eu” e do “tu”. Um bloqueio com relação a esta fase pode levar a uma dificuldade em relação à aceitação do “ele”; a relação “tu-ele” é vista como ameaçadora, uma vez que teme perder o “tu”. Esta dificuldade se manifesta no ciúme doentio ou delirante, na inveja do vínculo, que podem aparecer em vários quadros psicopatológicos.

h. Circularização: a criança passa a entrar em contato com mais pessoas, são vários “eles”. Corresponde à fase de socialização da criança. A complexidade dos conjuntos é cada vez mais crescente. Ultrapassa os relacionamentos bipessoais, os triangulares, começa o relacionamento com Eles, passando a sentir-se parte do grande grupo que é a comunidade, o Nós. É fundamental esta fase para que tenha relacionamentos sociais satisfatórios. A má elaboração desta fase resultará numa dificuldade para

estabelecer relações grupais e sociais, mesmo que tenha sucesso nos relacionamentos bipessoais.

- i. Inversão de papéis:** aqui ocorre a plena inversão de papéis, mostra a maturidade psicológica da pessoa em conseguir captar-se a si mesma e ao outro, colocando-se no lugar do outro e permitindo que o outro se coloque no seu, revelando uma profunda e autêntica comunicação, a qual é necessária para se estabelecer a tele, fundamenta a técnica psicodramática com este nome. "Não conseguir inverter papéis na vida adulta, significa um corte comunicacional com o Tu do momento. Há que se averiguar se essa incapacidade é para um Tu específico, para vários, ou se é mais global como observamos nos quadros psicóticos" (Fonseca, 1980, pp. 96-97).
- j. Encontro:** O encontro é a principal manifestação da saúde da relação. Acontece de forma intensa liberando toda a espontaneidade e criatividade disponível. "As pessoas envolvidas fundem-se na "re-união" cósmica (...), é voltar às origens. As pessoas envolvidas nesse curto-circuito Encontro-Cosmos retornam fortalecidas, revitalizadas em suas próprias identidades, o Eu será mais Eu e o Tu mais Tu" (Fonseca, 1980, p. 97). A revivência cósmica se assemelha à identidade cósmica inicial, mas se diferencia quanti-qualitativamente. O sistema de unidade-dualidade mostra que a sanidade e a loucura, embora se distingam, nesse momento estão mais próximas. "A diferença entre "saúde" e "doença" é uma questão de caminho, sentido, direção. Alguns procuram a "saúde" para a frente, através da "inversão/experienciação do outro", do "encontro", atingindo o reviver

cósmico. Outros a buscam para trás, regressivamente. Da mesma forma buscam o cosmos, mas no sentido inverso. Retornam a fases anteriores, permanecem na “doença”” (Fonseca, 1980, p.99).

A forma que a criança vivencia as primeiras fases, suas relações primárias, seus primeiros vínculos vai delineando sua personalidade e suas futuras formas de se relacionar. Não sendo registrados tanto fatos biológicos, como sociais e psicológicos, mas Moreno lembra que a vivência (verdade subjetiva) do fato é mais importante que o fato ocorrido em si (verdade objetiva). “O registro abrange a captação consciente e inconsciente dos vínculos e do ambiente” (Fonseca, 1980, p. 105). Conforme for internalizada cada vivência, o registro vai ter uma carga positiva ou negativa, sendo que cada fase pode mais ou menos registrar uma carga ou outra. Os tipos de registros de cada fase vão criando um tipo específico de moldagem psicológica para a pessoa.

“A doença mental pode, levando-se em conta o manancial moreno-buberiano, ser encarada como uma patologia do Encontro, do Eu-Tu. É uma doença situada no Eu-Tu, ou mais explícito, ‘entre’ o Eu e o Tu. Uma distorção do INTER. Uma patologia da comunicação humana. Na verdade, o Eu, sozinho, é uma abstração. O Eu só existe, realmente, na medida em que encontra um Tu. O Eu só conhece e vive o seu mundo, quando consegue interatuar com um Tu real. O Eu tem fome do Tu. A suprema meta é a promessa da ‘inversão’ e a esperança do Encontro” (Fonseca, 1980, p. 132).

Fonseca (2000) propõe quatro grupos de caracterização da personalidade baseados no desenvolvimento da matriz de identidade e nas contribuições de Moreno, Kernberg, Kohut, Fiorini (citados por Fonseca, 2000, pp. 153-155):

- a) Normótico: pessoas com bom desenvolvimento da matriz de identidade; não apresentam sintomas clínicos; não são nem neuróticos e nem psicóticos; podem apresentar dificuldades relacionais, situacionais e existenciais.

b) Neurótico: “é o normótico descompensado e, portanto, apresentando sintomas”. Como obsessivos, histéricos e fóbicos.

c) Psicótico: pessoas com um funcionamento psicótico, podendo estar ou não em surto psicótico.

d) Portadores de distúrbios de identidade:

“Portadores de transtornos ou distúrbios narcíseos, personalidades imaturas, neuroses de caráter, portadores de distúrbios de personalidade, psicopatias”. Nestes casos, o processo de desenvolvimento da matriz de identidade não foi harmônico, principalmente na fase de reconhecimento do “eu” e na fase do espelho (Fonseca, 2000, p. 155).

A auto-imagem transita entre a grandiosidade (eu ideal) e a desvalorização catastrófica (eu considerado fracassado). São inseguros “quanto à sua identidade e quanto à consciência do valor de si mesmos. Apresentam acentuadas dificuldades relacionais com conseqüentes sofrimentos próprios e daqueles aos quais se ligam. Revelam, portanto, sérias dificuldades de inserção social e profissional” (Fonseca, 2000, p. 157).

Precisam da confirmação do outro para a própria existência, precisam do aplauso do outro. Deste modo, criam relações compensatórias, mas que não os livram da culpa, depressão e até da vergonha e fúria. Neste sentido, pode apresentar-se a culpa esquizóide em que o indivíduo se isola, pois acredita que, relacionando com o outro, ele o estará prejudicando com a maldade que tem dentro de si. Além desta, Fonseca (2000, p. 158) ainda aponta a culpa narcísica, a culpa reparatória e a culpa inata ou existencial.

Os portadores destes distúrbios apresentam como sinais, sintomas e traços: “ansiedade, excentricidade, dramaticidade, histrionismo, esquizoidia, atitudes anti-sociais, elementos paranóides, fóbicos, obsessivo-compulsivos e depressivos, manifestações passivo-agressivas e de dependência” (Fonseca, 2000, p. 159).

2.2 Teoria dos Papéis

A Teoria dos Papéis foi sendo desenvolvida por Moreno a partir de suas críticas aos estereótipos sociais e às máscaras da sociedade.

A palavra papel vem do teatro grego clássico em que os textos dos personagens eram escritos em “rolos”. O papel é definido por Moreno (1946/1993, p. 238) “como uma unidade de experiência sintética em que se fundiram elementos privados, sociais e culturais (...) é uma experiência interpessoal e necessita, usualmente, de dois ou mais indivíduos para ser realizado”. Logo, todo papel implica em um contra papel. Esta unidade real de conduta social é considerada por Moreno (1993, 1992) como a expressão observável que o ego adota, o que oferece uma vantagem metodológica em seu estudo em comparação com o estudo da personalidade ou do ego, pois são considerados menos concretos por ele.

Fonseca (2000) ressalta a importância do estudo dos papéis, pois eles expressam as principais características da personalidade em sua totalidade, pois todos os papéis sociais apresentam um aspecto comum que vai sendo adquirido a partir dos papéis psicossomáticos e do imaginário.

“O surgimento do papel é anterior ao surgimento do eu” e da linguagem (Moreno, 1934/1992). Inicialmente surgem os **papéis psicossomáticos** relacionados aos aspectos fisiológicos, são adquiridos a partir de suas experiências com o corpo (papel de ingeridor, urinador, defecador). Estes papéis são responsáveis pela relação do indivíduo com o meio, à medida que estabelece esta relação também se estabelece a diferenciação do indivíduo, que ocorre ao longo da matriz de identidade, em fases gradativas (Fonseca, 1980).

A consciência corporal necessária vai se desenvolvendo para se formar uma identidade do ego. É importante salientar que os papéis psicossomáticos não são meros automatismos fisiológicos, mas requerem um certo nível de improvisação (espontaneidade)

por parte da criança (Naffah, 1979). “Além disso, os papéis psicossomáticos são condutas básicas que vão sustentar os outros papéis que surgem mais tarde, no processo evolutivo ontogenético de cada indivíduo” (Menegazzo, e colaboradores 1995, p. 154).

Os papéis formam conglomerados, nos quais “dá-se uma transferência de *e* (espontaneidade) dos papéis não representados para os que serão representados” (Moreno, 1946/1993, p. 230). Os papéis vão se agrupando até formarem o que se chama **cache de papéis**, os papéis psicossomáticos vão se associando até formar o “eu fisiológico”, à medida que a matriz vai se desenvolvendo surge o “eu psicodramático”, resultado da associação dos papéis psicodramáticos. Estes, por sua vez, vão propiciar as experiências da psique. Em seguida vem o “eu social”, desenvolvido a partir dos papéis sociais. Em torno de cada um desses “eus parciais” (eu fisiológico, eu psicodramático e eu social) se desenvolve um cache de papéis que vão se unificando através de vínculos operacionais até se formar o “eu total integrado”, o “eu” da pessoa. É a aprendizagem e o desempenho de cada papel que promove o treinamento adequado para as situações futuras (Menegazzo e colaboradores, 1995, pp. 141,142).

Enquanto os papéis psicossomáticos incluem elementos da realidade e da fantasia ao mesmo tempo, por se desenvolver na fase inicial da matriz, os papéis sociais referem-se aos elementos reais e os papéis psicológicos ou psicodramáticos referem-se à fantasia.

Embora Moreno utilize os nomes “**papéis psicológicos ou psicodramáticos**” para designar os mesmos papéis, Fonseca (1980) considera importante fazer a distinção entre eles, pois os primeiros referem-se àqueles jogados espontaneamente pela criança, e os segundos, àqueles jogados no cenário psicodramático (contexto de psicoterapia), estando os dois estruturados em nível da fantasia. Os papéis psicodramáticos, nesse contexto, permitem explicitar os papéis sociais.

Os **papéis sociais** são aqueles representados no contexto social, no qual podemos vislumbrar toda a complexa trama de papéis que os sustentam, tais como os papéis psicossomáticos fundantes, os papéis psicodramáticos, psicológicos e familiares (Menegazzo e colaboradores, 1995). Definem-se pelas relações sociais e pelo mundo real (Naffah, 1979).

Naffah (1979, p. 202) critica a visão dos papéis sociais como prolongamentos do “eu”. Para ele estes papéis são mais do que “formas do (sic) eu contactar o meio-ambiente”, têm como principal essência a função de mascarar, acobertar, reificar e alienar o sujeito.

“Poderíamos dizer que nos papéis sociais sempre se encontrará uma fórmula estrutural, que contém a síntese das experiências e marcas afetivas da ‘matriz afetiva primária’. Isto resultará numa ‘modalidade vincular afetiva’ do indivíduo no mundo, nos seus relacionamentos afetivos com os outros” (Fonseca, 1980, p. 112).

“Os papéis sociais relacionam-se com a delimitação do contexto da ‘Sociedade’. Os papéis psicossomáticos delimitam o ‘corpo’ e os psicológicos a ‘psique’. As variações e desequilíbrios no acoplamento das estruturas desses papéis, em seu desenvolvimento, originam características e/ou distúrbios do ego” (Fonseca, 1980, p. 21).

À medida que a criança vai vivenciando cada um desses papéis, vai treinando naturalmente o ir e vir entre a fantasia e a realidade, discriminando, assim, esses dois níveis. Uma dificuldade na alternância entre o jogo dos papéis sociais e psicológicos pode causar uma confusão entre fantasia e realidade na vida adulta.

Moreno (1934/1992, pp. 178) descreve três instâncias para o treinamento: “*role taking*, tomada de papéis” - receptor de papéis. Ocorre a assunção de um papel já estabelecido, sem possibilidade de variação (“conserva de papéis” Moreno, 1934/1992, p. 179), “*role playing*, jogo de papéis” - intérprete de papéis com certa liberdade no

desempenho; “*role creating*” - criador de papéis com maior liberdade no desempenho do papel, fazendo representações espontâneas com criatividade.

O “**papel gerador de identidade**” foi assim chamado por Dalmiro Bustos (citado por Menegazzo, 1995, p. 150) para designar o papel dominante que representa a identidade, revelando sua dinâmica de comportamento. É o papel específico pelo qual nos apresentamos, como: psicóloga, advogado, mãe, dona de casa, casado, solteiro. “Nem sempre o papel com o qual uma pessoa se apresenta socialmente coincide com o papel gerador de identidade”.

Além desses papéis aqui descritos, Menegazzo (1995) apresenta uma vasta classificação de papéis considerando seu desenvolvimento evolutivo; sua potencialidade; sua efetividade e seus modos de atualização; a intersubjetividade e a interobjetividade de suas experiências; o movimento vincular; e as autonomias.

Moreno (1934/1992) propõe vários métodos de medição de papéis, contudo estes métodos não foram utilizados no presente trabalho, uma vez que estes conceitos de Moreno serviram apenas como auxílio complementar para a compreensão do Rorschach.

Levando-se em conta o esquema de desenvolvimento humano proposto por Fonseca (1980), podemos observar no Rorschach como foram registradas as vivências do sujeito participante deste estudo desde as primeiras fases ao longo de sua vida. Ele projeta nas pranchas estas vivências tanto com cargas positivas, como negativas, tal como registrou cada fase de seu desenvolvimento. É possível compreender através destas projeções como se estabeleceram os seus primeiros vínculos (pranchas II, VII, IX), como se relaciona tanto na intimidade bipessoal (VII, III), como sexual (VI), nos grupos (VIII), consigo mesmo, auto-imagem (V), com a figura feminina, o Tu feminino (IX), com a figura masculina, o Tu masculino (IV), como se relaciona com a multiplicidade do mundo (X), como se apresenta a este e lida com as situações novas (I).

O Psicodiagnóstico Rorschach é um instrumento que permite compreender alguns aspectos do desenvolvimento da matriz de identidade, bem como a personalidade se apresenta.

CAPÍTULO 3

PSICODIAGNÓSTICO EM UMA PERSPECTIVA QUALITATIVA

3.1 - Processo Psicodiagnóstico

Arzeno (1995) acentua que “o psicodiagnóstico é um estudo profundo da personalidade”, que ocorre tanto no âmbito clínico, como também em outras áreas (educacional, forense, trabalhista, entre outras). Em cada uma dessas áreas, os objetivos do psicodiagnóstico são específicos, bem como a sua realização.

No trabalho clínico, o psicodiagnóstico nem sempre é utilizado, mas, segundo Arzeno (1995), é de fundamental importância revalorizá-lo. Sua importância se deve ao fato de permitir ao profissional atender com mais eficiência à solicitação do cliente, sabendo o que está ocorrendo. Isso assegura uma melhor qualidade do seu trabalho, seguindo compromisso ético e clínico. Eticamente, o profissional tem que ter ciência daquilo com o que está se comprometendo, e, do ponto de vista clínico, precisa avaliar se o caso é de sua competência ou não, sem assumir uma postura onipotente ou ingênua.

Arzeno e Ocampo (1981) criticam o psicodiagnóstico tradicionalmente concebido, o qual fundamenta-se principalmente no modelo médico e no modelo psicanalítico. A conduta do psicólogo baseada no modelo médico estava próxima de um aplicador de teste, numa atitude de externalidade (a partir de fora). Para isso era necessário que acumulasse o maior número possível de conhecimentos teóricos para melhor descrever e classificar o caso. O objetivo principal era o de determinar a patologia que acometia o cliente, ignorando os aspectos adaptativos e as potencialidades da pessoa.

Neste modelo está presente uma visão dicotômica entre sujeito e objeto, ou seja, entre o psicólogo e o paciente, uma vez que a relação estabelecida entre os dois era uma relação assimétrica (desigual), em que o psicólogo é o único detentor do saber e o paciente

praticamente um informante passivo na situação. A relação entre o psicólogo e o paciente fica distanciada justamente para atender às exigências do paradigma em que se insere (positivista). Recomenda-se uma atitude de neutralidade e imparcialidade do profissional na realização de sua tarefa, devendo evitar ao máximo qualquer nível de troca afetiva. As etapas, por sua vez deveriam obedecer a uma ordem preestabelecida (Arzeno e Ocampo, 1981).

Este modelo foi bastante criticado por Arzeno e Ocampo (1981) e Ancona-Lopez (1998) devido à maneira estanque com que se organiza e por não permitir que novas informações se revelem no decorrer do processo, dificultando uma compreensão da totalidade do cliente. Outra crítica proferida refere-se à relação distanciada que dificulta a expressão do paciente. Sabe-se que, quando uma pessoa procura um psicólogo, muitas vezes, ela já esgotou todas as outras possibilidades de buscar ajuda e não conseguiu superar sua dificuldade sozinha. Nestas circunstâncias, chega ao consultório carregada de ansiedade, tanto pela crise em que vive, quanto pela situação de avaliação a que será submetida, sendo agravado pelo fato de estar entrando em contato com uma pessoa desconhecida.

Conforme observam Arzeno e Ocampo (1981), o modelo psicanalítico, aplicado ao psicodiagnóstico, trouxe importantes contribuições para iniciar a superação de algumas destas dificuldades, uma vez que proporciona uma maior aproximação com o cliente. A técnica da entrevista, fundamentada na associação livre é supervalorizada, em detrimento dos testes. O direcionamento do processo é flexível, pois obedece à necessidade do caso. Na entrevista não estruturada, observa-se tudo que o paciente expressa, atos falhos, respeitando-se, inclusive, a recusa em falar.

Arzeno e Ocampo (1981), porém, criticam este modelo por não ter uma delimitação precisa e o psicodiagnóstico acabar sendo demasiado longo indo para um outro extremo.

Incomodada com esta prática de psicodiagnóstico, Ancona-Lopez (1998) e um grupo de pesquisadores e professores, reuniram-se para discutir e refletir também estas questões. Entre eles, Santiago (1998), afirma que o objetivo principal do psicodiagnóstico não é apenas buscar patologias, mas também as potencialidades e proporcionar ao cliente a possibilidade de compreender sua maneira de ser, bem como de perceber suas novas possibilidades.

Segundo Augras (1998, p.10), diagnosticar é “identificar e explicitar o modo de existência do sujeito, no seu relacionamento com o ambiente, em determinado momento” e nem sempre o resultado do laudo precisa apresentar um tipo de doença, pode ser um caso de personalidade normal, não necessitando de intervenção ou terapia. Isto também estimulou o movimento contra o rótulo psiquiátrico e contra a tendência a encarar a própria vida como doença, o que torna as pessoas cada vez mais dependentes dos profissionais da saúde.

O diagnóstico é processual e pode ser construído, inclusive no decorrer da terapia, excetuando os casos de perícia, orientação vocacional e profissional. Busca-se identificar e explicitar o modo de existência do indivíduo, no seu relacionamento com o ambiente e em determinado momento (tempo, espaço, ele mesmo, o outro). O psicólogo observa também a linguagem, a obra e a situação, entendendo o cliente dentro do contexto em que ele vive. Identifica em que ponto desse processo se encontra o indivíduo, detectando as eventuais áreas de bloqueio ou de desordem e avalia as suas possibilidades de expansão e de criação (Augras, 1998).

Nesta proposta, há uma superação da dicotomia sujeito-objeto, ou seja, há uma mudança na concepção tanto do papel do psicólogo quanto da visão de cliente. No processo de psicodiagnóstico existe uma relação que permite trocas, onde ocorrem, de certa forma, influências recíprocas, que geram mudanças e abrem novas possibilidades. O espaço intersubjetivo é compartilhado por todos os membros, sendo reconhecidos tanto o saber quanto os limites de cada um. O paciente passa a ser chamado de cliente, pois ele não é mais passivo e, sim, ativo e totalmente participante do processo compreensivo; ele é o melhor informante de sua história de vida e, portanto, é ele quem deve dar significado às suas vivências e não o psicólogo apenas. Desse modo, o profissional sempre vai confirmar suas percepções com o cliente, para alcançar uma compreensão co-participativa (Ancona-Lopez, 1998).

O processo psicodiagnóstico é dinamicamente definido, como ressalta Santiago (1998), adequando-se ao caso, as etapas são flexíveis para ampliar a compreensão do cliente e para melhorar a sua capacidade de assimilação e elaboração da devolução.

O psicólogo deve assumir uma postura empática², com intuito de acolher o cliente para que se estabeleça uma relação de vínculo que permita a expressão livre e espontânea deste. Portanto, os testes não são analisados isoladamente, mas sempre correlacionados à história de vida e a outros instrumentos utilizados.

Para Arzeno (1995), nem a entrevista clínica nem os testes são ferramentas infalíveis, por isso a utilização de ambos permite uma maior segurança diagnóstica. Diferentes instrumentos diagnósticos permitem acessar várias vias de comunicação.

O cliente é visto como um ser-no-mundo, considerando o contexto sócio-histórico em que vive (tempo e espaço). Por isso, o profissional deve procurar compreendê-lo em sua relação consigo mesmo, com o outro, com os outros, com o mundo,

no tempo e no espaço. O psicodiagnóstico torna-se um encontro entre duas pessoas, cada uma com seus diferentes papéis e aspirações. É uma relação “*ex opere operantis*” expressão latina que significa relação interativa operante entre dois sujeitos.

Além desta atuação clínica, o psicólogo também deve buscar desenvolver a ciência psicológica, produzindo pesquisas nesta área.

3.2 - Pesquisa Em Psicodiagnóstico

No Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e outras técnicas de avaliação psicológica, Vaz (2001, p. 10) propôs uma reflexão a respeito das pesquisas que vêm sendo realizadas nesta área. Ressalta que “dados quantitativos e elementos qualitativos são a real e principal fonte do expressivo-dinâmico da personalidade humana”. Com estas palavras, mostra a importância de se extinguir a discussão disjuntiva sobre qual é o melhor tipo de pesquisa, quantitativo ou qualitativo. Esta discussão é extremamente infrutífera, uma vez que uma complementa a outra, e não a dispensa.

González Rey (1999) ressalta que a pesquisa quantitativa é o ponto de partida do trabalho. No entanto, é insuficiente para apreender alguns aspectos da dinâmica da personalidade e da vivência dos participantes da pesquisa, necessitando de um aprofundamento através do estudo qualitativo.

Mas, mesmo com a preocupação de integração da pesquisa quantitativa com a pesquisa qualitativa, Vaz (2001) ainda revela em seu próprio discurso alguns resquícios da epistemologia positivista, quando aponta para a discussão “as grandes questões teóricas, validade, confiabilidade, previsibilidade e consistência interna das técnicas de Rorschach e Zulliger (Z-Teste)”.

² Empatia: penetração compreensiva no mundo interior do outro: perceber, pensar, sentir como o outro percebe pensa sente, sem, contudo, assumir como próprio o “sistema” do outro.

Observando os trabalhos que vêm sendo apresentados em congressos, percebe-se que, muitas vezes, o principal objetivo das pesquisas na área de psicodiagnóstico é encontrar uma gama característica de respostas que facilitem os trabalhos de categorização ou classificação das pessoas, para garantir a previsibilidade e a confiabilidade nos psicodiagnósticos, como a própria Arzeno (1995) propõe. Estes objetivos seguem os critérios do paradigma positivista.

Estas pesquisas, porém, não deixam de ser necessárias, mas são importantes, também, pesquisas com estudos de casos que possam transcender os dados quantitativos e compreender a pessoa como um todo, mais profundamente; e não superficialmente com a pretensão de encontrar um conjunto de respostas que sirva de padrão universal a ser seguido em futuros psicodiagnósticos. O singular é a representação concreta, histórica do universal.

Isso não quer dizer que o trabalho de categorização não tenha relevância, porém, seu alcance é limitado, uma vez que suas contribuições não correspondem a todas as possibilidades que podem ser alcançadas dentro da ciência psicológica. Não apreende o sentido singular e subjetivo dos dados, restringe-se apenas ao que pode ser codificado, tabulado e submetido ao tratamento estatístico. O objeto de estudo da ciência psicológica é muito dinâmico e as formas de pesquisas não devem ficar restritas a apenas um tipo de investigação.

Existem algumas características peculiares às pessoas ou até aos grupos que não são passíveis de codificação, ou quantificação. Outros dados que não manifestam relevância estatisticamente significativa podem revelar algo até mais valioso se observados mais atentamente, na singularidade da pessoa ou até do grupo que a manifesta, levando-se em conta seus aspectos contextuais, históricos e vivenciais.

É interessante observar uma pesquisa realizada de 1998 até 2000, cujo objetivo era aperfeiçoar as técnicas projetivas para contribuir com o diagnóstico comparativo entre estelionatários e pessoas idôneas, utilizando como instrumento os testes de Rorschach, Wartegg e o Inventário Fatorial de Personalidade, além de uma entrevista semi-dirigida. Participaram 12 sujeitos do grupo de estelionatários, sentenciados, e 12 do grupo de indivíduos considerados idôneos, com base em sua história de vida. O comportamento do estelionatário é visto pela psicopatologia tradicional como um transtorno de personalidade anti-social ou um comportamento anti-social no adulto. Assim, Petrelli e colaboradores³ (1999) esperavam encontrar uma gama de respostas que caracterizasse este grupo, facilitando, assim, o trabalho do psicólogo em casos de seleção profissional. No entanto, a análise quantitativa dos dados dos testes não mostrou diferenças significativas que possibilitem a identificação de um estelionatário, mas, ao analisar qualitativamente os dados, pode-se perceber um discurso característico de cada grupo estudado. Destacou-se, também, uma relação entre estelionato e normalidade, e idoneidade e manifestações neuróticas. Desta forma, o trabalho questiona a correlação positiva existente na atualidade entre idoneidade/normalidade e estelionato/patologia. Neste caso, se o trabalho tivesse ficado restrito às concepções e categorias preestabelecidas, não teria trazido tanta contribuição à ciência psicológica.

A pesquisa citada, porém, não chegou a ser efetivamente qualitativa, sendo que se assim fosse, teria sido ainda mais reveladora do fenômeno estudado. Um dos fatores que impediu uma melhor produção de conhecimentos foi o fato de ainda estar muito vinculada ao paradigma positivista, a começar pelo objetivo de categorização e previsibilidade, além do difícil acesso ao grupo de estelionatários sentenciados. Mas serviu para chamar a atenção dos pesquisadores para a necessidade da pesquisa qualitativa.

³ Entre eles a autora desta dissertação, Mara Rúbia V. V. Prata.

Segundo Cabral (1999), a análise de discurso favorece uma melhor apreensão do objeto de estudo, indo além de suas aparências. Existem alguns elementos ou dados que são significativos, mas não podem ser apreendidos superficialmente; a linguagem, as palavras ocultam dados e sentidos que não podem ser ignorados.

A análise de discurso é um tipo de análise adequada para se compreender a complexidade do objeto estudado. Permite desvelar o que está oculto, tanto nos atos da fala, como da escrita e até mesmo nos silêncios ou outras manifestações do participante, pois o que é expresso pelo sujeito foi construído de uma maneira tal que tenta camuflar o verdadeiro sentido da realidade (Cabral, 1999).

González Rey (1999 e 1997, p. 155) faz uma crítica aos testes projetivos, que tentaram superar as limitações da medição, mas ainda ficaram presos às categorias estandardizadas em suas interpretações, crendo nos mesmos conceitos de validade e confiabilidade. As categorias utilizadas para a interpretação são preestabelecidas de modo geral e intrínsecas nos testes, “construídas para llegar a resultados concluyentes sobre lo estudiado, en proceso de construcción, sino como vias de producción de resultados específicos (...)”.

Conforme González Rey (1999), a prática do psicodiagnóstico e o trabalho de pesquisa estão diretamente relacionados, uma vez que este campo de ação da psicologia gera a produção do conhecimento acerca de uma pessoa. Sem dúvida, é uma fonte permanente de investigação e, como tal, tem alguns aspectos que são coincidentes. Dentro desta perspectiva de trabalho, a pesquisa visa ampliar os conhecimentos teóricos e aperfeiçoar a prática profissional, devendo se desenvolver de uma maneira coerente com este modo de conceber o humano, bem como as preocupações e objetivos a que se propõe.

Observa-se que a perspectiva de psicodiagnóstico de Augras (1998), Ancona-Lopez (1998) e Santiago (1998) possuem uma sintonia com o pensamento de González Rey (1999, pp. 105, 106) quando este ressalta sua compreensão do diagnóstico:

“El diagnóstico, cuando es comprendido como un proceso teórico de construcción de aspectos subjetivos de un sujeto concreto, sea individual o grupal, sigue las mismas reglas que la investigación cualitativa...”

“Entendemos el diagnóstico psicológico como aquel proceso orientado a develar al sujeto estudiado en su singularidad, sea en la constitución subjetiva de sus síntomas, o de cualquier proceso o capacidad que pretenda ser estudiada. En este sentido, el diagnóstico es un proceso de producción de un conocimiento diferenciado que puede ser utilizado en la investigación científica”.

Percebe-se, portanto, que a pesquisa qualitativa compartilha as idéias apresentadas de psicodiagnóstico. Tanto a pesquisa quanto a prática psicodiagnóstica apresentam uma orientação filosófica na Fenomenologia e na Dialética. Tanto uma quanto a outra sugerem uma pesquisa participante interativa e construtiva.

O psicodiagnóstico, como qualquer outra investigação qualitativa “es un proceso dinámico que se expresa dentro de una progresiva continuidad que no se agota en ninguna de sus formas de expresión (...)”(González-Rey, 1997, p.245).

A Dialética também concorda com a relação dinâmica entre sujeito-objeto, vendo o pesquisador como ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais. Focaliza a atenção nas contradições entre o todo e a parte (Chizzotti, 2001).

A fenomenologia recomenda uma postura aberta, visando a um contato direto com o fenômeno, em que cliente e psicólogo são co-participantes, como já foi dito. Procura ir além das aparências e considera o fenômeno como um todo compreendido em seu contexto histórico, relacional e espacial. As experiências empíricas são reconhecidas como

de produção conceitual e o investigador integra as idéias manifestas na relação para construir o conhecimento.

Para Forghieri (1993), o método de investigação fenomenológico tem como ponto de partida o próprio fenômeno, para que seja feita uma descrição autêntica das essências da vivência. Mas, para que esta descrição seja autêntica, deve-se estar livre de pressupostos teóricos e *a priori*, em geral (*epoché*), pois é o próprio objeto de pesquisa que irá definir os objetivos, os problemas, as possibilidades e as limitações. Fatos e explicações são colocados, temporariamente fora de ação, favorecendo a reflexão sobre a experiência. Isso não quer dizer que se tenha que renunciar a tudo que se sabe, mas mostra que mais precípuo que julgar é olhar.

Esta forma particularmente aberta de ir à *coisa mesma* possibilita ampliar o campo de investigação, que, apesar de não iniciar com hipótese e pressupostos, tem uma noção geral do que buscar e como deve ser buscado, e é nesta forma de investigação que está a metodologia fenomenológica, através da qual pode-se alcançar a essência da totalidade estudada, indo além das aparências. Nesta perspectiva, o que é mais relevante é o *como*, a compreensão do fenômeno e não o *quê*, a explicação causal do mesmo (Martins, 1984).

Chizzotti (2001) corrobora que na pesquisa qualitativa o pesquisador, ao se deparar com o objeto de estudo, deve abster-se de todos os preconceitos, a fim de compreender os fenômenos em sua globalidade. Ele sai de um papel passivo para uma atitude ativa, participante, compartilhando, vivenciando o espaço do tempo vivido dos investigados, para que possa descrever minuciosa e prudentemente, bem como para melhor apreender o objeto de estudo.

Uma pesquisa na área de psicodiagnóstico, utilizando a epistemologia qualitativa e fenomenológica exige uma mudança na maneira de conceber o processo de

construção do conhecimento. O pesquisador e o sujeito participante da pesquisa são vistos de uma forma diferente, em um processo constante de comunicação, como já se afirmou.

Na pesquisa qualitativa, o problema se define ao longo da pesquisa, à medida que o pesquisador entra em contato com o fenômeno a ser estudado e observa os questionamentos que vão surgindo. Os dados da pesquisa também vão ser produto da relação estabelecida entre o pesquisador e o participante, em um processo de co-construção contínua.

O pesquisador, além de ser atuante, busca compreender os fenômenos no contexto em que este se insere, onde se pode observar o máximo de suas dimensões e relações. O pesquisador vai centrar toda sua atenção no sujeito, resgatando a singularidade. Esta investigação mergulha na subjetividade do sujeito e observa o processo de construção desta. Entra em uma zona da realidade que a pesquisa quantitativa não consegue apreender.

Nesse sentido, o conhecimento é construído por meio de um processo que visa acompanhar e compreender a complexidade da realidade em sua dinamicidade, sem se preocupar com a previsibilidade, causalidade e replicabilidade. Deste modo, o pensamento teórico não pode ser fixo ou definitivo, tendo que acompanhar esta dinamicidade. Para Jaspers (1979, p. 49) “é das generalizações absolutas que nascem os preconceitos”.

Para penetrar na zona da realidade, o pesquisador deve ir além dos significados culturais construídos, deve atingir o sentido que o fato tem para o sujeito. González Rey (1999) distingue significado e sentido, e explica que significado é a expressão de um código, de um sistema não verbal, é um símbolo criado socialmente. Já o sentido vem da experiência concreta. O autor associa o significado à vivência de uma emoção, é uma dimensão complexa da psique. O significado fica associado ao universal e o sentido ao singular.

Esta visão de pesquisa qualitativa se baseia na proposta de González Rey (1999, 1997) sendo bastante coerente com a fenomenologia e a perspectiva de psicodiagnóstico, já apresentada, mostrando novas possibilidades de se fazer pesquisa nesta área, superando as limitações da pesquisa unicamente quantitativa e trazendo maiores contribuições para a compreensão do ser humano em sua totalidade.

Na pesquisa qualitativa o número de sujeitos participantes é definido pela natureza do problema e necessidade do investigador e não por critérios estatístico-populacionais preestabelecidos.

Na epistemologia qualitativa, a generalização não se dá pela repetição (frequência) dos resultados, mas pela produção teórica que acompanha a realidade em vários momentos da compreensão do funcionamento do fenômeno (González Rey, 1999).

“Las ideas desarrolladas en la psicoterapia, el diagnóstico u otras formas de práctica profesional, se legitiman por su significación en el momento actual de la producción del conocimiento, para lo cual no necesitan de fundamentación estadística, ni de haber sido el resultado de un experimento, o de una técnica validada y estandarizada” (González Rey, 1999, p. 104).

O estudo de caso singular legitima-se quando a produção de conhecimento construída a partir da sua investigação apresenta reflexões, novas idéias importantes para o crescimento da ciência psicológica. A compreensão da individualidade tem valor de generalização para o sujeito concreto estudado (González Rey, 1999).

“La especificidad del sujeto tiene el suficiente valor para formar parte esencial de la situación social dentro de la que se define” (González Rey, 1997, p. 263).

Jaspers (1979, p. 72) acrescenta que “na fenomenologia importa menos acumularem-se casos sem fim do que a visão interna, o mais possível completa, de casos particulares”.

Para Laing (1969/1991), não se pode compreender o homem como um organismo coisificado, em prol da objetividade científica, como um sistema orgânico de processos ou como máquina. A psicopatologia tradicional busca a objetividade e a imparcialidade através da despersonalização da pessoa. E estudar uma pessoa através de sua despersonalização é incoerente, tornando a psicopatologia tradicional esquizóide.

A fenomenologia existencial propõe que o ser humano seja estudado em sua totalidade no relacionamento com os outros e em relação com o mundo. “O outro como pessoa é visto por mim como responsável, capaz de optar, em suma, um agente autônomo” (Laing, 1969/1991, p. 21).

Laing (1969/1991, p. 21) acrescenta que “o homem visto como um organismo, ou o homem visto como uma pessoa revela ao pesquisador diferentes aspectos da realidade humana”.

A objetivação do ser humano, no entendimento de Laing (1969/1991), leva a um falso conhecimento e não consegue apreender a experiência de vida subjetiva da pessoa e a dinamicidade do ser humano.

Laing (1969/1991, pp. 23, 24) afirma que:

“É impossível ser científico sem manter a “objetividade”. Uma ciência genuína da existência pessoal deve evitar o mais possível ser tendenciosa (...) Caso se afirme que para ser imparcial é preciso ser “objetivo” no sentido de despersonalizar a pessoa, que é “objeto” de nosso estudo, deve-se resistir vigorosamente a qualquer tentação de fazê-lo sob a impressão de que assim se está sendo científico. A despersonalização numa teoria que pretende ser da pessoa é tão falsa como a despersonalização esquizóide dos outros e é igualmente, em última análise, um ato intencional. Embora realizada em nome da ciência, tal objetivação proporciona um falso “conhecimento” e é uma falácia tão patética quanto a falsa personalização das coisas”.

O método fenomenológico será tratado brevemente no capítulo ulterior.

CAPÍTULO 4

MÉTODO FENOMENOLÓGICO

“É tarefa da fenomenologia existencial articular o que é o ‘mundo’ do outro e a sua maneira de nele se encontrar” (Laing, 1969/1991, p. 25).

A expressão “fenomenologia” é derivada de duas expressões gregas, *phainomenon* (aquilo que se mostra por si mesmo) e *logos* (discurso esclarecedor). Portanto, fenomenologia quer dizer “discurso esclarecedor daquilo que se mostra por si mesmo”, sendo considerada uma “ciência genuína da experiência” (Martins, 1984, p. 70).

A partir dessa idéia, Husserl (citado por Martins, 1984, p.79) propõe “voltar às coisas mesmas”, ou seja, entrar em contato com o fenômeno, com a experiência e, a partir daí, começar a investigação, o que não significa olhar apenas superficialmente, mas buscar entender o fenômeno como um todo, considerando tanto a subjetividade quanto a objetividade. Entende-se aqui a “coisa mesma” como fenômeno com um sentido, integrando a consciência e o objeto.

A noção de intencionalidade da consciência, apresentada por Husserl, atribui à consciência o papel de dar sentido às coisas, uma vez que “toda consciência é consciência de alguma coisa” (Forghieri, 1993, p. 15). A consciência só existe enquanto relacionada a um objeto, bem como sujeito e mundo estão relacionados mutuamente.

Husserl (1965) compreende o Ser relacionado à consciência; assim, a Teoria do Conhecimento visa investigar esta relação. Para ele a compreensão do Ser depende da

compreensão da consciência. Esta investigação deve ser orientada para uma intuição essencial e científica da consciência, para o significado invariante em formas distintas. A compreensão da consciência em sua totalidade, essência e intencionalidade permitirá a compreensão do Ser. Com este tipo de estudo, Husserl pretendia favorecer melhor clarificação e objetividade, chamando-o de estudo fenomenológico.

Neste sentido, não se pode pensar no mundo, ou no homem, sem que um esteja relacionado ao outro. O homem e o mundo não são entidades independentes e separadas, existe uma inter-relação entre eles, um não existe sem o outro, o que remete a um termo comum no existencialismo: o ser-no-mundo. O mundo ao qual se refere não é a natureza puramente, é o mundo humano, como realidade criada pelo homem, na qual ele está inserido, o que é corroborado por Forghieri (1993).

Giles (1989) aduz que, apesar de a psicologia tratar da questão da consciência, Husserl pretendia ir além da análise psicológica. Para Husserl, numa filosofia científica, toda afirmação metafísica, todos os conceitos das ciências naturais, da psicologia, toda a maneira de pensar, todos os juízos que não são fundamentados na experiência, enfim, a subjetividade do filósofo não pode servir de ponto de partida, mas deve sê-lo o próprio fenômeno que guiará até as essências.

Para Husserl (1965), a Fenomenologia é a única teoria que pode fundamentar uma filosofia do espírito, uma vez que esta teoria do Ser pode atingir o espírito geral, partindo do espírito individual. Giles (1989) afirma que a fenomenologia pode atingir o ser essencial, o absoluto válido para todos em todas as épocas.

Como foi ressaltado anteriormente, Husserl (1965) propõe que o sistema deve ser dinâmico, uma vez que acompanha a análise da consciência que se encontra em constante evolução a partir dos conhecimentos fenomenológicos que vão surgindo. Este

devir garante a dinamicidade, a reconstrução de conceitos e termos, mas não destroem as evidências anteriores, sendo feita uma reciclagem cada vez mais clara.

Para atingir este rigor científico, a fenomenologia apresenta algumas exigências fundamentais. Deve assumir uma orientação objetiva para as coisas em si mesmas, como se apresenta à intuição, sem se deixar influenciar por premissas que podem ocultar a verdade do fenômeno.

O termo “fenômeno” não é compreendido da mesma maneira que nas ciências naturais, não podendo ser suscetível às mesmas determinações objetivas, uma vez que não se pode atribuir natureza a fenômeno, pois é transitório e não conserva em si ser permanente algum que possa ser dividido em componentes. Para Husserl (1965, p. 33):

“O Ser psíquico, o Ser como “fenômeno”, em princípio, não é uma unidade, acessível como individualmente idêntica à experiência numa pluralidade de percepções isoladas, nem sequer em percepções do mesmo sujeito (...) O que o Ser psíquico “é”, a experiência não o pode ensinar no mesmo sentido que se aplica ao físico. Pois o psíquico não é aparência empírica: é “vivência” averiguada na reflexão, auto-evidente, num fluxo absoluto, como actual e já “esmorecendo”, perdendo-se constantemente e evidentemente num passado”.

O psíquico, para Husserl (1965), pode ser lembrado, portanto, experimentado e modificado, formando uma continuidade, uma unidade que difere da natureza em sua substancialidade e causalidade.

A Fenomenologia deverá dedicar-se a estudar os fenômenos como são revelados à consciência, descrevendo-os fielmente numa atitude penetrantemente intuitiva, fenômeno este, manifestado na consciência, tanto como objetos da mesma, como atos, sejam intelectivos, volitivos, ou afetivos, sendo conteúdos intencionais da consciência. Os fenômenos oferecem um conhecimento que revelam as essências das coisas. O único caminho que Husserl admite para atingi-las é o da intuição. Giles (1989, pg. 69) aponta que

“as essências não podem ser derivadas das aparências: podem apenas ser vistas ou intuídas nas aparências”.

Husserl (1965) garante que a intuição filosófica direta, em seu sentido autêntico, favorece uma percepção fenomenológica do Ser, a qual alcança amplas e rigorosas intelecções.

Husserl, segundo Giles (1989), propõe que o conhecimento empírico seja guiado pelas leis eidéticas, para buscar a ontologia da natureza. A *eidética* é um forma de atingir o transcendental, alcançando o ideal fenomenológico, a sua essência. Esta essência é o *eidos* do objeto, o invariante, o qual permanece idêntico durante suas variações.

Giles (1989) complementa que uma ontologia formal executa seu estudo partindo de essências regionais até atingir a essência do objeto em geral. Desta forma, a fenomenologia é tida como ciência *eidética* rigorosamente exata.

Para transformar a filosofia em uma ciência de rigor, Husserl propõe que esta deve apoiar-se nos problemas a serem resolvidos com um contato direto com o *eidos*, oportuniza uma *perspectiva* intuitiva das essências, sem sofrer influências de teorias preconcebidas (Giles, 1989).

Para Husserl (1965), é só por meio da fenomenologia que se pode alcançar uma objetividade com uma permanência e universalidade suficientemente científica. Esta objetividade é para o autor o ser absoluto proveniente de uma evidência apodítica através da subjetividade transcendental. Deste modo, integra a objetividade e subjetividade. Entende-se que todo objeto da mente, seja ele real ou imaginário, tem uma consistência de realidade. Sendo assim, o produto do pensamento de uma realidade é o produto de uma mente pensante, por isso é real, daí a objetividade absoluta.

O “olhar fenomenológico” implica um olhar atento, onde por meio da *epoché* se busca chegar às essências. Para isso devemos prescindir de todos os elementos do objeto

que não sejam essenciais. A este processo Husserl chamou de reduções (Martins, 1984, p.81).

Para atingir as essências, Petrelli (1999) descreve as reduções, com as quais se alcança este objetivo. Explica que a primeira redução, chamada Histórica, é justamente o deixar de lado os preconceitos e o *a priori* que possam impedir o contato com a realidade do fenômeno, é um respeito aos seus elementos constitutivos significativos verdadeiros, permanecem é claro, apenas alguns dados que vão dirigir o olhar e dizer a que se deve prestar mais atenção. Petrelli (1999) acrescenta que são os dados da realidade ditam o método.

De acordo com Petrelli (1999, p.19), a redução eidética (segunda redução), ainda utilizando a *epoché*, isola uma invariante que é a essência universal, a que Husserl nomeou de “*eidós*”, por exemplo, a configuração universal de um quadro psicopatológico ou até da própria normalidade, buscando atingir melhor compreensão da realidade através do desvelamento desta pela intuição dos universais.

Já a redução transcendental (terceiro momento), de acordo com Petrelli (1999, p.20) corresponde a uma “intuição das singularidades”, onde os universais são ‘epocados’, a fim de se atingir sua estrutura singular, seguindo a proposta de Heidegger.

Deste modo, o método fenomenológico possibilita atingir uma compreensão além de uma visão das essências universais, chegando-se às essências individuais, respeitando-se a singularidade de cada um e o contexto em que vive. Segue a “ciência eidético-universal” elaborada por Husserl e a “ciência de realidades eidéticas formuladas por Heidegger” (Petrelli, 2001).

A fenomenologia existencial também visa caracterizar a natureza da experiência da pessoa com seu mundo e consigo mesma (Laing, 1969/1991).

O enfoque fenomenológico não possui um método nos padrões da pesquisa científica tradicional, com um procedimento metodológico canônico, obedecendo a uma seqüência (problema, hipótese, definição de variáveis, teoria explicativa); ele abstém-se desse tipo de procedimento tradicional, uma vez que foi formulado como uma alternativa de superação do positivismo.

Assim sendo, a pesquisa fenomenológica possui uma concepção de metodologia de pesquisa científica diferente, com uma postura de investigação baseada nos princípios que regem esta corrente de pensamento, tendo uma visão de ciência distinta da visão de ciência natural ou positiva. Esta forma de pensamento vai delinear uma visão de homem, uma maneira peculiar de pensar, observar e investigar os eventos, criando uma postura de investigação definida como postura fenomenológica.

Em cada estudo, a influência fenomenológica ocorre de uma forma. Há casos em que serve como referência teórica e metodológica, em outros se presta para a orientação reflexiva sistemática, e, em alguns, pode servir como um instrumento de diálogo com diferentes tendências do pensamento psicológico contemporâneo.

O Rorschach é um instrumento que contribui para retratar a experiência individual de cada sujeito, a singularidade, bem como permite a compreensão da essência universal.

CAPÍTULO 5 - METODOLOGIA

5.1- Procedimentos:

Como já foi dito, o presente trabalho buscou, através de um estudo de caso, compreender o modo de ser no mundo, a constituição subjetiva e a singularidade do sujeito, no decurso de um estudo psicodiagnóstico. Pretendeu, ainda, mostrar a importância da utilização qualitativa do Rorschach para a compreensão do fenômeno estudado.

Neste trabalho, o processo psicodiagnóstico adquiriu uma forma de investigação quanti-qualitativa, desenvolvida em uma perspectiva fenomenológica, conforme foi discutido nos capítulos anteriores.

A participante soube da pesquisa através de uma terceira pessoa e mostrou interesse em participar da mesma. Sendo assim, a pesquisadora entrou em contato por telefone, explicando com mais detalhes os objetivos e a natureza do trabalho. Foi marcado um encontro para se realizar a primeira entrevista. Neste contato, a participante autorizou a gravação das entrevistas e assinou o termo de compromisso (Anexo 1) autorizando a utilização dos dados para a realização da pesquisa.

No segundo encontro, aconteceu a segunda entrevista, cada uma teve a duração média de duas horas. O relatório das duas entrevistas realizadas, encontra-se à disposição no anexo 2.

Posteriormente, foi-lhe entregue o conjunto de frases para completar (Anexo 3).

No terceiro encontro foi aplicado o Rorschach em um consultório, adequado a este fim. Foram utilizadas todas as pranchas bem como os demais materiais necessários para a aplicação, segundo as normas padronizadas. Inicialmente, foi feita a aplicação padrão e, depois do inquérito tradicional, empregou-se o inquérito ideo-afetivo⁴. Neste, cada uma das pranchas é apresentada novamente ao sujeito para que ele atribua a cada uma delas um título e manifeste um sentimento causado pela mesma.

Houve ainda um quarto encontro, quando foram discutidos, com a participante, os aspectos observados (devolução). Este encontro teve duração de duas horas.

5.2- Instrumentos:

Foram utilizados como instrumentos a entrevista semi-dirigida, o Psicodiagnóstico Rorschach (vide capítulo 6) e a complementação de frases.

A entrevista foi realizada para se obterem dados sobre a história de vida e mostrar como a pessoa se percebe ao longo de sua vida, em vários momentos.

A complementação de frases, por sua vez, que é um instrumento qualitativo muito usado por González Rey (1997, 1999), ajuda a estimular a expressão do sujeito proporcionando novas oportunidades de expressão da subjetividade. Este conjunto consistiu de 50 frases incompletas, as quais deveriam ser completadas livremente pela participante, segundo o que lhe viesse à mente no imediato momento em que as lessem.

⁴ O inquérito ideo-afetivo é uma proposta do Professor Dr. Rodolfo Petrelli, que está descrito em seu livro que encontra-se no prelo.

Essas frases foram elaboradas exclusivamente para esta pesquisa e ofereciam □ oportunidades para expressar temas como auto-imagem (*estou melhor, às vezes sinto, me realizo*), motivações (*eu espero, necessito*), convivência (*em casa, os homens, na família*), conflitos (*não posso, fico constrangida, me frustra*), temporalidade (*daqui a 5 anos, quando era pequena, antes de casar*), trabalho (*o trabalho, sem trabalho, a profissão*), autonomia (*tomar decisões, liberdade*) e outros.

5.2.1 - Psicodiagnóstico Rorschach

É um teste projetivo que se constitui de dez pranchas padronizadas, compostas por manchas de tinta, cuidadosamente selecionadas, de modo que cumpram certos requisitos de composição e ritmo espacial; são simétricas, o que, de certa forma, condiciona o teste de maneira igual para destros e canhotos. Esta simetria ainda favorece as interpretações das pessoas inibidas ou bloqueadas.

Através deste instrumento, o indivíduo é:

.....“induzido a revelar seu mundo privado, expressando o que vê em diversas lâminas onde pode projetar seus sentimentos, justamente porque as lâminas não constituem objetos socialmente estandardizados ou situações frente às que deve dar respostas culturalmente aceitas” Frank (citado por Adrados, 2000, p.6).

A interpretação das manchas situa-se no campo da percepção e da apercepção. De acordo com Mc Cully (1980), os sujeitos submetidos ao Rorschach não podem recorrer às experiências anteriores, o que os coloca em uma condição similar ao homem primitivo, podendo evocar aspectos diversos do mundo interior, reconduzindo o potencial psíquico do indivíduo de modo oposto à consciência.

“O teste revela a organização básica da estrutura da personalidade, incluindo características da afetividade, sensualidade, vida interior, recursos mentais, energia psíquica e traços gerais e particulares do estado intelectual do indivíduo”(Adrados, 2000.p. 5).

O método fenomenológico, aplicado ao Rorschach, propicia a compreensão das estruturas, das dinâmicas e das temáticas constitutivas da experiência humana. Esta compreensão ocorre através de um ato intuitivo disciplinado metodologicamente, que busca no fenômeno os elementos que permitem seu desvelamento.

O Rorschach apresenta categorias universais para o seu estudo, mas a leitura fenomenológica do Rorschach valoriza também as categorias singulares que emergem do fenômeno.

Cada prancha mobiliza estruturas e dinâmicas psíquicas específicas, ou seja, possuem especificidades e significados variados, constituindo um dos aspectos universais do teste.

PRANCHA I (Apresentação de si)

É uma prancha acromática, que propicia tanto interpretações globais como de detalhes (Rorschach, 1979). Permite a percepção dos dois detalhes laterais, importantes para detectar o fenômeno especial da dualidade (será discutido posteriormente).

O significado da prancha I não se restringe a apenas o que a mancha mobiliza, mas também pelo fato de ser a primeira a ser apresentada.

Representa simbolicamente todas as situações novas, em que o sujeito tem que reagir espontaneamente à realidade imediata, sem ter como recorrer a experiências passadas ou prever o que pode ser uma boa ou má resposta. Neste caso, o examinador é visto numa posição representativa de autoridade, com o poder de “julgar” o valor das respostas, o que contribui para mobilizar a ansiedade, por ameaçar a auto-confiança e a auto-competência do examinando. Revela como o sujeito se apresenta à realidade, de que maneira enfrenta o mundo e com que recursos. Pode-se dizer que está relacionado com o presente.

O detalhe central da prancha evoca também o arquétipo da maternidade, sendo, muitas vezes, percebido como uma figura feminina. O primeiro contato que a criança tem

com o mundo se dá através da mãe, e é nesta relação que o bebê vai aprender a lidar com as novas situações espontaneamente.

PRANCHA II (Enfrentamento dos traumas)

A prancha II constitui-se de três elementos: o preto, o branco e o vermelho, sendo a primeira vez que aparece o vermelho. Assim, ainda persiste o sentido de novidade, mas o que prevalece é que estes três elementos simbolizam as situações traumáticas da vida do sujeito, remetendo ao passado.

O vermelho vivo desta prancha representa a força, a violência, a agressão física. Causa reações de choque em quem tem em sua história de vida experiências de agressão física.

O preto representa a escuridão da noite, evocando o medo, ameaça à segurança, evoca experiências traumáticas de agressão, culpa. A sobreposição do vermelho no preto mobiliza mais a culpa moral, representativa de ofensa à própria imagem.

O branco, por sua vez, simboliza o vazio, a perda, o abandono, principalmente relacionados à mãe.

A análise desta prancha permite compreender como o examinando estruturou as experiências traumáticas por ele vivenciadas.

PRANCHA III (Dinamismo)

É uma prancha preta e vermelha.

Nesta prancha, segundo Minkowska (citada por Petrelli,1991), o mal-estar dá lugar ao alívio e prazer. O vermelho adquire uma identidade particular independente do preto. Muchielli (citado por Petrelli,1991), acrescenta que, além do desaparecimento dos elementos ansiógenos da prancha II, esta proporciona uma maior facilidade de interpretação.

É a prancha que mais desperta cinestésias. Além disso, esta prancha propicia o reconhecimento de si e do outro como semelhante, bem como o reconhecimento do próprio projeto de vida. Percepção do humano em sua interação dual. Mostra, ainda, o quanto de energia vital (*élan vital*), de recursos próprios de que o sujeito dispõe para colocar em prática seu projeto de vida e superar os traumas. Neste sentido, está mais relacionada ao futuro. Isto pode ser detectado a partir da resposta GKH/Ban (*dois humanos em movimento*) nesta prancha, indicando um bom prognóstico para o examinando, uma vez que desvela o reconhecimento da alteridade, sendo capaz de se relacionar objetivamente com o outro, em seu projeto de vida, pela força do *élan vital*. Isso inclusive viabiliza o processo psicoterapêutico e a convivência comunitária.

PRANCHA IV (Relação com autoridade)

A mancha predominantemente preta desperta o arcano equivalente às figuras mitológicas detentoras do poder de destruir e de proteger. Coloca o examinando em contato com o misterioso, o grande, o transcendente; com o outro que é superior, onipotente, que dita as normas, patriarca, potente, viril, exigente do desempenho alheio, despertando um sentimento de pequenez, submissão, anulação, bem como de reverência e respeito. Esta prancha revela, portanto, como o examinando se relaciona e vivencia diante do masculino viril e da autoridade de maneira positiva ou negativa, como se posiciona na dialética autoridade-submissão (dominador-dominado) e que emoções são eliciadas.

Revela como a pessoa estruturou e integrou suas vivências profundas da primeira infância em relação à imagem paterna.

Para Muchielli (citado por Petrelli, 1991, p.14), a prancha IV “corresponde às situações de insegurança produzidas por uma relação interpessoal negativa impondo um constrangimento massivo. É, portanto, a resistência do sujeito à inferioridade e à anulação”.

PRANCHA V (Integridade)

É uma prancha acromática.

Sendo esta, que sucede outra difícil de ser interpretada, causa uma facilidade, mesmo porque sua estrutura “unitária, integrada, harmônica e equilibrada” é de evidente interpretação. Deste modo, o sujeito se dá conta de suas possibilidades quando diante da realidade (Petrelli, 1991, p.28).

Revela a percepção que o sujeito tem de sua corporalidade, bem como sua identidade, relacionada ao “eu”, ao outro e ao mundo. Evoca, de acordo com Muchielli (citado por Petrelli, 1991, p.15), “a livre expressão do sentimento de si, do sentimento de unidade pessoal, como função de síntese, de criação e de liberdade”.

Mostra a facilidade ou dificuldade de aceitar o mundo real. Capta a possibilidade do sujeito em responder ao imediato óbvio, lógico, o senso comum das pessoas, a capacidade de perceber a realidade, com os processos de reconhecimento do grupo.

Geralmente, a sensação é de leveza e apresenta a visão do todo.

PRANCHA VI (Sexualidade / Genitalidade)

Prancha acromática.

Nesta prancha, o examinando é levado a se definir diante da própria genitalidade, integrando-a à sexualidade e retomando a dimensão erótica, prazerosa, lúdica e alegre.

Esta prancha mobiliza tanto experiências positivas quanto negativas, apresentando defeitos e patologias ou potencialidades. Muitas vezes, a frustração por não se atingir uma experiência de prazer carrega a genitalidade de ansiedade, medo, vergonha, o que obsta o encontro autêntico com o outro em intimidade.

Do ponto de vista da convivência, podemos dizer que esta prancha revela como a imagem sexual de si e do outro é integrada no mundo da consciência e como enfrenta a sexualidade quando solicitada, quer pelos apelos da própria sexualidade quer pelos apelos do outro no convívio social e na intimidade (Petrelli, 1991, p. 16).

PRANCHA VII (Relacionamento Interpessoal)

Prancha acromática. É considerada materna, por apresentar-se com um grande espaço em branco. Deste modo, desperta sentimentos negativos como a sensação de vazio, abandono, insegurança profunda, exclusão do convívio, solidão, bem como sensação de receptáculo, acolhimento e segurança da vida. Pode despertar sentimentos positivos ou negativos.

Segundo Loosli-Usteri (citada por Petrelli, 1991), o espaço representa o útero materno.

Ainda evoca o sentido de intimidade relacional, da dualidade, tanto no encontro como no desencontro; da convivência e da solidão.

Apresenta as formas de convivência “eu-tu” dialogante, indo além da simples percepção do outro, mas numa dialética unidade-dualidade em que o “eu-tu são partes dotadas de uma unidade, totalidade e dualidade, ontologicamente pré-existentes, a ponto de poder afirmar que o eu e o tu derivam, reciprocamente, dessa dualidade ontologicamente originária”. (Petrelli, 1991, pg.30)

Quando o examinando percebe a dualidade em humano, e melhor ainda em movimento, podemos afirmar que este bom desempenho revela sua boa capacidade de relacionar com o outro em intimidade e reciprocidade (encontro autêntico). Por outro lado, Myriam Orr (citado por Petrelli, 1991) esclarece que choque a esta prancha representa um relacionamento perturbado com a mãe, dificuldades afetivas e, conseqüentemente, sexuais.

PRANCHA VIII (Socioafetividade)

Esta prancha revela a habilidade do examinando em estabelecer contato social e a qualidade da adaptação social, o habitar em conjunto. Exige o reconhecimento do outro e da própria afetividade, o que é essencial para uma convivência construtiva. Esta convivência é baseada na empatia-simpatia, no reconhecimento das normas e valores.

Esta é uma prancha colorida que segue outras acromáticas. Espera-se uma resposta DF+A/ban (dois animais quadrúpedes), com relação aos detalhes laterais rosa. Revela a capacidade de dar respostas socialmente aceitas, de compreender regras e normas de convivência com sintonia afetiva e amorosa.

A não percepção do detalhe banal indica dificuldades de adaptação ao grupo e de comunicação afetiva (não percepção da cor).

PRANCHA IX (Inteligência Emocional)

Esta prancha evoca o arquétipo feminino materno, a intimidade e afetividade mais profunda, primária ligada à imagem materna, levando a uma regressão ao nascimento e ao útero. Registra o tipo de *imprint* emocional do nascimento.

O fato de se tratar de uma prancha colorida, com cores mais difusas se interpenetrando, convida o examinando a estruturar os elementos; para a realização desta tarefa buscam-se energias mais profundas. A incapacidade de realizar esta incumbência gera angústia e ansiedade.

O feminino está relacionado ao arquétipo da vida; sendo assim, apresenta as reações do examinando diante da vida, amando-a ou com raiva e mágoa. Uma maneira positiva de vivê-la é aquela em que se associam as “dimensões humanas, a inteligência, a afetividade e a vontade” (Petrelli, 1991, p.31).

Manifesta o emocional primário e profundo da pessoa: o otimismo ou pessimismo básico; paz/guerra; esperança/desesperança; irritabilidade/tolerância; tranqüilidade/agitação; amor/ódio.

PRANCHA X (Inteligência Organizacional)

Também multicolorida. Segundo Muchielli (citado por Petrelli, 1991, p.22), esta prancha representa “a vida cotidiana no seu aspecto social, comportando uma multiplicidade de ações a desenvolver sob o olhar de outrem”.

Mostra a capacidade do “eu” em manter sua unidade diante da multiplicidade do mundo, no fluir do tempo, vivendo diferentes formas de existir. Para isso, é preciso ter habilidade para organizar os objetos fragmentados, dispersos no mundo. O caos afeta o humano de forma diferente e esta prancha indica a capacidade sistemática de enfrentamento do caos, a capacidade de organizar o mundo pessoal, com cada coisa em seu lugar.

A resposta banal esperada nessa prancha, segundo Muchielli (citado por Petrelli, 1991), é a DF+A/ ban (dois animais com várias pernas, aranha, por exemplo) nos detalhes azuis.

Contudo, quem tem a unidade do “eu” ameaçada pode não conseguir colocar ordem no caos e se desesperar, como é o caso do esquizofrênico que, ao ter apresentado resposta D na prancha V, na prancha X tenta se recuperar com uma G, que não é adequada e denuncia mais ainda sua fragmentação.

As respostas dadas pelo sujeito em relação às dez pranchas revelam atitudes que passam do perceptivo ao projetivo, do percebido ao vivido, articulando e revelando as diversas modalidades de seu existir pessoal atual, como ser em relação, com as marcas iniciais do passado e as perspectivas para o futuro.

Existem várias escolas que trabalham com o teste Rorschach, sendo que cada uma utiliza uma nomenclatura particular para classificar as respostas (cotação). Pode-se distinguir a escola francesa de Loosli-Usteri, Ombredane & Canivet, a escola suíça de Binder, a americana de Klopfer, Exner, Beck, Oberholzer, entre outras escolas. Neste trabalho, optou-se por seguir a escola francesa (Loosli-Usteri, 1965), com algumas adaptações orientadas pelo professor Dr. Rodolfo Petrelli. A nomenclatura utilizada está sintetizada no quadro 1:

Quadro 1- Nomenclatura utilizada na avaliação do teste de Rorschach⁵.

Simbolos	Significação
R	Número total de respostas
T	Tempo total
T/L	Tempo de latência
^ V > < /	Posição da prancha na interpretação das diferentes respostas
G	Resposta global
Ø ou Gcort	Resposta global cortada
DG-, DdG-, DblG-	Resposta combinada contaminada: - Quando se fundem duas respostas em uma só, como numa placa fotográfica submetida a uma dupla exposição. Resposta combinada confabulada: - Quando diferentes partes que integram a resposta são interpretadas corretamente, porém, em posições trocadas, combinando relações e fatos incompatíveis com a lógica e o princípio da causalidade. - Quando há uma montagem de histórias que nada têm a ver com os dados da prancha, não sendo referências pessoais, nem descrições do objeto percebido. - Quando se toma um detalhe da prancha que é bem-visto e engloba-se o resto por generalização, resultando numa forma mal-vista na totalidade. São contadas como G- na cotação.
	Resposta combinada bem elaborada: - quando o examinando vai percebendo os detalhes (D, Dd ou Dbl) sucessivamente e termina por englobá-los numa única resposta, de forma bem elaborada. A classificação desta resposta será DG+, DdG+ DblG+ na coluna localização e compreenderá o fenômeno especial de elaboração. São cotadas como G+ na cotação
GDbI	Resposta global integrando o branco
DDbI	Resposta grande detalhe integrando o branco
DGDbl	Resposta combinada elaborada, confabulada ou contaminada, incluindo o branco.
DdDbI	Resposta pequeno detalhe integrando o branco
D	Resposta grande detalhe
Dd	Resposta pequeno detalhe
Dbl*	Resposta detalhe branco
Do	Resposta detalhe oligofrênico ou inibitório
DdD	Resposta em detalhe em que o examinando vai partir de um pequeno detalhe ou

⁵ Quadro retirado de Prata (2000).

* as respostas que são explicadas da seguinte forma: “porque é branco”, não serão cotadas como C’, e, sim, como Dbl.

	relativamente grande, mas raramente interpretado (Dd), chegando a englobar uma D.
F	Resposta determinada pela forma
F+	Resposta forma bem-vista
F-	Resposta forma mal-vista
F±	Resposta forma indeterminada, mas que ainda conserva uma proximidade com a forma bem-vista, com potencial de progressão.
F-+	Resposta de forma indeterminada, com uma certa distância da forma bem-vista, e que não chega a ser uma forma mal vista, que inicia um processo de degradação.
F%	Porcentagem de respostas F em relação a R
F+%	Porcentagem de respostas forma bem-vista, em relação ao total de F
K (ou M)	Cinestesia humana
Kan	Cinestesia animal
Kan+	Cinestesia animal em que são projetados dinamismos ativos (algo de positivo, energia canalizada), como as FK ativas de L. Usteri.
kan-	Cinestesia animal em que são projetados dinamismos passivos, regressivos, inerciais, impulsos de puro instinto animal, como as FK passivas de L. Usteri.
Kob	Cinestesia de objeto pura.
kob F	Cinestesia de objeto, em que a cinestesia predomina sobre a forma.
Fkob	Cinestesia de objeto em que a forma predomina sobre a cinestesia.
Kp	Cinestesia humana vista num Dd ou resposta de movimento humano parcial, ou tipo de cinestesia de inferioridade, medo, perda, abandono, necessidade, terror, inércia, desvitalização, queda.
C	Resposta cor pura: valor de 1,5 no ΣC
CF+-, CF-+	Resposta cor-forma: valor de 1,0 no ΣC . Os símbolos +- e -+ só influem na avaliação qualitativa.
FC	Resposta forma-cor: valor de 0,5 no ΣC
ΣC .	Total das respostas cor ponderadas
Cn	Cor nomeada
(C) (ou E)**	Resposta claro-escuro detalhado puro: valor de 1,5 no $\Sigma(C)$
F(C) (ou FE)	Resposta forma – claro-escuro detalhado: valor de 0,5 no $\Sigma(C)$
(C)F+-(C)F-+ (ou EF)	Resposta claro-escuro detalhado- forma: valor de 1,0 no $\Sigma(C)$
$\Sigma(C)$	Total das respostas claro-escuro detalhado ponderadas
Clob***	Resposta claro-escuro difusa pura. Valor de 1,5 no $\Sigma Clob$.
ClobF+-(ClobF-+)	Resposta claro-escuro difusa-forma. Os símbolos -+ e +- só influem na avaliação qualitativa. Valor de 1,0 no $\Sigma clob$.
Fclob	Resposta forma claro-escuro difusa. Valor de 0,5 no $\Sigma Clob$.
TRI****	Tipo de Ressonância Íntima
Tend. Lat.	Tendências latentes (2ª fórmula)*
A, (A)	Resposta animal inteiro e (A) descaracterizado; mitológico, monstro, desenho animado, caricatura de A
Ad, (Ad)	Resposta detalhe animal
A%	Porcentagem das respostas animal em relação a R
H, (H)	Resposta humano inteiro e (H) humano inteiro descaracterizado, mitológico; monstro; fantasma; caricatura, sobrenatural.
Hd, (Hd)	Resposta detalhe humano
H%	Porcentagem das respostas humanas em relação a R
Ban	Resposta banal (Apenas as quatro banais universais, em III, V, VIII, X)
IR	Índice de realidade obtido a partir do somatório das banais universais (2 como primeira resposta, 1 como Segunda e 0,5 como terceira resposta) x 100 dividido por 8.

** serão consideradas como (C) as respostas de profundidade, perspectiva e textura, que compreenderão respectivamente os fenômenos especiais de profundidade, perspectiva e textura.

*** as respostas que são explicadas da seguinte forma: “porque é preto” não serão cotadas como C’, e, sim, como Clob, verificando-se a predominância ou não da forma (Fclob, ClobF, Clob puro).

**** de acordo com Roger Mucchielli.

Sex.	Respostas que denominam órgãos sexuais.
Anat.	Resposta Anatômica, de parte interna do corpo em A e H. Incluindo radiografias.
Sg.	Respostas Sangue.
Fog.	Respostas de Fogo.
Água	Respostas referentes ao elemento água.
Mancha	Respostas de manchas.
Nuvens	Respostas de nuvens.
Expl.	Respostas de explosão.
Alim.	Respostas de alimento.
Masc.	Respostas de máscara.
Obj.	Objetos fabricados, incluindo respostas de vestimenta.
Arte	Respostas com cunho artístico: quadro, desenho, pintura, escultura
Arq.	Arquitetura: construções imóveis
Símb.	Resposta símbolo, emblemas, letras, figuras geométricas.
Bot.	Respostas plantas, árvores, flores, frutas no pé.
Geo.	Respostas geográficas, mapas e toda a localização territorial especificada.
Nat.	Respostas referentes a fenômenos naturais como: sol, lua, céu, estrela.
Cena (paisagem)	Respostas cujos conteúdos Nat. e Geo. representam uma cena como: montanhas cobertas de gelo, gruta com água correndo.

As respostas foram também valoradas segundo a quantificação proposta por

Resende (2001):

Quantificação das Estruturas Rorschach – Valores:

Localizações		Determinantes		Fenômenos Especiais	
	Valores		Valores		Valores
G	0,0	F+	1,0	Confabuladas	-4,0
D	0,0	F+-	0,5	Contaminadas	-4,0
Dbl	0,0	F-+	-0,5	Rejeições	-5,0
Dd	0,0	F-	-1,0		
GDbI+	0,5	K(na pranchaIII vale +3,0)	2,0		
DG+	0,5	Kan+	1,5		
DGDbl+	0,5	kan+-	1,0		
DDbl+	0,5	kan-+	-1,0		
GDbI-	-0,5	kan-	-1,5		
DG-	-0,5	Fkob	2,0		
DGDbl-	-0,5	kobF+-	1,0		
DDbl-	-0,5	KobF-+	-1,0		
Do	-0,5	kobF-	-1,5		
		kob	-2,0		
		FC Fclob F(c)	2,0		
		CF+- ClobF+- (c)F+-	1,0		
		CF-+ ClobF-+ (c)F-+	-1,0		
		CF- ClobF- (c)F-	-1,5		
		C Clob (c)	-2,0		

As respostas de cada prancha são somadas, as positivas compõem a área das Eficiências e as negativas compõem a área das Patologias, formando a Apresentação Gráfica da Personalidade (vide gráfico na análise de dados).

Os **Fenômenos Especiais** (aspectos singulares, projetivos e não-perceptivos) podem ser encontrados agregados ao fenômeno da percepção como sendo alguns comportamentos que revelam dimensões da personalidade via projeção, podendo se apresentar através da mímica, maneira de falar ou descrever percepção, silêncio e até sinais fisiológicos (suor). Para Bohm (1973), estes dados são muito importantes em uma avaliação, contudo, não podem ser medidos; deste modo, não existe uma normatização que dê parâmetros numéricos para orientar a avaliação. Eles são importantes para detectar o *modus vivendi* dos sujeitos, e cada sujeito, de acordo com suas vivências, vai manifestar fenômenos especiais que lhes são peculiares conforme seu *modus vivendi*.

No Rorschach, a fala do examinando, em todas as suas manifestações, serve como fonte de informação para fins de análise. Através da fala, ele distorce, esquece, dissimula, fantasia e mascara, mas a forma com que isto é feito ou a escolha do disfarce já é reveladora. A análise do discurso representa um meio para se perceberem as contradições da situação do ser no mundo (Augras, 1998). Até as falhas são consideradas discursos (silêncio, reticências, comentários disfóricos, de auto-referência, ironias, exclamações, o uso de diminutivos). Os fenômenos especiais se manifestam muitas vezes através da fala.

A fala do examinando, segundo Augras (1998), é a **obra**, pois revela a peculiaridade das suas vivências. Portanto, através da análise da obra, é possível alcançar a compreensão existencial.

Existem vários tipos de fenômenos especiais e cada teste pode revelar novos de acordo com a singularidade. Entre os mais frequentes estão os seguintes (Prata, 2000, pp. 42-45):

- 1- **Auto-referência:** o sujeito identifica coisas suas, de sua propriedade, ou história de vida, partes de si mesmo na mancha.
- 2- **Choque a cor:** reação de incomodo do indivíduo diante das cores cromáticas.

- 3- **Choque ao arquétipo:** qualquer manifestação do indivíduo que expresse o incômodo sentido diante da prancha, numa reação significativa de embaraço à apresentação do cartão que se exprime em vários comportamentos, tais como choque de latência, disforia e rejeição.
- 4- **Choque de latência:** quando o tempo de latência de uma resposta perceptiva em determinada prancha é excessivamente superior ou inferior à média dos tempos de latência do teste.
- 5- **Confabulação:** relações que não respeitam o princípio de causa-efeito e podem se expressar de três formas: quando as diferentes partes que integram a mancha são interpretadas corretamente, porém a relação de lugar entre uma e outra não é levada em conta, ou seja, o inteiro total é construído por partes, recolhidas em planos e perspectivas diferentes, o inteiro é percebido apenas na fantasia e não na prancha; quando há uma montagem de histórias que nada têm a ver com o percebido na prancha, mas com o imaginário delirante incompatível com a história de vida do sujeito; quando o sujeito toma um detalhe da prancha que é bem-visto e engloba o resto por generalização.
- 6- **Contaminação:** é uma tentativa fracassada de construir uma unidade que tenha sentido; são as condensações esquizofrênicas que mesclam duas respostas, como ocorre num filme fotográfico submetido a uma dupla exposição. Combinações esteticamente incompatíveis.
- 7- **Crítica ao objeto:** o sujeito critica o examinador, ou a técnica. Esta crítica não é apenas verbal, pode ser à cor, à tentativa de remendar o objeto, às formas; tira partes, tenta corrigir.
- 8- **Desvitalização:** substituição do objeto vivo por inanimado, uma perda de vitalidade.
- 9- **Deterioração:** Agregados negativos ao objeto percebido, implicando numa perda de estética e integridade do objeto percebido, que pode entrar em estado de deterioração, putrefação.
- 10- **Disforia:** respostas carregadas de sentimentos com agregados de morbidez, desvitalização, depreciação, ou mal-estar provocados pela ansiedade e medo.
- 11- **Estereotípiã:** repetição de um mesmo conteúdo.

- 12- **Inho:** tendência acentuada do sujeito a usar o diminutivo “inho” nas suas verbalizações, ou seja, em diminuir a dimensão dos objetos. Atribuído a partir da 3ª vez que aparece.
- 13- **Negação:** elaboração de uma resposta e, em seguida, sua negação. Ex.: É uma camundongo, mas também não é, é um semelhante.
- 14- **Perseveração:** repetição de um conjunto, em que o primeiro objeto percebido é um F+; os demais são associações que não tem relação com o estímulo, mecânicas, automáticas.
- 15- **Posição:** percepções de conteúdos animal (A) ou humano (H), quando vistos em posição de frente um para o outro, de costas, de cima, de baixo, de lado, de bruços, atrás, em conjunto, oposto, visto de baixo e visto de cima.
- 16- **Reflexo:** elaboração de uma resposta na metade da mancha e sugestão da especularidade da mesma.

Além dos fenômenos descritos acima, podem-se observar no protocolo estudado no presente trabalho outros que não haviam sido, antes, classificados e descritos, mas que emergem neste teste revelando aspectos importantes para a compreensão do *modus vivendi* desta mulher. São, portanto, dissociação, unitarismo, dualismo, dualidade primária e dualidade interativa. Configuram tipos de fenômenos especiais, pois esta é a categoria do Rorschach que melhor engloba o que estes fenômenos expressam, uma vez que estão mais relacionados à análise qualitativa dos protocolos.

A dualidade foi antes tratada por Santana (1999) como uma modalidade do conteúdo humano – H (H de frente, H de lado, H junto,...), referindo-se à percepção de dois humanos. Não foi considerada, naquela ocasião como um fenômeno especial.

No presente trabalho, a dualidade é vista como fenômeno especial e é subdividida em dualidade primária e dualidade interativa. As denominações dissociação, unitarismo e dualismo estão sendo empregadas, pela primeira vez, no presente trabalho. Tomaram forma a partir de uma singularidade, alcançando a universalidade, foram o

resultado da produção de conhecimento desenvolvida neste processo de pesquisa. Embora não tivessem sido descritos e nomeados, já se encontravam subjacentes em outros psicodiagnósticos.

“Los indicadores utilizados en un caso no necesariamente tendrán el mismo sentido para el análisis de otro. Los procesos de definición de indicadores y de diferentes líneas de interpretación se definirán en el estudio individual de cada caso concreto, lo que no significa que en ocasiones un mismo indicador o unidad de sentido no tenga la misma significación en el estudio de casos diferentes, solo que dicha significación no se definirá a priori sino por el análisis individual desarrollado en cada caso” (González Rey, 1997, p. 253).

Estes fenômenos não alteram a codificação da localização, que permanece inalterada como antes descrita. O fenômeno é registrado à parte da codificação, seja embaixo desta ou em uma coluna específica para fenômenos especiais, no mesmo alinhamento da codificação da resposta que o expressa.

A **dissociação** é atribuída às respostas que expressam, como o próprio nome diz, uma “dissociação” do que foi percebido. São termos equivalentes a dissociação: desagregação, desunião, desmembramento. Esta projeção pode ser percebida com o uso de termos que expressam o referido evento, tais como: algo que está “*despedaçado*”, “*desmanchando*”, “*separando*”, “*desunindo*”, “*partindo*”, “*fragmentando*”.

O unitarismo, o dualismo, a dualidade e a dualidade interativa expressam níveis e modalidades diferentes de estruturas do *estar-junto-com*. Em um continuum: ausência de relacionamento (unitarismo), formas impróprias de relacionamentos (dualismo e dualidade) e relacionamentos satisfatórios produtivos (dualidade interativa).

Exprimem **unitarismo** as respostas que se apresentam de forma unitária, quando o esperado é a percepção dual. Percebe um e outro, todavia, estes não formam dois, o examinando não chega a juntá-los formando uma dupla. Este fenômeno pode aparecer

em várias modalidades, dependendo do nível de evolução relacional da pessoa, tanto nos conteúdos humanos, como animais e os demais. As referidas modalidades são:

- unitarismo simples: percepção de um apenas um (*um coelho* na prancha II, no D lateral).
- unitarismo reflexo: percepção de um que reflete a si mesmo (*um urso e seu reflexo* na prancha II).
- unitarismo sombra: percepção de um com a sombra de si (*um urso com a sua sombra*). A sombra se difere do reflexo, pois é ainda mais inconsistente que este, ela vem substituir a realidade concreta (substitui o “tu” concreto). Segundo Ferreira (1994), entre outras definições, refere-se a uma coisa impalpável, imaterial. Esta inconsistência decorre de dois motivos: ou porque ainda não se constituiu o “tu”, ou porque este se desfez.

O unitarismo também se subdivide conforme o conteúdo da resposta, que mostra uma evolução progressiva:

- unitarismo em objetos: perceber apenas um objeto onde a maioria das pessoas vê dois (*um pé de meia* no detalhe vermelho lateral da prancha II).
- unitarismo em Bot: perceber apenas uma planta onde a maioria das pessoas vê duas (*uma flor* na prancha X).
- unitarismo em partes de animais: perceber apenas uma parte de animal onde são vistos dois animais inteiros (*uma cabeça de elefante* no detalhe lateral da prancha I).
- unitarismo em partes de humanos: perceber apenas uma parte do humano onde são vistos dois humanos inteiros (*uma cabeça de mulher* na prancha VII).
- unitarismo em animais: perceber apenas um animal onde a maioria das pessoas vê dois (*um leão* no detalhe rosa da prancha VIII).

- unitarismo em humanos: perceber apenas uma pessoa onde a maioria das pessoas vê duas (*um homem* na prancha III).

O unitarismo refere-se à percepção de uma unidade e seu prolongamento, não se percebendo a última como independente da primeira (um unitário com seus prolongamentos), percebida tanto de um lado como dos dois lados. Em virtude da simetria da mancha, quase tudo que tem de um lado tem do outro. Como exemplo, de um lado é visto um cachorro e no outro lado sua sombra. A sugestão do orientador deste trabalho foi chamar este fenômeno de unilateralidade, todavia, este termo dá a idéia de referir-se ao uso de apenas um lado da mancha e o que se pretende descrever é a percepção de uma unidade onde podem ser vistas duas, independente de quantos lados se utilize.

O **dualismo** expressa-se em respostas que apresentam a palavra “dois”. Podem ser observadas em partes de animais, Ad, (Ad) (*duas cabeças de onças* na prancha VIII), partes de humanos, Hd, (Hd) (*duas cabeças de mulheres* na prancha III), dois objetos inteiros (Obj) e duas plantas inteiras (Bot).

Outros níveis de relação podem ser apresentados pela distinção entre dualidade e dualidade interativa (positiva ou negativa).

Podem-se observar dois níveis de dualidade, a primeira é chamada **dualidade primária**, caracteriza-se pela percepção de dois humanos na prancha (H inteiros), mas ainda não se estabelece interação entre os mesmos (“*duas pessoas*” na prancha III) ou a percepção de dois animais inteiros (“*dois leões*” na prancha VIII) relacionando-se mutuamente ou não (A e A/kan). Corresponde à superação da triangulação, quando o elo simbiótico está quebrado e está concluído o reconhecimento do “eu” e do “tu”.

A segunda, chamada **dualidade interativa**, apresenta maior maturidade nos relacionamentos. Caracteriza-se pela percepção dual e pelo estabelecimento de uma interação entre as duas pessoas percebidas (H/K). Esta interação pode ser tanto positiva

(“*duas mulheres dançando*” na prancha VII, “*um homem e uma mulher embalando um bebê*” na prancha III), como negativa (“*duas mulheres discutindo*” na prancha III, “*dois homens lutando*” na prancha II). Revela capacidade de perceber o outro como diferente de si, sendo capaz de se relacionar tanto intimamente como socialmente, dependendo da prancha que aparece. Corresponde às fases de desenvolvimento da circularização (prancha VIII), inversão de papéis e ao encontro propostos pela Socionomia.

A qualidade e o tipo de relação devem ser observados de acordo com a resposta. As respostas com conteúdos humanos são mais esperadas nas pranchas III, VII, II, IX, I, respectivamente, enquanto que as respostas de animais em dualidade ou dualidade interativa são mais freqüentes nas pranchas II, VIII, X e I, embora isso não queira dizer que não possam ser dadas nas outras pranchas.

Em protocolos em que existem respostas com dualidade humana, as dualidades em animais têm uma conotação complementar para a análise. Contudo, se em todo o protocolo só houver dualidades em animais, mostra que a capacidade de vínculo, de relação ainda é precária precisando desenvolver-se. A dualidade em H indica maturidade nos relacionamentos, principalmente quando aparece nas pranchas III e VII.

Exemplos de percepção da dualidade interativa em cada prancha:

- Prancha I: “*dois anjos conversando*”.
- Prancha II: “*dois monges em prece*”.
- Prancha III: “*duas mulheres lavando roupas*”.
- Prancha IV: “*duas bailarinas dançando*”.
- Prancha V: “*duas mulheres se encontrando, trajadas com longos vestidos rodados*”.
- Prancha VI: “*duas freiras cochichando*”.
- Prancha VII: “*duas meninas brincando de onole-tá*”.

- Prancha VIII: *“dois gatos caminhando apaixonados”*.
- Prancha IX: *“dois magos fazendo magia”*.
- Prancha X: *“dois caranguejos se encontrando”*.

Estes novos fenômenos especiais foram elaborados a partir do processamento do caso estudado no presente trabalho. São uma proposta que visa facilitar a compreensão destas situações. Estes fenômenos adquiriram sentido, neste caso especificamente, mas, sem dúvida, não de contribuir, de alguma forma, em outros trabalhos. Fica, portanto, a possibilidade de propostas e discussões que venham contribuir para avanço da ciência psicológica.

O Rorschach é um importante instrumento para ajudar a compreender as relações interpessoais, principalmente quando não é possível observar a pessoa em interação de fato, como nos casos de perícia, por exemplo.

Contudo, muitas vezes o psicólogo deve ter flexibilidade para atender a algumas situações em que não é possível trabalhar com o ideal, mas com o possível. Há ocasiões em que só é possível estar com o cliente em uma relação bipessoal e tem-se que estudar suas formas de relacionamento interpessoais. As respostas ao Rorschach revelam projeções das relações interpessoais que o cliente estabelece e vários aspectos de sua vida interior.

Em uma situação de perícia, por exemplo, o psicólogo, na maioria das vezes, não dispõe de oportunidades para estar com o periciando por várias sessões, nem mesmo tem como observá-lo em interação com outras pessoas (família, grupo terapêutico, entre outros). Dependendo do caso, o próprio periciando, mesmo tendo concordado em fazer a perícia, não se dispõe inteiramente para participar da mesma. Nestes casos, o Rorschach torna-se um importante instrumento, pois ele permite que o periciando expresse sua vida interior de forma inconsciente, diminuindo as defesas.

Além dos elementos aqui expostos (especificidade das pranchas, fenômenos especiais e classificação das respostas), a leitura do Rorschach correlacionou-se com a entrevista e a complementação de frases, utilizando também a Socionomia e as idéias de Laing.

5.3- Sujeito Participante:

Participou da pesquisa uma mulher de 32 anos, cujo nome fictício é Letícia. É casada com um odontólogo há dez anos. Mudou-se para Goiânia há quatro anos. É formada em Biologia. Trabalhou como professora do ensino fundamental e, desde que a filha nasceu, parou de trabalhar fora, dedicando-se exclusivamente à família.

5.4- Análise De Dados:

Todas estas formas de expressão do sujeito apresentam uma série de indicadores, os quais vão construindo o sentido subjetivo. Estes indicadores não se expressam de forma linear e direta por isso a necessidade de uma organização da construção deste conhecimento, para sua compreensão, o que consiste da análise de dados.

O Rorschach foi avaliado tanto quantitativo quanto qualitativamente, apoiado nos dados da entrevista e da complementação de frases. Os dados correlacionam-se uns com os outros, uma vez que um elemento isolado não é suficiente para uma compreensão adequada do fenômeno estudado.

Foram feitos a codificação do teste, o psicograma, a leitura diagnóstica regionalizada, a análise da entrevista, das frases incompletas e a síntese de todos os elementos. Esta separação de etapas de análise é apenas didática, uma vez que a análise interpretativa compreensiva se dá de uma forma articulada, concomitante.

O pseudônimo pelo qual é chamada a participante é Letícia escolhido pela mesma para constar no trabalho final. As profissões, localidades e idades também são fictícias.

CAPÍTULO 6 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

6.1-Psicograma

Psicograma do Rorschach de Letícia. Primeiramente os dados quantitativos são apresentados e em seguida a análise correspondente.

R= 51 + 1 RA

R+= 28 – 55% Eficiência

R+- = 9 – 18% Potencialidade

R-+ = 1 – 2% risco

R- = 13 – 25% patologia

A partir desses dados, pode-se observar uma boa produtividade com baixa qualidade. Para Vaz (1998, p.82), “mais que 30 respostas num protocolo pode ser considerado um indicador de tendências obsessivas, preocupação demasiada com minúcias e, quanto mais elevado for o índice, maior o grau de comprometimento”.

LOCALIZAÇÃO:

G= 7 – G% = 14%

G+ = 3 – G+% = 43%

G+- = 3 – G+-% = 43%

G- (Gcort)= 1 – G-% = 14%

(média segundo Vaz (1998): G% = 20 a 30%)

D = 38 – D% = 74%

$$D+ = 22 - D+\% = 58\%$$

$$D+- = 5 - D+-\% = 13\%$$

$$D-+ = 1 - D-+\% = 3\%$$

$$D- = 10 - D-\% = 26\%$$

(média segundo Vaz (1998): D% = 40 a 55%)

Possui maior interesse pelas coisas concretas, com inteligência indutiva, tem um pensamento descritivo e objetivo da realidade, mas está tão presa ao concreto que perde a noção do todo, o poder de síntese e a capacidade de enfrentar situações de forma integral.

$$Dbl = 4 - Dbl\% = 8\%$$

$$Dbl+ = 2 - Dbl+\% = 50\%$$

$$Dbl+- = 1 - Dbl+-\% = 25\%$$

$$Dbl- = 1 - Dbl-\% = 25\%$$

Apresenta uma capacidade em operar com esquemas divergentes, sendo, muitas vezes, crítica (Dbl+), mas há momentos em que sua crítica é injustificada (Dbl-), chegando até o negativismo (Petrelli).

“Concordamos que espaço em branco (S) seja interpretado como oposicionismo, desde que CF + C seja maior que FC e tipo de vivência seja extratensivo [M (K) < C, ver mais adiante]; há no protocolo, sinal de ansiedade situacional associada a sentimentos de hostilidade orientada para o mundo externo” (Vaz⁶, 1998, p. 88). A média normal, para este autor é de 3 S (Dbl) em um protocolo de 15 a 30 R.

$$Dd Dbl = 1 - Dd Dbl \% = 2\% \text{ (prancha VI)}$$

$$Dd\ Dbl\ + = 1 - Dd\ Dbl\ +\% = 100\%$$

A média esperada, segundo Vaz (1998), é de 10 a 15%.

Consegue observar o que a maioria das pessoas não vê, mas não chega a ser minuciosa.

$$Do = 1 - Do\% = 2\% \text{ (prancha III)}$$

A angústia diante da possibilidade de relacionamento mobiliza emocionalmente de tal forma que ocorre um bloqueio dos processos perceptivos e cognitivos, havendo também uma inibição afetiva. O percentual esperado é de 0% (zero).

DETERMINANTES:

$$F = 36 - F\% = 71\%$$

$$F+ = 22 - F+\% = 61\% \text{ (chamado de QI por Petrelli)}$$

$$F+- = 5 - F+-\% = 14\%$$

$$F- = 9 - F-\% = 25\%$$

O QI mostra o poder do controle cognitivo que é revelado pelas respostas bem vistas. Não se refere à inteligência, mas ao controle cognitivo geral. Mostra a quantidade de categorias que possui para interpretar, ler e enfrentar eventos e fenômenos. O baixo índice de F+% demonstra que Letícia possui um baixo controle cognitivo, possuindo uma precariedade de categorias para enfrentar o mundo.

Tendo em vista a média de F%= 30 a 50% e F+% = 75 a 95% (Vaz, 1998), pode-se dizer que Letícia apresentou F% acima da média e F+% abaixo da média. Percebe-se uma busca intensa pelo controle cognitivo do pensamento, mas não consegue atingir um

⁶ Como Vaz (1998) utiliza uma nomenclatura diferente da adotada no presente trabalho, o código

juízo crítico eficiente com pensamento coerente, além de ter uma capacidade de discriminação um pouco reduzida. Algum distúrbio afetivo prejudica a eficiência intelectual.

$$FC = 2 \text{ (II, VIII)}$$

$$CF = 4 \text{ (VIII, 2 – IX, X)}$$

$$C = 1 \text{ (III)}$$

$$2FC < 4CF + 1C$$

Espera-se que $FC > CF + C$.

“Quando o índice de $FC < CF + C$, cabe interpretar-se: a pessoa, ao ser mobilizada afetiva e emocionalmente, sofre dificuldades em reagir de modo adequado quanto à adaptação no relacionamento interpessoal. Apresenta-se mais elevado em crianças (Beizman, 1968; Jacquemin, 1977) e volta a aumentar na terceira idade (Mattlar et al. 1992). É um índice indicativo de ‘reações emocionais precipitadas, próprias do adolescente’, como referem (Exner 1995, p. 294)” (citados por Vaz, 1998, p. 93)

Deste modo, percebe-se que Leticia não está conseguindo lidar adequadamente com as emoções, principalmente no que diz respeito ao relacionamento interpessoal (pranchas III, VIII e IX). Suas condições afetivo-emocionais não estão amadurecidas suficientemente para receber e investir afetos de forma adequada. Por isso, seu sistema emocional se mobiliza com a mínima intensidade de estímulo.

$$K = 0$$

$$kp = 0$$

$$kan + = 2$$

$$kan +- = 0$$

$$kan -+ = 1$$

kan - = 1

Fkob = 1 (prancha VIII)

kobF = 1 (prancha VII)

Clobkob = 1 (prancha VII)

A ausência de respostas K indica choque emocional, bloqueio vital ou algum trauma. Segundo Vaz (1998, p. 90), “a ausência de M (K) é freqüente em caos de deficiência mental, de esquizofrenia simples com estereotipia de pensamento”. Já “a pouca incidência de M (K) é freqüente em casos de pessoas ansiosas, inibidas, depressivas pouco inteligentes, tensas, como também em casos de histeria”.

As respostas de cinestesia animal representam o que há de mais primário na personalidade, como os instintos e impulsos.

Para Vaz (1998, p. 91), “casos em que há elevada incidência de FM (kan): em pessoas imaturas, infantis, altamente sugestionáveis (como em transtorno histérico); nos casos de transtorno neurótico obsessivo-compulsivo (sendo que, neste caso, normalmente FM aparece acompanhado de CF também elevado)”.

As respostas de cinestésias em objetos (kob) mostram que, em situações de convívio social, Letícia ainda consegue controlar e conviver com a situação conflitiva (entre os valores do mundo interno e do mundo externo), discriminando racionalmente os fatores tensionantes internos. Mas em situações que lhe exigem uma convivência de intimidade já vai perdendo progressivamente o controle até atingir um alto nível de ansiedade sem conseguir encontrar em si meios de superá-la. As forças e tensões internas são sentidas como hostis e incontroladas, relacionadas a medos antigos interiores dos quais não tem um controle ativo, o que causa inquietação, temor e agitação.

CONTEÚDOS:

$$H = 1 - H\% = 2\%$$

$$(H) = 2$$

$$(Hd) = 1$$

Tendo em vista a média esperada de 15 a 25%, pode-se dizer que Letícia apresentou um percentual muito abaixo do esperado, o que indica dificuldade de relacionamento interpessoal. Com relação aos (H) e (Hd) indica relacionamento interpessoal receoso, cauteloso e controlador (Vaz, 1998). O (H) corresponde a não autenticidade do humano e o (Hd) à desintegração do humano.

$$A = 18$$

$$Ad = 4$$

$$(Ad) = 1$$

$$A + Ad \% = 43\% \text{ (média 30 a 40 \%)}$$

Sendo $A + Ad$ ligeiramente acima da média, com ausência de K é característica de neuróticos (ansiosos) ou pessoas pouco inteligentes. Revela, portanto, rigidez mental como forma de defesa para amenizar a ansiedade, encontrada em neuróticos, inclusive nos mais inteligentes, que apresentam bloqueios de sua inteligência devido às dificuldades de relacionamento interpessoais. Estas pessoas evitam as condutas espontâneas como forma de se defender, devido à fragilidade e ansiedade interna.

$$Anat = 9 - 18\%$$

É indicativa de uso da intelectualização para tolerar a ansiedade, tensão e sentimentos de frustração (Vaz, 1998). As respostas de ossos indicam bloqueios enquanto que as anatomias referentes às partes moles indicam ansiedade.

Fum = 2

Sugere descontrolo emocional, incapacidade de adaptação afetiva e de relacionamento com as pessoas (Vaz, 1998).

Sex (M) = 1

Respostas de natureza sexual na prancha VI é normal.

Simb = 3

Geo = 2

Obj = 4

Arq = 1

Alim = 1

Bot = 1

Os outros conteúdos mostram pouca flexibilidade em avaliar as coisas.

TRI: 0 K : 6,5 C – Extratensivo puro

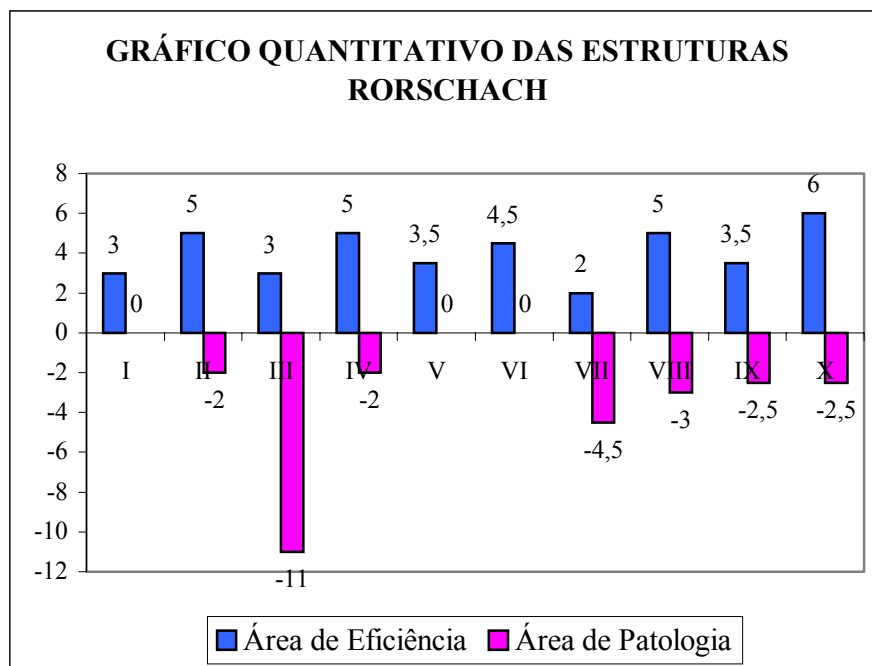
Extratensivo puro, segundo Petrelli, ou extratensivo egocêntrico, de Adrados (2000, pp. 72,73), caracteriza-se por um alto nível de respostas de cor e a ausência total de cinestésias humanas, “(...) o índice de estereotipia é bastante elevado, tem pouca consciência da interpretação, a função do pensamento disciplinador e lógico é muito pobre e o número de percepções globais muito restrito”.

Aqui, podemos encontrar o grau máximo de abertura ao mundo externo, sem limites, quase denunciando uma invasão contra o mundo interior. Pessoas que apresentam este tipo são extremamente sugestionáveis, não têm controle algum sobre seu próprio sentir, são invadidas pelas emoções e pelos objetos do meio externo (Petrelli, livro no prelo).

IR: $(5 \times 100) : 8 = 62,5 \%$

O baixo índice de realidade (IR) mostra um certo solipsismo, isolamento, um distanciamento do senso comum. Não apresenta uma visão muito coerente com a maioria das pessoas, mas não chega a um distanciamento esquizofrênico da realidade.

6.2-Análise Quantitativa Das Estruturas Rorschach



No gráfico quantitativo das estruturas Rorschach (gráfico 01), observa-se que o número de estruturas eficientes (EE) alcança um escore maior que o número de estruturas patológicas (EP), sendo $EE (40,5) > EP (27,5)$. Indica que o caso não se reduz a uma patologia, suas dificuldades não impedem a interação com o mundo real no dia-a-dia. Trata-se de uma neurose administrável.

As pranchas I, V e VI apresentaram exclusivamente estruturas eficientes sem estruturas patológicas.

As pranchas II, IV e X apresentaram $EE > EP$, com uma diferença maior que o dobro. Ou seja, no que diz respeito às situações traumáticas, no relacionamento com o masculino viril, autoridade e diante da multiplicidade do mundo, as estruturas de eficiência

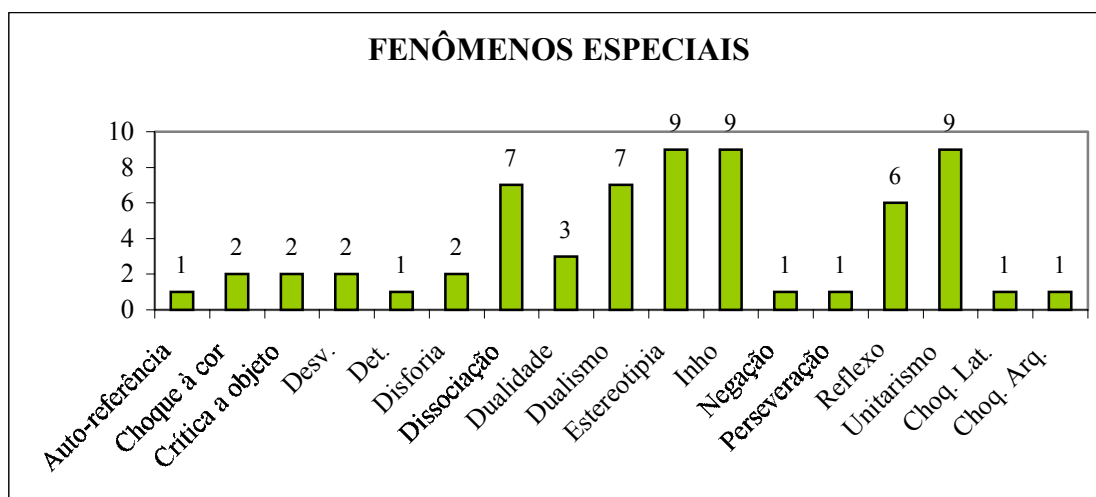
superam os aspectos patológicos, são enfrentadas e superadas. Aprendeu a aliviar a dor e a sanar feridas.

As pranchas VIII e IX apresentaram $EE > EP$, mas com uma diferença menor. No que diz respeito aos relacionamentos sociais, à feminilidade e afetividade mais profunda, as estruturas eficientes pouco superaram as estruturas patológicas. Este dado denota um retraimento do espaço social (VIII) e que a visão de gênero feminino apresenta problemas e conflitos operantes (-2,5: IX), que são compensados, ao se entregar a um tipo de atividade (IX).

Nas pranchas III e VII, $EE < EP$, mostrando que estruturas patológicas dominam a área das relações com o outro (relacionamento). O valor -11 na prancha III sobressai no gráfico, aponta uma queda do *élan vital* e uma incompetência em administrar a estrutura do *ego* e *alterego*. A prancha VII indica que a convivência íntima e amorosa encontra sérios problemas.

Na quantificação de estruturas não revelou estruturas patológicas nas pranchas I, V e VI, porém, as complicações observadas nestas pranchas vistas na análise qualitativa (discutidas a seguir) mostram que estas são resultados da dificuldade de relacionamento, estruturalmente detectada, o que prejudica, como consequência, um bom desempenho qualitativo no que se refere aos temas referentes às pranchas I (apresentação de si, situações novas), V (auto imagem) e VI (sexualidade).

6.3-Análise Dos Fenômenos Especiais



(Gráfico 02)

Quadro 2 - FENÔMENOS ESPECIAIS (FE)

FE	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	Total
Auto-referência					1						1
Choque à cor								1	1		2
Choque Lat.						1	1				
Choq. Arquét.						1	1				
Critica a objeto		1 Simb		1 H							2
Desvitalização				1 A	1 Ad						2
Deterioração			1 Anat								1
Disforia					1A					1 (Ad)	2
Dissociação		1 Geo	1 Anat	1 A	1 Ad	1 Simb				1 Anat, 1 Simb	7
Dualidade primária							1 A			2A	3
Dualismo			2Ad, 1 (Hd)		1 Ad		1 Obj			1 Alim, 1 Bot	7
Estereotipia		1 Anat	2 Anat	1 Anat		1 Simb		1 Anat	1 Anat	1 Anat, 1 Simb	9
Inho	1 A	1 A	2 Ad			1 obj, 2 A			1A	1A	9
Negação									1 (H)		1
Perseveração			1Anat								1
Reflexo (Sombra)	1A	1A			1A	1A		1A	1 Anat		6
Unitarismo	1A	1A				1A		1A	1 ^A , 1Ad, 2(H)	1A	9

O teste apresentou quinze Fenômenos Especiais (vide gráfico 02), dos quais destacaram-se seis com maiores frequências:

a) Dissociação:

O fenômeno dissociativo em Rorschach é indicativo do diagnóstico de esquizofrenia em estado nascente. É um continuum que vai da esquizoidia até a esquizofrenia. A esquizoidia apresenta uma compatibilidade no comportamento com uma tipologia: Dd+ > G+; D > DG+; QI > 75%; IR > 70%; já a esquizofrenia apresenta Dd-; Do; DG cont e DG conf; IR < 50%; QI < 50%.

A dissociação mostra que, mesmo quando a realidade se apresenta como compacta, como totalidade, como unidade, o sujeito sente uma coação a destruí-la, um impulso, um vício dissociativo. Pode ser o indicativo mais revelador, paradigmático e sintético da experiência esquizofrênica. São dois movimentos: a agregação incompatível (esquizofrênica) das contaminadas e confabuladas, que recolhe fatos de contextos ou de unidades diferentes e tenta fazer uma unidade, mas funcionalmente e esteticamente incompatível que atende apenas às exigências da experiência de vida o sujeito.

Outra manifestação do fenômeno dissociativo ocorre quando a unidade se dá e é destruída em seguida. Quando a pessoa é levada por um sentimento profundo de culpa, de reparação, depois que destruiu a unidade, tenta recompô-la de forma absurda, contraditória, sincrética⁷. Portanto, depois da dissociação, o sujeito combina sincreticamente as partes dissociadas sem que alguma coisa tenha a ver com a unidade real.

No caso de Leticia, ela apresenta a dissociação da unidade, sem tentar recompô-la em seguida. Tendo em vista os outros dados do Rorschach, não se trata de esquizofrenia, mas de uma tendência esquizóide.

Laing (1969/1991) apresenta o termo esquizoidia principalmente no sentido de ruptura nos relacionamentos do indivíduo com o mundo, bem como na relação consigo mesmo. O termo está associado a sentimentos de isolamento e solidão. O indivíduo não se sente completo, tem uma sensação de fragmentação, não consegue sentir-se à vontade no mundo e nem junto com os outros. O termo “esquizóide” refere-se ao sadio e “esquizofrênico” refere-se ao patológico.

⁷ Sincrético: os habitantes de Creta sofriam de Bócio, em virtude de um hipotireoidismo. Um dos sintomas é um nível de *ideocia*, idiota, pequenas idéias ou demência. Então, todos os humanos com idiotia e demência eram chamados habitantes de Creta, cretinos porque eles não sabiam combinar objetos de realidade, partes de discursos, partes de uma experiência coerentemente, ou seja, esteticamente, logicamente e funcionalmente. A combinação incompatível de partes era a maneira como os habitantes de Creta, juntavam as coisas. Sincreticamente: o colocar junto de acordo com os habitantes de Creta (Petrelli, explicação oral realizada durante as orientações de mestrado).

O isolamento é usado pelo indivíduo como uma defesa, devido aos sentimentos de vulnerabilidade. Sente, pois, que seu território interior pode ser acessível a outrem.

O esquizóide possui uma insegurança ontológica. A pessoa que possui segurança básica está segura de seu próprio ser, possui a capacidade de enfrentar e resistir aos mais intensos conflitos interiores sem ameaçar a unidade do ser. A insegurança ontológica gera ansiedades em lidar com conflitos interiores, que ameaçam a unidade básica, gerando sentimentos de cisão de si mesmo em mente e corpo.

A pessoa encarnada “sente que o próprio corpo está vivo, é real, substancial e sente-se a si mesma viva, real e substancial” (Laing, 1969/1991, p. 70). O *self* encarnado pode livrar a pessoa do sentimento de cisão de corpo e mente, porém, ainda assim, pode se ver dividida de outras maneiras em si mesma. Há pessoas que não se sentem ligadas plenamente a seus corpos, estando, em parte, desligadas deles. Pessoas “comuns” podem ver-se desligadas de seus corpos em momentos de tensão, fornecendo certa imunidade com relação a danos físicos; são pessoas chamadas parcialmente encarnadas.

Segundo Laing (1969/1991), é só a sua integração com seu próprio corpo que possibilita o estar junto com outros seres humanos. É o reconhecimento e a apropriação de seu próprio corpo que permite o reconhecimento do corpo do outro. O esquizóide vê nos relacionamentos com os outros uma ameaça à sua identidade e, para preservar sua existência (precariedade estruturada), “o *self* abandona parcialmente o corpo e seus atos, retirando-se para a atividade mental” (Laing, 1969/1991, p. 81).

A pessoa pode apresentar uma dissociação entre o *self* e o corpo (*self* desencarnado), em menor ou maior grau. Esta desconexão prejudica a vivência plena das experiências mediadas pelo corpo (percepções corpóreas, sentimentos e movimentos). O *self* torna-se contemplativo destas funções e não participativo (Laing, 1969/1991).

Neste caso, suas expressões físicas são artificiais, sua fala e ação não são um eco de seu *self*, ou seja, de sua interioridade; representa papéis para satisfazer a sociedade, mas o que assume não é autêntico; suas representações são a expressão de um falso *self*. O que expressa é uma máscara (Laing, 1969/1991).

Há uma disjunção entre a personalidade exterior (falso *self*) e o *self* interior. Para mascarar esta disjunção, Leticia se aproveita do papel social de mãe para justificar seu retorno ao *locus* doméstico. O papel de boa e dedicada mãe é bem aceito pela sociedade, mesmo depois do movimento feminista, sendo razoavelmente aceito como justificativa para deixar de trabalhar, tornando sua decisão pouco questionada.

b) Estereotipia:

O elevado número de estereotipias mostra, como o próprio nome sugere, o pensamento estereotipado, falta de disposição à mudança, segundo Bohm (1973), bem como automatismo, baixa criatividade, insegurança, falta de espontaneidade e inautenticidade.

O seguinte comentário de Naffah sobre espontaneidade e falta da mesma, ilustra com muita propriedade o que a estereotipia expressa:

“Espontaneidade consiste sobretudo numa capacidade de se abrir perceptivamente, alargando seus horizontes espacial e temporalmente e reconquistando através da ação a continuidade de sentido do mundo que se transforma; é reconquistar-se como parte integrante e atuante na situação; é fazer-se uma presença (...) Há momentos em que a percepção, segundo Bérghson, se fecha às multifacetadas do real, cinde e recorta a realidade, ficando submissa à necessidade e ao hábito repetitivo, abandona seu esforço de recuperação do real e se acomoda à memória motora e que esta talvez seja a situação mais comum do ser humano, de qualquer modo não é esta a própria definição de falta de espontaneidade?” (citado por Naffah, 1979, p. 48).

c) Inho:

Segundo Vaz (1998), o inho é expressivo de uma formação reativa.

É interessante retomar, de acordo com Petrelli (livro no prelo), que é um fenômeno muito ocorrido com crianças, que reduzem tudo ao seu redor às suas próprias dimensões. As grandes tarefas são olhadas na forma diminutiva, por não terem competência para enfrentá-las, para que possam confrontá-las com paridade de forças. Portanto, este fenômeno exprime uma tentativa de diminuir, de amenizar a dificuldade que a criança encontra diante de si.

O fenômeno “inho” foi expresso nas pranchas I, II, IX e X por uma vez (vide quadro 2), tratando-se de respostas animais (A), que é um conteúdo bem familiar às crianças, tanto que o CAT apresenta cenas com animais. Nas pranchas III e VI apresentou duas e três respostas “inho”, respectivamente, sendo quatro em conteúdo A e uma Obj.

Este grande número de fenômenos “inho” revela características infantis, uma primariedade da personalidade, mostrando que esta ainda precisa desenvolver-se.

d) Reflexo:

Este fenômeno não foi mencionado por Vaz (1998).

Bohm (1973) ressalta que o reflexo expressa um intenso narcisismo, sendo também encontrado em obsessivos e em pessoas que se preocupam com a impressão que passa aos outros.

Retomando a Socionomia, o reflexo revela bloqueios na fase do reconhecimento do “eu”. A atenção fica voltada para o “eu”, o outro é apenas seu reflexo, uma extensão do “eu”, não se constitui por si só. Leticia não consegue perceber o outro como diferente e independente de si.

e) Unitarismo:

O unitarismo revela uma primariedade (primitivismo) da capacidade relacional, uma vez que o “eu” não estabelece uma relação autêntica com o outro (“tu”) e com o mundo, permanecendo em uma relação “euísta”, centrada no “eu”, sem perceber o “tu” (o outro) como diferente e distinto de si. Corresponde à fase de indiferenciação proposta pela Socionomia.

O unitarismo apareceu no teste nove vezes, nas pranchas I, II, VI, VIII, IX e X. Cinco foram unitarismos simples, um unitarismo reflexo e três unitarismos sombra (6 A, 1 Ad e 2 (H), vide quadro 2). O unitarismo simples é a categoria mais precária, em que o sujeito percebe apenas uma unidade. Denuncia um alto nível de indiferenciação, não distingue o “eu” dos objetos do mundo.

O fato de ter apresentado o unitarismo reflexo e sombra é um indicativo de que esta indiferenciação começa, em alguns momentos, a se diluir. O fato, porém, de se tratar de uma mulher adulta indica que ainda está muito imatura. Este nível de imaturidade não chega a denunciar um desligamento da realidade.

“A capacidade de sentir-se autônomo significa que a pessoa compreende de fato ser independente de todos os demais”. Em virtude da insegurança ontológica do esquizóide, Laing (1969/1991, p. 56) afirma que este não se sente autônomo, o que significa que não se diferencia do outro, como numa relação primária de simbiose. Tudo que sente ou experencia, o outro também o sente e o experencia, e vice-versa. Esta indiferenciação causa uma contradição, pois, o esquizóide precisa do outro para confirmar sua existência, mas, ao mesmo tempo, teme que o outro lhe roube a própria existência. Portanto, para preservar sua identidade e autonomia, nega a individualidade humana do outro, nega o *status* ontológico do outro. Porém quanto mais anula o outro ou se isola, mais

diminui sua segurança ontológica, e, conseqüentemente, nega ainda mais o outro, criando um círculo vicioso.

Esta forma de ver e lidar com o outro acarreta uma dificuldade de relacionamento interpessoal. Quem está seguro de si não teme ‘perder-se’ no outro. Em pessoas com autonomia individual, o inverso do relacionamento é a separação e não o isolamento.

“Assim, renunciar à própria autonomia pode tornar-se o meio de, secretamente, salvaguardá-la; fingir ignorância, ou morte torna-se um meio de preservar a própria vida” (Laing, 1969/1991, p. 50). Como Leticia fez, “isolando-se” em casa.

f) Dualismo:

O fenômeno dualismo constitui-se de respostas que apresentam um passo inicial para se atingir a dualidade, ou seja, já está mais evoluído que o unitarismo, mas ainda não alcança a amplitude da dualidade. É um potencial, um “vir a ser” dualidade. Manifesta o início do reconhecimento de que existe diferença entre o “eu” e o mundo, mas não há um pleno reconhecimento do outro e dos elementos que compõem o mundo.

No dualismo ainda não se percebe o outro enquanto ser vivente, diferente de si, como ocorre na dualidade, mas já se inicia a perceber os elementos do mundo como distintos de si. O dualismo corresponde à fase de simbiose (o “eu” e o “tu” começam a se diferenciar, mas não plenamente) proposta pela Socionomia, descrita anteriormente.

No protocolo estudado, observaram-se sete fenômenos dualismos, sendo 3 Ad, 1 (Hd), 1 Obj, 1 Alim e 1 Bot. Embora esses fenômenos expressem um grau mais avançado de capacidade de relacionamento que o unitarismo, ainda são expressivos de imaturidade, uma vez que remetem à fase de simbiose. O “eu” e o “tu” começam a distinguir-se, mas bem timidamente, não chegam a quebrar o vínculo simbiótico. Esse

fenômeno especial revela uma atitude dependente nas relações que se estabelecem. Talvez Letícia seja mais dependente da filha do que a filha seja dependente dela.

Embora o escore da dualidade primária não tenha se destacado, é importante comentar sobre ela. Este fenômeno apareceu três vezes em conteúdo animal, uma resposta na prancha VIII e duas respostas na prancha X (vide quadro 2). Mostra que o reconhecimento do “eu” e do “tu” começa a se definir um pouco mais, discretamente diante do grande número dos outros fenômenos que manifestam o contrário. A dualidade primária em A é ainda bem incipiente, mas já mostra um início que pode se desenvolver.

A ausência da dualidade interativa confirma a imaturidade no relacionamento. Não consegue perceber-se a si mesma e ao outro, sequer colocar-se no lugar do outro, para estabelecer uma comunicação autêntica. Não consegue inverter papéis. Em alguns momentos, quando manifesta a dualidade primária, inicia um tênue reconhecimento do outro, mas é ainda precário. Ainda tem muito que crescer e amadurecer.

A dificuldade de estabelecer um relacionamento autêntico e maduro prejudica o relacionamento conjugal, sexual, com a filha, social, profissional, dificulta, inclusive, um possível trabalho terapêutico.

Segundo Laing (1969/1991), a esquizoidia deve ser compreendida como uma tentativa de preservar um ser que se encontra precariamente estruturado. Esta estruturação foi feita principalmente na primeira infância. No caso de Letícia, analisando o Rorschach, percebe-se que o nível de desestruturação não chega até a esquizofrenia, contudo, configura uma falha no desenvolvimento considerável que indica uma grande necessidade de desenvolver-se.

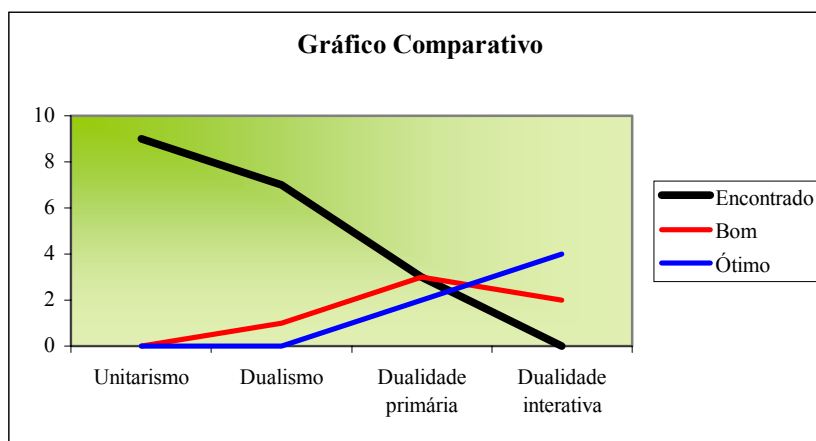


Gráfico 3

O gráfico 3 apresenta uma comparação entre os valores encontrados no teste aqui estudado e exemplos de valores considerados expressivos de bom e ótimo relacionamento. Percebe-se, no gráfico encontrado, uma linha decrescente, quando o ótimo é crescente e o bom mostra uma tendência crescente.

6.4-Leitura Diagnóstica Regionalizada

A seguir, são apresentadas as respostas dadas em cada prancha do Rorschach⁸ e sua correspondente leitura diagnóstica regionalizada necessária a uma posterior compreensão complexiva-sintética. Esta leitura fundamenta-se nos significados e especificidades de cada prancha apresentadas anteriormente. Contribuem, também, a Socionomia e as idéias de Laing (1969/1991).

Primeiramente, é apresentado o protocolo de Leticia e, em seguida, a sua análise. Embora cada prancha tenha seus significados e especificidades, sua análise leva em conta todas as demais, uma vez que faz parte de um todo e adquire significação nessa totalidade. A separação das pranchas visa apenas facilitar a compreensão do leitor.

⁸ A Folha de Localização do teste encontra-se no Anexo 4

PRANCHA I -

<p>Pr. I TL: 10” TT: 2’43” T⁹: A pelve / S: Não tem sentimento, lembra das aulas de biologia.</p> <p>1- ^ <u>Meu Deus!</u> Isso aqui parece aquele osso assim da pelve (ri) Ai eu tenho que te falar tudo? (sim)</p> <p>2- ^ Pode ser <u>um</u> caranguejo também. (você pode movimentar a prancha)</p> <p>3- < Pode ser <u>um</u> cachorro e a <u>sombra</u> de um cachorro. v > ^ (feição de dúvida) < é o que eu vejo é só isso, não consigo ver mais nada não.</p>	<p>Inquérito</p> <p>1- A imagem, quando você vê, olha uma radiografia você vê essa imagem, a coluna, os ossos, o ílaco. (o que tem mais aí que faz parecer com a pelve?) aqui é onde encaixa o útero a bacia. Se olhar, no geral, é a primeira imagem que eu vi.</p> <p>2- Aqui o corpo do caranguejo, as <u>antenas</u>, as <u>patinhas</u>, aquela garra assim na frente e só.</p> <p>3- Rabo, as <u>patinhas</u>, orelha, <u>focinho</u>, tudo dum <u>cachorrinho</u>, o <u>corpinho</u>.</p>	<p>Cotação e FE</p> <p>1- GF+- Anat</p> <p>2- D F + A</p> <p>3- D F + A Reflexo / inho / unitarismo - Clob</p>
---	--	--

Ao deparar-se com a realidade e situações novas, Letícia precisa de um tempo para adaptar-se e recuperar-se da ansiedade mobilizada inicialmente (“*meu Deus*”-disforia). No primeiro momento, este mal estar bloqueia os processos cognitivos (F+-), sendo depois recuperados. A resposta “*caranguejo*” (DF+A) mostra que consegue recuperar o controle da situação (F+), inicialmente quase perdido (F+-Anat).

Esta prancha oferece a primeira oportunidade de perceber a dualidade interativa, representando a capacidade de si perceber e perceber o outro. Contudo, a resposta “*um cachorro e a sombra de um cachorro*” revela um elemento de ansiedade (Clob), um indicativo de defeito de dualidade (unitarismo), defeito de relação, e medo diante de possibilidades de estabelecer relacionamentos. Isso poderia apresentar-se como

⁹ T corresponde a título e S a sentimento (inquérito ideo-afetivo).

uma dificuldade somente manifestada em situações novas, caso tivesse percebido a dualidade interativa nas outras pranchas (III e VII, por exemplo). No entanto, não foi o que aconteceu.

A dificuldade de relacionamento decorre do fato de que o “eu” e o “tu” estão precariamente diferenciados, uma vez que a sombra não é o próprio cachorro, mas, sim, a sua reprodução. A palavra “sombra” mostra que a distinção que Letícia faz entre o “eu” e o “tu” é ainda sutil, o que expressa que ainda mantém um tipo de relação simbiótica, o que caracteriza imaturidade nos relacionamentos.

PRANCHA II-

Pr. II TL: 22” TT: 3’09”	Inquérito	Cotação e FE
T: Uma <u>mistura</u> / S: Patriotismo.		
1. 1- ^ (ri) v Eu continuo vendo o mesmo osso, só que com o buraco no meio >	1- A mesma imagem só que você olha e tem a impressão de que é o osso da pelves.	1- D F – Anat Estereotipia - Dbl- 2- D FC Simb
2. ^ Um coração <	2- O formato, a cor, só (é um coração da gente?)	Crítica ao obj.
3. < Parece mais <u>um porquinho</u> , com <u>a sombra</u> de um <u>porquinho</u>	Não é o coração que a gente desenha, faltando só o <u>biquinho</u> .	3- D F + A Inho / Reflexo / unitarismo
4. v Mapa aqui no meio, bem parecido com o Brasil, mas	3- As <u>patinhas</u> , aquela cara mais achatad <u>inha</u> , as orelhin <u>has</u> , o rabin <u>ho</u> , gord <u>inho</u> .	4- Dbl F +Geo
5. v < Pode ser uma flecha	4- O formato assim, o branco mesmo, só um pouquinho diferente, nessa parte teria que ser mais comprido, mas lembra.	5- D F + Obj
6. v Esse aqui o mesmo mapa <u>despedaçado</u> (aponta o vermelho) > ^ acho que é só.	5- A ponta em lança (o que mais tem aí que faz parecer?) não, só isso.	6- D F – Geo Dissociação - kob puro
	A mesma imagem só que <u>despedaçando</u> , podia ter falado que a flecha fez ela... (gesticula querendo dizer despedaçar).	

Esta é a segunda oportunidade de expressar a dualidade interativa, a capacidade de relacionamento e de encontro. No entanto, o unitarismo se repete (“*um porquinho com a sombra de um porquinho*”), o que mostra tratar-se de uma questão estrutural, sua dificuldade para o vínculo. Novamente não consegue perceber o outro como diferente de si, vendo-o como um espectro do “eu” (simbiose).

Este vínculo simbiótico é estabelecido hoje com a filha, tendo em vista que é nesta relação que investe a maior parte de seu tempo, atenção e preocupação, como pode ser observado na entrevista e nas frases. Este vínculo poderia ter sido reproduzido na relação conjugal, no entanto, observa-se que o marido não é ‘objeto’ de suas maiores preocupações e pensamentos. Nas frases incompletas só comenta sobre o marido quando lhe é solicitado na frase de nº 36, não menciona o marido diretamente, mesmo porque vincular-se a uma criança de 3 anos é mais fácil do que a pessoas adultas, embora, neste tipo de relação, a criança esteja sendo vista como um prolongamento dela mesma.

A resposta “*mapa*” (DF+Geo) é uma tentativa de superar cognitivamente a sensação de vazio (*buraco*: Dbl -), o medo de perda que lhe incomodou de início. No entanto, “*mapa despedaçado*”, dito em seguida, não indica um controle cognitivo eficiente sobre os impulsos internos (F-, com tendência a kob puro). A “*flecha*” que desagrega o mapa, revela um elemento externo, agressivo que invade a experiência, dissociando-a. Este elemento externo pode ser um fato, ou um evento que penetra em um conjunto unitário e o desagrega.

O título “*mistura*”, para a prancha II, não revela um encontro, uma integração, pois uma mistura é casual, não é um “*estar junto*”, é um agregado que é diferente de uma união, coesão, integração. É uma aproximação fortuita, aleatória de elementos que tenta juntar para superar a ameaça de dissociação.

Tendo em vista o unitarismo da prancha I, o unitarismo da prancha II, e, depois, a dissociação do mapa, vê-se que a participante é tomada de sentimentos dissociativos, de separação, de ameaça de quebra do vínculo simbiótico. Ela teme que um elemento externo lhe cause uma desagregação. É como se tivesse um ‘vírus’ dissociativo, que lhe causasse uma separação *in ato*, em potencial.

PRANCHA III-

Pr. III TL: 22” TT: 6’31” T: O Japão / S: Lembrei da copa.	Inquérito	Cotação e FE
<p>1- ^ v Essa aqui é a mesma imagem da pelvis só que em cortes diferentes. Eu vejo os dois úteros, a trompa, o ovário.</p> <p>2- ^ Esse aqui (aponta) parece <u>dois</u> pezinho de cabra, dum bicho.</p> <p>3- < ^ (faz bico) v Assim parece aquelas casa do Japão.</p> <p>4- v <u>Duas</u> cabeças de rato.</p> <p>5- > ^ v Eu vejo essa mesma figura, só que assim, se <u>desmanchando</u>.</p> <p>6- v Parece <u>duas</u> cabeças de homem ou de macaco.</p> <p>7- v Esse aqui pra mim é o pulmão (aponta) eu tenho que te falar o que eu tô vendo no todo ou em pedaços? (do jeito que você quiser)</p> <p>8- Aqui parece que saiu uma fumaça, tem uma <u>sombra</u>. Acho que é só ^.</p>	<p>1- Tudo é a mesma imagem, aqui o canal uterino.</p> <p>2- <u>Duas patinhas</u>, <u>patinhas</u> de porco, a <u>perninha</u> e o formato do pé, da pata.</p> <p>3- O próprio formato aquelas casas abrem e depois continuam (descreve o formato com gestos) (o branco faz parte?) ta dentro.</p> <p>4- O formato da cabeça, o <u>olhinho</u> mais e o formato mesmo.</p> <p>5- A mesma figura do pulmão <u>desmanchando</u>.</p> <p>6- O formato do crânio, cê pega uma ossatura, você vê dessa forma (como assim?) Dá a impressão da cabeça inteira porque nem ta diferente o osso. (é de humano ou animal?) Dá a impressão mais daqueles homens primitivos.</p> <p>7- Os <u>dois</u> pulmões, um do lado direito e o outro do lado esquerdo (o que mais faz parecer pulmão?) O formato e a união deles. (Se você tivesse visto só a FL você teria visto?) Tinha, não, parecia mais uma borboleta (RA1)</p>	<p>1- D F – Anat</p> <p>Estereotipia</p> <p>2- D F+ Ad</p> <p>Inho / - Do /</p> <p>dualismo</p> <p>3- DDbI F+Arq</p> <p>4- D F +- Ad</p> <p>Inho / dualismo</p> <p>5- D C Anat</p> <p>Dissociação</p> <p>Estereotipia /</p> <p>Det</p> <p>6- Do F – (Hd)</p> <p>Dualismo</p> <p>7- D F – Anat</p> <p>Perseveração</p> <p>RA 1 – D F+ A</p>

	8- Aqui parece que tá pegando fogo e tá saindo a fumaça só pela, pela, pela imagem, pela figura.	8- D Clob kob Fum
--	--	-------------------

Um dos fatores que atribuem a esta prancha maior facilidade de interpretação é o fato de propiciar o fácil reconhecimento do humano (reconhecimento de si e do outro como semelhantes). Contudo, torna-se uma árdua tarefa a uma pessoa que tem dificuldade, não só no reconhecimento da alteridade, como no reconhecimento de si mesma. A seqüência de respostas mostrou como foi penoso o enfrentamento desta prancha.

Diante de uma tarefa tão difícil de ser enfrentada, reage com estereotipia (Anat), mostrando que não dispõe de alternativas para enfrentar esta tarefa. Falta-lhe espontaneidade.

Não dispõe de recursos próprios, *élan vital* (K=0) para colocar em prática um projeto de vida e para superar espontaneamente suas dificuldades.

Não consegue recuperar-se, vê partes do corpo humano (Hd) ou animal (Ad) onde a maioria das pessoas vê o todo, por duas vezes manifestando Do. Mostra grande inibição diante da possibilidade de encontro com o outro, devido à dificuldade que encontra em situação como esta.

Por mais que tente superar esta inibição (Ddbl F+ Arq), Letícia continua presa às partes (“*duas cabeças de rato*”), sem conseguir integrar-se novamente em unidade completa. Acaba não conseguindo controlar-se [C], chegando até a dissociação efetiva. É novamente orientada por automatismo mental (estereotipia), apresentando uma visão deteriorada do objeto. Não consegue vencer o ‘vírus’ dissociativo por mais que tente (Do F- (Hd) / D F- Anat), chegando a vivenciar um alto nível de ansiedade associado à mais pura impulsividade, quase devastadora do próprio “eu”.

Esta forma de funcionar mostra uma tendência esquizóide, que não chega a ser psicótica, mas assume algumas características da esquizoidia descritas por Laing (1969/1991).

Falhas no desenvolvimento da matriz de identidade resultaram numa frágil distinção entre o “eu” e o “tu”, tendo em vista que é a partir do reconhecimento do “tu” que o indivíduo reconhece-se a si mesmo verdadeiramente. É através dos primeiros vínculos que se forma a identidade (Moreno, 1934/1992). É o clima afetivo que envolve suas primeiras relações que ajuda a adquirir a segurança ontológica básica quando:

“O indivíduo pode sentir então seu próprio ser como real, vivo e completo; diferenciado do resto do mundo em circunstâncias ordinárias de modo tão claro que sua identidade e autonomia jamais entram em questão; como um continuum no tempo; como possuidor de consistência interior, substancialidade, autenticidade e valor; espacialmente co-extensivo com o corpo; e, em geral, tendo começado em, ou nas proximidades do nascimento e capaz de extinção com a morte. Possui assim um firme âmago de segurança ontológica” (Laing, 1969/1991, p. 44).

“Como tal o homem pode viver no mundo e encontrar seus semelhantes: mundo e semelhantes considerados igualmente reais, vivos, completos e contínuos” (Laing, 1969/1991, p. 41).

A pessoa com baixo limiar de segurança básica tem os sentimentos em relação a si mudados. É incapaz de sentir-se segura dentro de si, vê o mundo como ameaçador, inseguro; conseqüentemente, a relação com os outros também fica prejudicada, pois se preocupa muito mais em proteger-se e preservar-se do que em gratificar-se. O contato com os outros lhe ameaça a integridade. Está precariamente diferenciada do restante do mundo, de modo que sua identidade e autonomia estejam sempre postas em dúvida. Não tem um senso de coesão pessoal, sentindo-se constantemente ameaçada de cisão, o que faz com que talvez sinta seu “eu” parcialmente divorciado do corpo. Para Laing (1969/1991), esta posição existencial é chamada de insegurança ontológica básica.

A dificuldade de relacionamento é uma consequência da tendência esquizóide. Manifesta insegurança ontológica básica, medo da cisão, mecanismos de isolamento ao ter que se relacionar com o outro, o que é vivenciado como ameaçador de seu *self*. Exclui-se da vida social e limita-se a relacionar-se simbioticamente com a filha.

O curso de Biologia, a dificuldade em engravidar e o útero bicornó não justificam as repostas anatômicas, mas mostram que a filha foi um ‘objeto’ difícil de ser conseguido, por causa de um corpo indisponível. Então, em casa, ela protege tanto o seu próprio corpo quanto o produto desse corpo (a filha).

“O esquizofrênico deixa o grupo social, deixa a estrada, fica na casa, deixa a casa, fica no quarto, não ocupa todo o quarto, ocupa a cama, e por último estágio fica embaixo da cama, que é o túmulo dele, é um retrocesso, é o momento catalético, onde a cama virou o sarcófago (*fago* em grego significa comedor de corpos)” (Petrelli¹⁰)

“O processo esquizofrênico se desenvolve da seguinte forma: Homem – pessoa – gente – pedaços de gente – pedaços internos de gente (Anat) – radiografias – sombra de gente. Ou pessoa vivente – corpo morto – despedaçado – fantasma” (Petrelli¹¹).

PRANCHA IV –

Pr. IV TL: 11” TT: 3’16” T: O sapo / S: Pena, está <u>morto</u> .	Inquérito	Cotação e FE
1- 1- ^ v Aqui é a coluna a mesma pelve. As trompas (aponta), o canal vaginal, as trompas. ^ (ri).	1- As trompas, a coluna, o canal vaginal só (mais alguma coisa fez parecer?) Não, é o formato.	1- Gcort F – Anat
2- ^ / Parece um sapo esticado no chão. > v	2- Um sapo <u>emborrachado</u> , você olhando a figura toda (como assim?) Parece que tá <u>esmagado</u> , que o carro passou por cima, a cabeça <u>esmagada</u> (mas o que faz parecer um sapo?) não, o formato do corpo dele por ele ter as patas traseiras	Estereotipia 2- G F + A Desv / - Dissociação

¹⁰ Comentário oral expressado na orientação de mestrado.

¹¹ Comentário oral expressado na orientação de mestrado.

<p>3- ^ (bico) parece uma pessoa meio <u>deformada</u> só com os pés abertos de bota.</p> <p>4- < v parece um lagarto nascendo (aponta) < ^ Só isso.</p>	<p>maiores que a frente.</p> <p>3- Os pés abertos, a cabeça bem miudinha, quase sem cabeça, os braços; o que dá mais para parecer são as pernas como se ele fosse uma pessoa enorme e desse pra aparecer mais o reflexo das pernas (como assim reflexo?) pelo jeito que a luz bate destaca mais as pernas.</p> <p>4- Aqui como se tivesse saindo o formato das <u>antenas</u>, o formato do corpo.</p>	<p>3- G F +- H</p> <p>Critica a objeto</p> <p>4- D kan -+ A</p>
--	--	---

Diante da figura de autoridade e do masculino viril, apresentados por esta prancha, demonstra novamente bloqueio (Anat), deixando-se levar pelo automatismo mental (estereotipia).

Tenta superar esse bloqueio e quase consegue (GF+A), mas é novamente tomada pela desagregação (dissociação) e desvitalização. A palavra “*esborrachado*” apresenta uma conotação de desvitalização, separação, divisão. A sucessão que descreve a desestruturação da percepção conforme o processo esquizofrênico é: “animal inteiro – parte de animal – vivente – deteriorado – depois despedaçado (não mais vivente) – partes de animais externas – internas (Anat)” (Petrelli¹²).

Segundo Laing (1969/1991), o medo de ser absorvida e despersonalizada pode levar uma pessoa com tendência esquizóide a despersonalizar e até mesmo petrificar o outro (desvitalização), afastando, assim, o perigo de ser objeto de alguém. Esta pessoa não considera o outro como um ser humano vivo (sapo está morto), mas como um objeto. É

¹² Comentário oral expressado na orientação de mestrado.

este mecanismo que usa para lidar com o que a ameaça. Daí em diante, seu desempenho entra em um decréscimo cada vez maior (GF+- H e Dkan -+ A).

Nesta prancha, Letícia se projeta como sendo o seu próprio corpo desmembrado, o marido é excluído, estão apenas ela e a filha num vínculo simbiótico, o que as frases confirmam, pois ela só menciona o marido na frase 36, assim mesmo porque foi solicitada. Antes, faz alusão ao marido de forma indireta quando na frase 14 diz de forma pejorativa que os homens são quase todos iguais, sublinhando o quase para evidenciá-lo.

Revela uma relação com um pai poderoso pelos pés grandes, inferiorizando o outro. A cabeça pequena é apenas uma crítica. Relaciona com a frase 23.

PRANCHA V –

Pr. V TL: 10” TT: 2’13” T: Morcego / S: <u>Medo</u> .	Inquérito	Cotação e FE
1- ^ Uma borboleta. 2- ^ Ou morcego voando com as asas abertas parece mais um morcego. 3- ^ > v Parece uma pele dum bicho <u>esticada</u> no chão. v (mão na boca) < ...^	1- O formato, as <u>antenas</u> o corpo dela e as asas. 2- Todo, porque tem patas. O formato, as asas, o corpo, só. Ele tá voando, ele tem as asas grandes. 3- Um tapete, porque na casa da minha sogra tem um tapete que tem essa parte que é o pernil de um lobo e aqui parece como se fosse os <u>dois</u> .	1- G F + A / Ban 2- G kan + A disforia 3- D F + Ad Desv./ auto referência / Dissociação /Dualismo

Revela boa percepção de sua própria corporalidade e de sua identidade enquanto relacionada ao “eu”, mas quando relacionada ao outro ou ao mundo já iniciam os mecanismos dissociativos.

Os “*dois pernis*” expressam um dualismo, juntamente com a dissociação. Teria sido bom que Letícia tivesse percebido a dualidade em humanos (H), ou mesmo em animal (A) e não uma parte de animal (Ad).

No que a experiência pode apresentar de mais banal, a participante agrega sentimentos disfóricos (sentimento: “*medo*”), mostrando que até nas coisas mais óbvias, simples tem disforia, ansiedade e angústia.

Não expressa aqui problema algum com relação a seu excesso de peso, nem com relação ao útero bicornio.

A dificuldade de vínculo a leva a ficar só consigo mesma; talvez, por isso, coma mais e engorde. Não é que não tenha “encontro” (capítulo 2) porque é obesa, mas porque se exclui, perde o outro (“tu”) e ganha em peso. O corpo obeso é obeso porque recuperou um corpo perdido no seu próprio corpo, aumentando seu próprio corpo. Fica o questionamento: não encontrou o outro (“tu”) porque engordou ou engordou porque não encontrou o outro?

PRANCHA VI –

Pr. VI TL: 35” TT: 4’03” T: ... Reflexo da imagem / S: Tranquilo	Inquérito	Cotação e FE
1- ^ (coloca a mão na boca) v Tapete (Passa a mão na prancha)	1- O mesmo formato do pernil, patinha, o formato assim parece a pele do bicho, porque a pele não é <u>certinha</u> .	Choque de Latência Choque arquétipo 1- D F + Obj inho
2- v Parece ser um pênis (fala baixo e ri) Hum! Parece um pênis.	2- Só o formato	2- D F + Sex

<p>3- ^ Borboleta pequenininha aqui.</p> <p>4- > (mão na boca) <u>um</u> gato deitado com a <u>sombra</u> (aponta)</p> <p>5- v ... <u>metade</u> de um coração (metade?) é só a parte de baixo. > ... ^... <</p> <hr/>	<p>3- O formato, pra mim tudo é o formato.</p> <p>4- É, tá deitado, cabeça, <u>patinhas</u>, rabo, orelha e a imagem.</p> <p>5- Só a <u>metade</u>, coração que a gente desenha (entra o branco?) é.</p>	<p>3- Dd Dbl F+</p> <p>A</p> <p>Inho / - (c)</p> <p>4- D F + A</p> <p>Reflexo / inho/</p> <p>unitarismo</p> <p>5- Dbl F+-</p> <p>Simb</p> <p>Estereotipia /</p> <p>Dissociação</p>
---	--	--

Quando é solicitada a enfrentar a sexualidade persiste na verbalização “sombra”, já não se constitui em um conteúdo, mas em um fenômeno especial. Revela a incapacidade de constituir uma dualidade interativa necessária para haver um encontro autêntico em intimidade. Não supera o unitarismo, percebe apenas um e, no máximo, só sua sombra, mas nunca dois.

A denúncia de todo esse teste é a ausência de dois. É o defeito de uma dualidade interativa, o defeito de uma percepção do inteiro (G) e o defeito de uma associação de G com a K. A falta desta configuração mostra a incapacidade de presença autêntica. Dificuldade de organizar os fatos, os eventos. É capturada pelas partes de um contexto, a realidade é dividida, ou separada, cortada, nunca é inteira. Não se relaciona com um interlocutor sujeito, mas se relaciona com uma sombra; é a relação com algo que não tem consistência (sombra e animal são bem primitivos).

A sexualidade não está restrita a um contato físico, mas a um relacionamento de intimidade, um encontro, o reconhecimento do “eu” e do “tu”. Logicamente que a dificuldade de relacionamento denunciada em outras pranchas prejudica a sexualidade, pois, sem a capacidade de vínculo, não existe sexualidade autêntica, integrada.

PRANCHA VII –

Pr. VII TL: 33” TT: 2’54” T: Natureza / S: Não me passa nenhum sentimento	Inquérito	Cotação e FE
1- ^ ... > v <u>Dois</u> cavalos marinhos 2- > ^ Parece <u>duas</u> partes assim <u>pra se encaixarem</u> . 3- v Borboleta. 4- v Parece cavalo marinho pensando, saindo uma fumacinha da cabeça dele.v < v ^ ...	1- A cabeça, o corpo e o cavalo marinho têm aquele rabo e o cavalo marinho tem aquela pata. 2- Só encaixa, quebra-cabeça. 3- Aqui o corpo da borboleta e as asas. 4- É o mesmo cavalo marinho só que pensando como se tivesse saindo a fumacinha.	Choque Latência Choque Arquétipo 1- D F + A Dualidade primária 2- D kobF Obj dualismo 3- D F + A 4- D Clob kobFum

Aqui, a dualidade perdida é minimamente compensada com a percepção animal, dualidade primária (DF+A). Mostra a primariedade de suas relações íntimas, a ausência primária da dualidade. Não foi convidada no início de sua vida à relação íntima. Pode até ter sido amamentada, mas não houve um contato satisfatório para o estabelecimento de vínculo. Foi nutrida fisicamente, mas não afetivamente. Era pra existir o contato, era pra se “encaixar”, mas não aconteceu, isso ficou registrado na memória mnêmica. Por isso, cada situação de encontro produz ansiedade e angústia (frase 38).

O choque a esta prancha mostra que houve um perturbado relacionamento com a mãe, gerando dificuldades afetivas nos relacionamentos de intimidade e, conseqüentemente, sexuais, como foi observado na prancha anterior.

PRANCHA VIII -

Pr. VIII TL: 16'' TT: 3'48'' T: Captura / S: Emoção (mais pelo pára-quedas)	Inquérito	Cotação e FE
1- ^ Essa aqui é a pelve colorida 2- > Imagem de <u>uma</u> onça refletida numa água. 3- < ... v...(mexe na boca) > v parece um avião puxando um pára-quedas aberto. 4- ^ v Parece que são <u>onças</u> que tão querendo pegar um bicho que tá aqui dentro da montanha. 5- v Borboleta verde ...aqui assim parece a imagem do tronco (aponta em si) ^	1- Trompas, canal, ovário, útero (o que mais faz parecer a pelve?) Olhando assim o formato. 2- As patas, o formato da cabeça, o formato dela andar, o jeito dela andar. (ela está andando?) Hum rum! (afirmação) 3- Aqui a ponta, as asas, a parte de trás e o pára-queda, essa parte meio arredondada. 4- O Bicho dentro da montanha, as patinhas e a <u>onça</u> está puxando. Aquela mesma imagem de trás, só que ela tá verde e menor.	1- D CF –Anat Estereotipia / Choque a cor 2- D kan + A / Ban Reflexo / unitarismo 3- D Fkob Obj 4- D kan – A 5- D FC A

Apresenta dificuldade em estabelecer contatos sociais, não conseguindo adaptar-se a grupos. O fato de não reconhecer o “tu” e apresentar bloqueio da própria afetividade prejudica a convivência social.

Consegue compreender as regras, as normas e valores sociais (Dkan+ A/ban).

É capaz de conviver socialmente, desde que seja com superficialidade.

Nesta prancha, repete-se o mesmo desempenho observado em pranchas anteriores. O bloqueio emocional mobilizado tem como consequência um fechamento ante as solicitações afetivas do ambiente e das emoções provocadas pelos objetos externos.

Confirma a destruição sistemática da dualidade e a dificuldade de relacionamento.

PRANCHA IX –

Pr. IX TL: 16” TT: 3’47”	Inquérito	Cotação e FE
<p>T: João Bobo /S: Infância, saudade, tinha um desses.</p> <p>1- ^ v ^ Mesma imagem da pelve, o ovário e o útero, só que colorida. ^ parece que tem sempre imagens refletidas.</p> <p>2- > <u>Um</u> boto cor de rosa, comendo alguma coisa.</p> <p>3- ^ v Parece que é <u>um</u> fantasma</p> <p>4- v ou então <u>um</u> João Bobo, parece mais um João Bobo.</p> <p>5- v Cabeça do rinoceronte de verde v... > ...^ < v</p>	<p>1- O formato olhando, só que tá uma imagem mais comprida, não tá tão alargada como as outras.</p> <p>2- Cabeça, as narinas, o <u>olhinho</u>, a boca aqui embaixo como se estivesse, comendo. (FL) Não parece.</p> <p>3- 4- Parece mais João Bobo, que você empurra assim.(O que mais faz parecer João Bobo?) O formato mais arredondado embaixo e a cabecinha maior em cima.</p> <p>5- Essas cristas que ele tem, a orelha, o olho e o focinho grande, o nariz grande.</p>	<p>1- G CF Anat</p> <p>Estereotipia/ reflexo / choque a cor</p> <p>2- D CF / kan + A inho /unitarismo</p> <p>3- Dbl F – (H) Unitarismo/ negação</p> <p>4- Dbl F + (H) Unitarismo</p> <p>5- D F + Ad Unitarismo</p>

Apresenta automatismo mental (estereotipia-Anat), a mente opera com automatismos. Novamente manifesta bloqueio emocional e dificuldade afetiva (choque à cor).

Mostra sua carência com relação à afetividade mais profunda, mais primitiva. Nas primeiras fases da matriz, o contato materno foi precário prejudicando o desenvolvimento da afetividade necessário para ela ter boa capacidade de relacionamento. Ocorreram bloqueios que lhe impediram o desenvolvimento. Sua dificuldade de relacionamento tem raízes profundas, decorrem de falhas muito primitivas na matriz de identidade. Estas falhas impediram a construção de um sólido alicerce da identidade.

PRANCHA X –

Pr. X TL: 17” TT: 5’22” T: Anastásia (lembra o malvado do filme)/ S: Maldade.	Inquérito	Cotação e FE
1- ^ Mais <u>bonitinha</u> , <u>dois</u> caranguejos 2- v <u>Dois</u> ovos fritos 3- v <u>Dois</u> cavalos marinhos 4- v A mesma imagem da pelves, só que meio <u>fragmentada</u> 5- v ^ <u>Duas</u> flores 6- > ... <u>Um</u> lagarto 7- ^ v A metade de <u>um</u> coração coment. da 1 >... ^ essas duas manchas azuis parecem dois caranguejos, sempre a imagem é dupla. 8- v (coloca a mão na boca) Parece uma imagem assim com olho, nariz, boca, uma cara carrancuda. (aponta a figura) < ^	1- Esse monte de patas, o rabo grande, o formato do corpo. 2- Tem a gema no meio e o formato quando você tá fritando o ovo. 3- O mesmo formato do outro, a cabeça, o tronco (FL) Parece. 4- Osso, aqui canal, ovários, não sei a imagem como um todo parece, mas o quê, eu não ... 5- O caule, a ... o formato mesmo 6- O comprimento do corpo, a cabeça como se tivesse várias pernas, uma centopéia, a cabeça arredondada. 7- O formato (esse branco?) fazendo parte. 8- O olho, o nariz, boca, o semblante (aponta entre os olhos e a testa)(semblante	1- D F +A/Ban Inho / dualidade primária 2- D CF Alim Dualismo 3- D F + A Dualidade primária 4- D F – Anat Dissociação 5- D F + A Dualismo

	de humano ou animal?) Mais de bicho, esses de história animada.	6- D F + A Unitarismo 7- DDbI F – Simb Estereotipia / Dissociação 8- DDbI F+- (Ad) Disforia
--	--	---

A percepção de DF+A/ban mostra que ainda tem estruturas operantes da realidade. Consegue perceber o que a maioria das pessoas vêem (ban).

Está tentando organizar os objetos fragmentados dispersos no mundo, embora sem muita habilidade (1CF, 2F-, 1F+-). A multiplicidade do mundo ameaça a dissociação da unidade do “eu” em alguns momentos, mas tenta resistir através de mecanismos cognitivos (F) que retornam inclusive aos ludos infantis. Esta tentativa de manter a unidade é bastante difícil e angustiante (disforia), uma vez que representa uma multiplicidade de ações da vida cotidiana desenvolvida sob olhar de outrem.

6.5-Frases Incompletas

As frases incompletas apresentaram informações pouco consistentes, mas servem para auxiliar a compreensão do Rorschach. Talvez o conteúdo superficial das informações seja consequência e uma falta de vínculo entre a pesquisadora e a participante, ou pela falta de experiência da pesquisadora no uso desse instrumento.

Esse tipo de instrumento favorece um certo controle da consciência, pela preocupação em satisfazer o outro.

A análise que se segue apresenta as frases que possuem uma coerência e em seguida se apresenta a análise, correlacionando com a entrevista.

(7) Me aborrece falta de paciência / (28) Me incomoda num homem a falta de paciência /

(41) Os homens esperam uma família perfeita / (14) Os homens são quase todos iguais!

(50) Me agrada num homem, seu jeito. / (36) Um marido é gostoso ter. (34) Quando vejo um homem imagino sua família.

Quando se trata do masculino, do marido, do homem que é mais próximo dela, ela comenta superficial e vagamente, como se não quisesse entrar no assunto e, em outros momentos, expressa o quanto se sente cobrada por ele, a dificuldade que tem em atender às exigências, comentando pejorativamente.

Quanto à frase 36 diz que “é gostoso” em todos os sentidos (responde rindo maliciosamente).

(9) Às vezes, sinto falta dos meus pais / (12) Na família o importante é a união / (32) Me lembro sempre de Uberaba / (35) Me marcou minha mudança de cidade / (44) Me frustra não ter minha família por perto / (21) Os filhos são um elo do casal / (45) Se não fosse meu marido, não estaria em Goiânia.

Nestas frases Letícia expressa o quanto é ainda forte para ela os laços com a família de origem e o quanto sua vinda para Goiânia foi difícil, marcando-lhe negativamente. Na frase 45, ela explica que está bem aqui, mas fala para o marido que só ele a prende aqui, se não fosse por ele não ficaria, talvez até não voltasse para sua cidade, mas não ficaria aqui.

Quando ela fala de família, refere-se à família de origem e não à sua família nuclear (atual), mostrando que seu maior vínculo é com a primeira. A frase (21) “os filhos são o elo do casal” confirmam isso, pois o vínculo do casal não depende de filhos depende de cada um ter assumido a união verdadeiramente e desvinculado-se da família de origem. No entanto, já foi observada no Rorschach sua dificuldade em estabelecer vínculos, ela reproduz com a filha o tipo de vínculo simbiótico que mantinha com a mãe, com o qual já estava acostumada.

(26) A profissão é importante, mas não é tudo! / (46) O trabalho é dignificante, mas não é tudo! / (5) O trabalho é importante.

Estas frases podem estar expressando uma justificativa para ter deixado de trabalhar ou uma lamentação sobre o trabalho do marido, uma reclamação de que ele deveria se dedicar a outras coisas, como a família, além do trabalho.

(1) A época mais feliz foi quando a Poliana nasceu / (3) Antes de casar saía um pouco mais. (4) Se não fosse meu pai, minha mãe não seria feliz / (11) Me esforço para ser feliz / (13) Eu me propus ser feliz! / (19) Sem trabalho sou feliz. (31) Quando meu pai chegava em casa é só felicidade! / (20) Estou melhor agora.

Apresenta uma grande preocupação em estar feliz, talvez apresentar uma imagem de pessoa feliz para a pesquisadora ou até para provar para si mesma que é feliz. A felicidade para ela não flui espontaneamente do fundo de seu ser.

(3) Antes de casar saía um pouco mais. / (29) Quando era pequena era mais introspectiva / (43) Mudaria em minha vida meu estilo

Durante a entrevista, Letícia se autodenomina como sendo uma pessoa tranqüila, mas ela mesma comenta que é mais “fechada” do que o marido. Tanto que é esse seu estilo que gostaria de mudar. Ser mais introspectiva, no caso, refere-se ao isolamento, ao reconhecimento, até certo ponto, de sua dificuldade de relacionamento. Pode até ser que antes de se casar saía um pouco mais, contudo, esse “fechamento” já existia desde a infância.

(17) Uma mãe é uma segurança / (23) Meu pai a minha fortaleza / (25) Se não fosse minha mãe, meu pai não daria tanta importância à família / (6) Tomar decisões sempre é difícil / (8) Minha vida futura ainda estou decidindo.

Busca a segurança que lhe é precária no pai e na mãe, principalmente na mãe, pois foi esta a responsável por manter o pai mais próximo da família. Sua insegurança também é mostrada pela frase nº 6 quando se trata de tomar decisões. Segundo ela, qualquer decisão é difícil, disse que perde noites de sono pensando nos “prós” e “contras”, mesmo quanto às decisões mais simples. Quando diz que ainda está decidindo sua vida futura, imagina-se o quanto deve estar sendo difícil para ela, pois esta não é uma decisão simples.

(47) Uma esposa é o centro de um lar / (49) Daqui a 5 anos espero estar ainda cuidando de filhos / (10) Antes de meus filhos nascerem eu não sabia o quanto é bom tê-los / (42) Me realizo com a Poliana / (48) Antes imaginava a minha vida profissional / (30) Eu espero poder dar boa educação aos meus filhos.

Estas frases mostram os valores que Letícia tem internalizados sobre o papel da esposa no lar, cuidando dos filhos e mostra que hoje já não se preocupa mais com a vida profissional como antes.

(2) A independência é ser livre / (37) A liberdade é importante / (40) A dependência é importante.

Esta última frase é contraditória, não soube explicar o que estava querendo dizer com esta frase, ela mesma não entendeu. Estas frases mostram um certo conflito entre querer ser livre e independente ou querer ser dependente. A independência favorece a liberdade, que é considerada importante. O existencialismo já dizia que a liberdade implica também em responsabilidade, o que pode tornar a dependência muito conveniente ou até importante em algumas situações. Principalmente quando não se consegue encontrar em si a segurança necessária para assumir a responsabilidade por si mesma.

(38) Fico constrangida em casa de pessoas estranhas.

Esta frase confirma a dificuldade em estabelecer contatos sociais e adaptar-se a situações novas observadas na análise das pranchas VIII e I.

As outras frases expressam opiniões e conteúdos artificiais, que não constroem informações mais consistentes. Algumas frases incompletas foram propostas mesmo com temáticas diversas para mesclarem o conjunto de frases, heterogeneizando-o.

(15) As pessoas cada uma com sua importância.

(16) Quando estou só rezo.

(18) Necessito de tempo.

Disse que precisa de tempo para fazer ginástica, porque a filha ainda não está na escola e toma muito seu tempo.

(22) Não posso parar de fazer dieta.

(24) A maioria das mulheres gostam de ir às compras.

(27) Minhas amigas são um complemento.

(33) Temo a violência.

(39) Por ser mulher é mais gostoso.

Disse que prefere ser mulher porque tem mais vantagens. Exemplifica o fato de poder ficar em casa, sendo que homem não pode. Também pelo fato de seu pai proteger mais as filhas do que o filho, disse que os homens são mais “largados”.

6.6-Síntese

A partir dos resultados obtidos, foi possível esclarecer alguns aspectos do modo de “ser no mundo” e da singularidade da participante, o que amplia a compreensão dos aspectos que contribuíram para seu “retorno” ao lar e como tem vivenciado sua vida.

De acordo com os dados analisados, a partir do Rorschach, da história de vida e das frases incompletas, observaram-se alguns aspectos relevantes de sua personalidade.

Letícia apresentou uma inteligência indutiva, voltada para as coisas concretas, porém o fato de ficar muito ‘presa’ aos detalhes prejudica a noção do todo e a capacidade de síntese (D e G).

Seus grandes esforços de racionalização e intelectualização são pouco eficazes. Deste modo, não alcançam um bom controle cognitivo, nem um juízo crítico eficiente, com pensamento coerente. O distúrbio afetivo prejudica a eficiência intelectual (F+% e F%).

O teste como um todo aponta uma imaturidade afetiva emocional, a qual tem raízes profundas, nos primórdios de seu desenvolvimento. Provavelmente, tenham ocorrido algumas falhas no desenvolvimento da matriz de identidade, que ainda não foram superadas. As falhas se deram por volta da fase da simbiose. O clima afetivo estabelecido entre ela e a mãe não favoreceu a diferenciação entre o “eu” e o “tu”, e a formação do “eu” ficou, conseqüentemente, prejudicada, o que resultou numa frágil estruturação da identidade e na constituição de uma insegurança ontológica básica.

Em função da imaturidade, apresenta pouco ou nenhum controle sobre o próprio sentir; é facilmente levada pelas emoções e pelos objetos do mundo externo (sugestionabilidade) (TRI). Mobiliza-se emocional e afetivamente com o mínimo de estímulo ($CF+C>FC$). A inibição afetiva e o bloqueio cognitivo, perceptivo (Do) podem resultar de uma tentativa ineficaz de superar o baixo controle emocional (Fum), que pode até chegar a um choque emocional e a um bloqueio do *élan vital* ($K=0$). Em função disso, fica difícil receber e investir afetos adequadamente. Toda essa dificuldade acarreta um prejuízo dos relacionamentos interpessoais.

No que diz respeito à convivência de grupo, consegue controlar e conviver com os impulsos e com a situação conflitiva entre o mundo interno e o mundo externo. Já nas situações de intimidade, perde o controle, chegando a um estado de ansiedade (kob).

Não tem um controle ativo sobre forças e tensões internas, as quais provocam inquietação, temor e agitação (Clob kob). Mostra sinais de ansiedade situacional e sentimentos de hostilidade orientados para o mundo externo (Dbl, $CF+C > FC$, TRI).

O fato de não reconhecer o outro como diferente e independente de si (reflexo) dificulta o estabelecimento de um relacionamento autêntico e maduro (unitarismo, dualismo, dualidade primária e ausência de dualidade interativa). Apresenta um relacionamento com o outro com inautenticidade, receio, cautela (H) e falta de espontaneidade. As relações de intimidade ficam prejudicadas, bem como a sexualidade e os contatos sociais.

Em função da imaturidade, insegurança, pouca capacidade de adaptação afetiva e da dificuldade de relacionamento, as situações de encontro produzem angústia e ansiedade. Apresenta dificuldade de reagir espontaneamente para se defender de sua fragilidade e das ansiedades internas, principalmente diante de situações novas. A defesa que utiliza é o fechamento em si mesma (isolamento) ou limita-se ao relacionamento com a

filha (simbiose). Revela bloqueios e automatismo mental, ao invés da criatividade para tentar superar a ansiedade, tensão e sentimentos de frustração.

Não dispõe de recursos internos ($K=0$) eficientes para superar suas dificuldades ou colocar em prática seus projetos de vida.

A dissociação indica uma tendência esquizóide, a qual apresenta algumas características: ruptura nos relacionamentos com o mundo e na relação consigo mesma; medo de cisão; dificuldade de sentir-se à vontade no mundo e com os outros; utilização do isolamento para defender-se dos sentimentos de vulnerabilidade; ausência de autonomia devido à insegurança ontológica; ansiedade ao lidar com conflitos interiores; sentimentos de ameaça à unidade do ser; sensação de quebra de vínculo simbiótico e medo de perda. A falta de sentimento de integração do próprio corpo dificulta o “estar junto com” outros seres humanos.

Não se trata de uma patologia que a distancia da interação com o mundo. Trata-se de dificuldades administráveis ($EE > EP$). Possui estruturas operantes que mostram que Letícia não perdeu o contato com a realidade, embora demonstre um certo distanciamento do senso comum _ um isolamento (IR).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do presente trabalho foi elucidar quais aspectos influenciaram para que uma mulher, com condições de assumir um lugar no mercado de trabalho, abrisse mão do trabalho externo para ficar em casa cuidando do lar.

Os objetivos específicos foram investigar e compreender a situação vivencial singular e o modo de ser no mundo de uma mulher nestas circunstâncias; e mostrar a importância do Rorschach, enquanto instrumento de investigação qualitativa útil à compreensão da singularidade, contribuindo, assim, para o avanço da ciência psicológica.

A partir dos resultados obtidos e discutidos foram observadas possíveis ligações entre a vida interior e o ‘retorno’ ao lar.

Alguns elementos observados que elucidam o fenômeno estudado:

A “díade primária” (mãe-filho) fundamenta todas as futuras relações interpessoais. É também a partir desta primeira relação que se forma a identidade pelo desenvolvimento da matriz de identidade. Pode se observar que Letícia, a participante, apresenta uma dificuldade em relacionar-se com o outro, não percebendo o “tu”, como este é, mas como a sombra de si.

A dificuldade no reconhecimento do “eu” e do “tu” deve-se a não superação da simbiose em que não favoreceu a quebra do vínculo simbiótico. O fato de a família ser pequena, não haver tios, primos restringe muito os contatos sociais que poderiam favorecer esse “corte”. Mas esta não é justificativa suficiente, pois havia na própria família vários “eles”, como o pai e os irmãos, capazes de realizarem esse “corte”.

A participante foi passando pelas outras fases, mas sempre agrilhoadada na relação simbiótica, prosseguindo seu desenvolvimento sem superar uma fase (simbiose), ficando sempre uma pendência que não a deixa desenvolver-se plenamente.

Em função das falhas ocorridas no desenvolvimento da matriz de identidade apresenta imaturidade, insegurança e dificuldades de relacionamentos. Relaciona-se simbioticamente, e, pela fragilidade de sua identidade e pela ansiedade com relação à separação, apresenta muito medo de perder o vínculo simbiótico. A segurança ontológica básica não foi bem estruturada, o que a leva a buscar segurança na maternidade.

A insegurança básica de Letícia a leva a buscar no outro (filha) um apoio para seu ego frágil. Possui falta de segurança em si mesma. Pessoas com essas características buscam papéis socialmente aceitos e modelos que fornecem uma pseudo-segurança em si mesma (Pichon-Rivière, 2000).

O desempenho do papel de protetora da filha é uma tentativa de resgatar sua auto-estima, ganhando uma potência ilusória. Permanece indiferenciada na fusão simbiótica de seu papel de mãe, evitando o processo da autodefinição.

Antes do casamento, desempenhava o papel de filha; depois que se casou, sobrepôs a esse o papel de esposa; depois que a filha nasce, desempenha o papel de mãe. O vínculo simbiótico mantido com a mãe reproduz-se na relação com o marido e na relação com a filha.

Sua imaturidade pode ser observada quando, durante uma crise conjugal relatada na entrevista, Letícia retorna à casa dos pais (ao ninho) em vez de enfrentar a situação. Este é o comportamento de uma jovem recém-casada, não uma atitude de uma mulher que se encontra casada há cinco anos. Sua volta acontece em circunstâncias cinematográficas quando o marido acabara de ser acidentado. Ela assume o papel de cuidadora, tendo o marido como dependente dela. Mostra, no relato desse conflito conjugal, algumas atitudes que revelam uma necessidade simbiótica, que é a necessidade de controlar o outro, de que o outro dependa de si tanto quanto ela depende dele, não

admitindo que ele faça atividades que não atendem ao seu desejo; nem ela quer ser independente, nem quer que o marido tenha atividades que independam dela.

Seu papel dramático é um papel associado à dependência social. Não cria novos papéis, fica estagnada nos papéis familiares (filha, esposa, mãe). Pode-se ainda observar pela entrevista e pelas frases (6, 23, 39, 40, 45) que conserva o mito de mulher como sendo ‘posse’ dos homens, antes era ‘posse’ de seu pai, depois é ‘retirada’ de seu ‘ninho’, ficando sob a ‘posse’ do marido.

Hoje ela realiza a pré-inversão de papéis com a filha. Ela era filha, hoje é mãe. Talvez esta seja uma nova oportunidade de romper o anel de ligação e bem resolver a triangulação. Para isso é importante o papel do marido para fazer o ‘corte’ no elo de ligação entre ela e a filha.

Pode chegar um momento em que ela comece a perceber que a filha se relaciona com outras pessoas (“tu”-“ele”), com uma futura professora, ou com o pai, um futuro namorado, e que isso acontece independente dela. Mas essa separação pode ser dolorosa e ela pode querer evitá-la. Percebe-se pela entrevista que a filha não sai sozinha com o pai, talvez porque este não queira, mas também pode ser que ela prefira evitar. Como vai ser para ela e para a filha esta separação? A relação de Leticia com a filha guarda correspondência com a fase simbiótica. Nesse tipo de relação, perde sua identidade ou individualidade, substituindo-as pela função de mãe, identifica-se com a relação ou com o papel. Quando a filha crescer e tentar se desvincular, poderá sentir que estará perdendo uma parte de si, porque já não é mais Leticia, mas, sim, “a mãe” e não há mãe sem filha. Isso poderá trazer conseqüências dolorosas para as duas.

Leticia apresenta uma tendência à esquizoidia, como se pôde observar na análise do Rorschach. Apresenta um estado da personalidade (“eu global”) em que os “eus” parciais internos não se integram plenamente, há uma frágil integração que ameaça

constantemente romper-se. Em consequência disso, não consegue integrar plenamente e reconhecer os seus “eus” internos (Fonseca, 2000, pp. 91-92). Ao invés de se integrar e associar, ela apresenta um mecanismo de dissociação.

Moreno (1946/1993) escreve sobre o conflito gerado no ator ao desempenhar um papel, conflito entre as características peculiares do personagem e o ser do ator, a pessoa privada. Descreve o caso de uma atriz que, para salvar a sua integridade de artista, cria uma estratégia para não mais recordar as falas da sua personagem depois de tê-las dito. Este é apenas um dos conflitos os quais o ator sofre.

Equivalente ao conflito primário entre o papel dramático e a pessoa privada, ocorrem também conflitos entre o papel que a pessoa desempenha, atendendo às expectativas ou interesses sociais, e ao que poderia desempenhar se atendesse aos interesses privados. Ocorre, portanto, um conflito entre pessoa privada e papel social (Naffah, 1979).

Deste modo, Leticia assume o papel de mãe também para atender às expectativas sociais, não sendo este o real interesse. Não é, então, um papel que surge da pessoa privada, um papel que a constitui. Produz-se um conflito que pode, também, provocar as sensações de dissociação, justamente por sentir sua própria integridade (pessoa privada) ameaçada pelo papel assumido, embora este, por outro lado, tenha sido criado também como uma tentativa de criar um “eu” global integrado, o que sente estar ameaçado de dissociação. Ao assumir o papel de mãe, ela tenta integrar seus “eus” parciais em um “eu” global de mãe.

Leticia mostra uma tentativa de ajustamento, mesmo que seja disfuncional, mas cria um círculo vicioso que a afasta tanto da pessoa privada como do contato com os outros, sabe-se, porém, que o humano cresce no contato com os outros. Distanciando-se dos demais, ela sente uma falsa segurança, pois inicialmente diminui a sensação de ameaça

de dissociação, mas esta não é anulada, permanece ali, perturbando-a, fazendo-a permanecer insegura.

Letícia apresenta também dificuldade em lidar com as situações novas, tendo em vista sua dificuldade de agir de modo espontâneo, o que a leva a se isolar do convívio social, uma vez que este apresenta situações novas todo o tempo, exigindo reações espontâneas.

Sua existência justifica-se por sua função de mãe. A dificuldade de diferenciação e identificação do outro pode causar um desespero em encontrar e interagir com um “tu” real. Sua filha é, por sua vez, uma criança e um “tu” que não a ameaça, não a agride. O que busca é um “tu” que lhe substitua o vazio, mas a filha não é vista como um “tu” independente, mas uma sombra, ou prolongamento de seu “eu”.

Isso talvez explique as razões de querer dedicar-se exclusivamente à filha; talvez por um medo de perder o vínculo com ela, para compensar um sentimento de impotência de relacionamento. A dificuldade de relacionamento leva-a à busca de um interlocutor, a filha, vista como um prolongamento de si, sua própria sombra.

Os resultados revelam que suas escolhas não foram orientadas por valores, para afirmar o valor da dona de casa, como se poderia imaginar. Sua casa é vista como um reduto, último para defender um vínculo, na qual se entrincheira pela relação com a filha. A escolha para ficar em casa com a filha foi uma tentativa de eliminar a possibilidade imaginada, paranóica de cisão, de separação.

Para garantir a possibilidade do vínculo, que lhe falta psicologicamente, ela o compensa fisicamente, deixando de trabalhar fora para estar mais tempo presente em casa cuidando da filha.

O fato de ter deixado a sala de aula para se dedicar à família decorre do fato de que vínculos para ela, em sala de aula, devem ter sido complicados, pois, em uma sala, é

necessária uma série de vínculos, com cada aluno, cada qual com características diferentes. O “ficar em casa para cuidar da filha tão esperada” pode ser uma boa justificativa, os discursos podem até ser bonitos, mas os mecanismos psicológicos deixam a desejar.

Seu ‘retorno’ para casa não é para recuperar um valor, mas para um retrocesso, um defender-se, um se fechar, um reconstituir em algo de antecedente, de primitivo e primário.

Em face do que foi observado, propõe-se a rematização da identidade por meio de psicoterapia, para que a participante possa reaprender a lidar com os demais, mediante a interação com o outro (“tu”) sintetizado inicialmente na pessoa do terapeuta. Tendo em vista a fase simbiótica em que se encontra bloqueada, o tipo de psicoterapia mais indicado é bipessoal (cliente e terapeuta). Depois de haver atingido um nível de desenvolvimento mais avançado, passa-se à psicoterapia individual (cliente, terapeuta e ego auxiliar), rematizando a fase da triangulação. Só depois de superadas algumas etapas de crescimento, passaria à psicoterapia de grupo, correspondente à circularização e que favorece o desenvolvimento das demais fases. A psicoterapia vai proporcionar oportunidades de reviver e corrigir a matriz original, pois, segundo Moreno (citado por Fonseca, 1980), cada segunda verdadeira vez liberta a primeira.

Este processo de investigação apresentou algumas falhas que devem ser apontadas com o intuito de superá-las em futuros trabalhos. Propõe-se, portanto:

- Fazer uma análise mais aprofundada dos discursos da entrevista, pois possuem trechos bastante ricos, não tão bem explorados como poderiam ter sido;
- Proporcionar mais encontros com diferentes formas de interação que possam facilitar o vínculo entre a pesquisadora e a participante, uma vez que esta última apresenta profundas dificuldades. Nos encontros iniciais não se deve usar o equipamento de gravação, evitando-se possíveis inibições;

- Levar a participante a uma reflexão sobre as frases que completou imediatamente após ao término da tarefa, fornecendo mais elementos de compreensão das mesmas e ampliando a conscientização da participante sobre alguns aspectos de si mesma.

Recomendam-se, ainda, novas investigações sobre outros casos para se ampliar a compreensão de outros motivos que contribuem para o abandono da vida profissional e o ‘retorno’ ao lar.

Espera-se, mesmo modestamente, haver contribuído, com esta pesquisa, para o avanço da ciência psicológica e, ainda, haver oferecido aos profissionais afins uma oportunidade de compreensão qualitativa do Rorschach, que, no âmbito do psicodiagnóstico, possibilita uma melhor elucidação da singularidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADRADOS, I. *Teoria e Prática do Teste de Rorschach*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ANCONA-LOPEZ, M. *Psicodiagnóstico: processo de intervenção?* Em M. Ancona-Lopez (Org.), *Psicodiagnóstico: processo de intervenção* (pp. 26-36). São Paulo: Cortez, 1998.
- ARZENO, M. E. G. *Psicodiagnóstico clínico*. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- _____ & OCAMPO, M. L. *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- AUGRAS, M. *O ser da compreensão. Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BOHM, E. *El Psicodiagnóstico de Rorschach*. Madrid: Ediciones Morata, 1973.
- CABRAL, A. C. *A análise do discurso como estratégia de pesquisa no campo da administração: um olhar inicial*. XXIII Enanpad, 1999.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas*. São Paulo: Cortez, 2001.
- COLETTE, D. *Complexo de Cinderela*. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

DEL PRIORE, M. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1995.

DURAN, M. A. *A Dona-de-Casa*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio Eletrônico*. Editora Nova Fronteira, 1995.

FONSECA, J. *Psicodrama da loucura*. São Paulo: Ágora, 1980.

_____. *Psicoterapia da relação*. São Paulo: Ágora, 2000.

FORGHIERI, Y. C. *Psicologia Fenomenológica; fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira, 1993.

FRANZ, M. L. V. *O Feminino nos Contos de Fadas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GILES, T. R. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1989.

GONÇALVES, C. S. *Lições de Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1988.

GONZÁLEZ REY, F. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: EDUC, 1997.

_____. *La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos*. São Paulo: EDUC, 1999.

HUSSERL, E. *A Filosofia Como Ciência de Rigor*. Coimbra: Atlântida, 1910/1965.

JABLONSKI, B. *Até que a Vida nos Separe – a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: AGIR, 1998.

JASPERS, K. *Psicopatologia Geral*. V. I. Rio de Janeiro, São Paulo: Livraria Atheneu, 1979.

LAING, R. D. *O eu dividido: estudo existencial da sanidade e da loucura*. Petrópolis, Vozes, 6ª ed, 1969/1991.

LOOSLI-USTERI, M. *Manual Prático del Teste de Rorschach*. México: Madrid, Ediciones, 1965.

MARTINS, J. et al. *Temas Fundamentais da Fenomenologia*. São Paulo: Moraes, 1984.

McCULLY, R. S. *Rorschach: Teoria e simbolismo; uma abordagem Junguiana*. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

MELO, H. P. *O Feminino nas Manufaturas Brasileiras*. Em A. B. Puppim e R. M. Muraro (Orgs). *Mulher, Gênero e Sociedade* (pp. 124-136). Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MENEGAZZO, C. M.; TOMASINI, M. A. e ZURETTI, M. M. *Dicionário de psicodrama e sociodrama*. São Paulo, Ágora, 1995.

MORENO, J. L. *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. Goiânia, Dimensão, 1934/1992.

_____. *Psicodrama*. São Paulo, Cultrix, 1946/1993.

NAFFAH, A. *Psicodrama – descolonizando o imaginário*. São Paulo, Brasiliense, 1979.

OSÓRIO, L. C. *Família Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PENNA, L. *Corpo sofrido e Mal-Amado*. São Paulo: Summus, 1989.

PETRELLI, R. *Curso de Especialização em Rorschach*, apostila mimeografada. Goiânia: Dasein, 1991.

_____. *Para uma Psicoterapia em Perspectiva Fenomenológico-Existencial*. Goiânia: Editora UCG, 1999.

_____. *Fenomenologia: Teoria, Método e Prática*. Goiânia: Editora UCG, 2001.

_____. (Orientador). *Investigação do comportamento do estelionatário através dos testes psicológicos de Rorschach, Wartegg, Grafologia e Inventário Fatorial de Personalidade*. IV Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e outras técnicas de avaliação psicológicas. Anais, Itatiba/SP, 2001.

PICHON-RIVIÈRE, E. *Teoria do Vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PRATA, M. R. V. V. *O Drama de um Comportamento Ilibado, um estudo fenomenológico Através do Rorschach*. Monografia de especialização, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2000.

RESENDE, A. C. *Os Processos primários, secundários e terciários em Rorschach: uma compreensão fenomenológica e uma proposta de valoração*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001.

RORSCHACH, H. *Psicodiagnóstico*. São Paulo: Mestre Jou, 1921/1979.

SANTANA, N. C. O. *Fenomenologia da dualidade na personalidade de gêmeos idênticos através do psicodiagnóstico Rorschach*. Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1999.

SANTIAGO, M. D. *Psicodiagnóstico: uma prática em crise ou uma prática na crise?* Em M. Ancona-Lopez (Org.), *Psicodiagnóstico: processo de intervenção* (pp. 9-25). São Paulo: Cortez, 1998.

VAZ, C. E. *O Rorschach – Teoria e Desempenho*. São Paulo: Editora Manole, 1998.

_____. Abordagem quantitativo-dinâmica na avaliação da personalidade através do Rorschach e do Z-Teste. IV Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e outras técnicas de avaliação psicológicas. Anais, Itatiba/SP, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1**TERMO DE COMPROMISSO**

Eu, _____, aceito participar como voluntária na pesquisa de Mestrado de Mara Rúbia Venâncio Vieira Prata e autorizo a utilização dos dados coletados na elaboração da dissertação, sob um pseudônimo que preserve a minha identidade e assegure o sigilo.

Goiânia, ____ de _____ de 2002.

ANEXO 2

Relatório das Entrevistas

As entrevistas tiveram uma média de duração de 2 horas cada. Foram gravadas em fitas K-7. porém em virtude de um defeito na gravação não foi possível fazer uma transcrição. Este relatório foi feito imediatamente após as entrevistas aproveitando os fragmentos de gravação e a memória da pesquisadora, constam de dados fidedignos da entrevista.

Alguns dados como os nomes, cidades e as profissões são fictícios para resguardar a privacidade da participante. Estas mudanças não alteram os resultados.

As informações que estão entre aspas reproduzem a fala da participante resgatadas na íntegra.

Letícia é natural de Uberaba, é a segunda de uma prole de três filhos e tem 32 anos. Todos são casados, tanto ela quanto o irmão mais velho têm uma filha, a irmã mais nova ainda não tem. Seus avós já faleceram e como os pais eram filhos únicos não tem tios, ou primos.

Mudou-se para Goiânia há 4 anos com o marido.

Sua mãe e seu pai estão aposentados. Antes os pais tinham uma empresa onde o pai e a mãe trabalhavam. Esta empresa está sendo administrada hoje pelo irmão. A irmã também mudou-se de cidade junto com o marido também odontólogo.

Os pais aproveitam a aposentadoria para passear e viajar para visitar as filhas e os netos.

Letícia considera que seu relacionamento com os pais é bom, afirmando que “ainda não consegui desvincular muito não”, falam-se por telefone todos os dias. Acredita

que deve ser difícil para a mãe o fato de as filhas estarem longe, pois todos os filhos foram “criados bem embaixo da saia”.

Os pais costumam ficar em Goiânia cerca de 20 dias, Letícia se acostuma e acha ruim quando vão embora, gostaria que se mudassem para Goiânia, mas sabe que isso é difícil. Facilitaria se a irmã mudasse para Goiânia também. As visitas ocorrem de 3 em 3 meses, ou os pais vem ou Letícia vai a Uberaba.

Tanto Letícia quanto a irmã casaram-se com odontólogos que haviam ido para Uberaba para estudar. Os dois casaram-se e levaram suas esposas para sua cidade natal.

Letícia relata que tinha um relacionamento “tranquilo” com os irmãos. A diferença de idade entre eles é de dois anos.

Com o irmão, diz que tem um relacionamento de amizade, não dão palpite na vida um do outro, vivem sem que um se intrometa na vida do outro. Para ela “homem sempre tem outros interesses, outras atividades. Ele fazia faculdade à noite, dali já saía e minha mãe nunca deixava a gente sair”. Já com a irmã é diferente, saíam sempre juntas. Tinham horário marcado (saía 8h e voltava às 10 hs) para voltar para casa ou os pais iam buscá-las (“nada assim, livre”).

Começou a sair com quatorze anos, junto com a irmã. Os pais as deixavam em uma rua onde todos os jovens ficavam, depois voltavam para buscá-las. A presença da irmã era constante, mesmo quando estava namorando, condição *sine qua non* para sair. Como preferia sair disse que teve que se acostumar.

Logo que Letícia começava a namorar ela já levava o rapaz em casa, namoravam no portão. Diz que em cidade pequena todos sabem onde moram e o que fazem, “a cidade inteira sabia de todos os seus passos, então era meio complicado se quisesse fazer alguma coisa”.

Seu primeiro beijo foi aos 13 anos quando estava brincando de “jogo da verdade”. Depois namorou 3 meses com um menino mais velho e em seguida namorou com o menino do primeiro beijo, que tinha a mesma idade de Letícia, namoravam no portão. Os pais sabiam “meu pai nunca foi de falar muito não. Deixava as ordens pra minha mãe, sabe? Ela que mandava. Ela que dava as ordens. Só se a gente desobedecesse que ele ficava em cima”.

Os namoros duravam 6 meses depois ela terminava o namoro, “depois de 6 meses eu enjoava (...) depois de 6 meses eu falava que era pra casar”.

Começou a namorar seu marido aos 19 anos. Após 2 anos de namoro os pais vieram à Goiânia para conhecer a família do rapaz e depois deixaram que Letícia viesse passear em companhia da irmã. Namoraram durante 3 anos.

Letícia teve sua primeira relação sexual aos 20 anos. Obtinha informações em revistas e livros, uma vez que já estava na faculdade e também com o namorado (atual marido). Os dois programaram um encontro escondido, pois o pai não a deixava sair sozinha. Não podia contar para a irmã, pois ela era mais “caretona”, muito tímida. Um dia houve um problema com o carro, outro dia o motel foi o impedimento. Até um dia a programação funcionar. Sentiu-se bem, gostou dele ter esperado ela se preparar. Os pais pensam até hoje que ela casou-se virgem. Atualmente tem uma vida sexual “tranquila”.

Quando se casou já tinha se formado e o marido estava terminando o seu curso. Mudaram-se para Belo Horizonte, onde viveram 6 anos. Tanto ela quanto o marido fizeram especialização nesse período.

Há 4 anos estão em Goiânia. Diz que a mudança foi complicada, mas considera “gostoso aqui”. Depois que a filha nasceu ficou mais fácil para ela se acostumar, pois antes ela trabalhava e ficava muito tempo sozinha, enquanto o marido trabalhava.

Diz que Goiânia é uma cidade tranquila para criar filhos. Mas acredita que se adaptaria em qualquer lugar (“qualquer lugar que eu tivesse filho eu ia gostar”).

Segundo Letícia, seus pais já deviam estar se acostumando com a idéia da mudança, uma vez que o rapaz durante o namoro já dizia que um dia voltaria para Goiânia. Apesar dele falar que gostava muito de Goiânia ela tentava fazê-lo mudar de idéia.

Ao chegar em Goiânia moraram com a família do marido. Disse que isso foi importante para sua adaptação. Não ficava muito em casa, pois trabalhava muito na época e só ia para casa dormir. Moravam 7 pessoas na casa e se davam muito bem, pois, tanto ela quanto eles são “tranquilos”.

Era professora de Biologia da 5ª série até o 3º ano. Não gostou da experiência, disse que o trabalho não compensa e dá muito trabalho (“trabalhar com menino é ruim demais”). Havia feito especialização para trabalhar em laboratório, em patologia clínica, mas não conseguiu colocação nesta área.

Deu aulas durante 3 anos, até a filha nascer, disse “não, vou parar, vou curtir ela, porque eu cuidei tanto de menino dos outros, agora eu quero cuidar dos meus (...) eu demorei tanto pra ter, 7 anos!”. É uma “realização” para ela e tem “gostado de ficar parada” com a filha. O marido a apoiou em sua decisão.

Letícia relata que acha “ótimo”, mesmo tendo que perder algumas noites de sono para cuidar da filha quando esta fica doente (“assumo a noite inteira por conta dela; nem levo ela pro quarto pra não acordar ele (marido), porque sei que ele sai cedo e eu tô por conta mesmo; posso dormir até mais tarde!”).

A filha ainda não estuda, porém Letícia já está pensando em colocá-la na escola. Apesar de levá-la para brincar na pracinha com a vizinha, nota que está sentindo falta de mais crianças. Ela também adora assistir filme.

Atualmente não está evitando ficar grávida, mas em função do ovário polissístico demora para engravidar. Não foi necessário fazer tratamento, mas demorou.

Relata que porque a filha foi muito esperada “parei tudo, pra curtir (...) o pai também baba colorido (...) ela é assim, o centro das atenções em tudo”.

Com relação ao auxílio do marido nos cuidados com a filha, diz que ele ajuda nos fins de semana, fazendo mamadeira, dando banho, “de veeez em quando, assim esporadicamente (...) essas coisas ele sempre me ajudou, mas só muito pouco, um pouquinho(...). Pra brincar ele brinca, tudo, mas só. Pra ajudar mesmo a cuidar não. Só pra brincar”. À noite a filha só chama a mãe.

Letícia gostaria de ter três filhos o marido quer “dois, no máximo”, pois considera difícil cuidar, do ponto de vista financeiro. Pode ter três filhos se tiver gêmeos. Tem uma avó gêmea e pretende tomar remédio para ovular isso pode ajudar. Acharia muito bom se isso acontecesse.

Já não se importa com o sexo dos bebês, pois seu sonho já se realizou: ter uma filha. Queria ter uma filha porque diz que menina faz mais companhia, “parece que homem já sai mais pra jogar bola (...) mulher acompanha mais, gosta das mesmas coisas”.

A filha exige atenção constante. “A única coisa que faz sozinha é ver filminho, o resto tem que estar comigo”. Mesmo assistindo filme a filha procura a mãe de 10 em 10 minutos para certificar-se de que a mãe está por perto. A filha não costuma sair sozinha com o pai (“eu acho que ele num dá conta”), mas às vezes fica com ela em casa (“acho que se ele saísse, ele dava conta, mas ele que, ... acho que por comodidade não(sai)”).

Letícia tem uma funcionária em sua casa há 3 anos, afirma que “é, eu não faço nada, fico por conta dela (filha) ou faço o serviço meu marido na rua, tipo banco, fatura de algum lugar, sempre esses serviços eu faço pra ele. Feira, mercado, o resto tudo sou eu, mas a casa em si, limpar, não é comigo”. Compra todas as férias da empregada. Não queria

duas pessoas trabalhando em sua casa, uma empregada e uma babá, mas sua atual empregada cuida de Poliana quando Letícia sai para fazer compras no supermercado. Afirma, inclusive que a menina obedece mais a moça do que a ela mesma. Acha a filha manhosa com ela.

Letícia relata que vive bem com o marido, estão casados há 10 anos. Conta que tiveram apenas uma briga em todo esse período. Segundo ela foi a crise dos 7 anos. Antes da filha nascer, apenas a um ano moravam em Goiânia. Durante cerca de 10 meses o marido estava saindo com os amigos para passear com sua nova moto e beber no barzinho. Um amigo o estava influenciando, segundo Letícia. A mulher dele não se importava, mas ela sim. Letícia foi para a casa da mãe (“então ta bom, você vai passear e eu vou pra casa da minha mãe, quando você cansar de passear você vê”). Durante o tempo que ficou na casa de sua mãe falava com o marido por telefone.

Certo dia resolveu voltar, ela ligou para ele esperar no aeroporto, mas quando chegou ele tinha acabado de sofrer um acidente de moto. “Aí que caiu a ficha dele. (...) Então foi muito bem feito (...) e desse dia pra cá eu é que tive que fazer tudo pra ele, porque ele não dava conta de fazer nada, nem no banheiro sozinho ele dava conta (...) ralou, queimou, teve que ficar tudo enfaixado”. O marido não perdeu a paixão pela moto, hoje tem uma moto menor e vai aos sábados com ela (moto) jogar futebol.

Ao perguntar à Letícia o que costuma fazer para se distrair, responde que sua distração é a filha (Poliana). Costuma sair com ela todos os dias, vão ao cinema ver algum filme que o marido não quer ver. Enquanto Letícia assiste ao filme a filha dorme em seu colo. O marido gosta de filme de ação e comédia, ela já gosta mais de drama. Ela o acompanha nos filmes que ele gosta, mas afirma que o marido prefere assistir o futebol na TV. Quando saem à noite a sogra fica com a filha.

Até os 3 meses a filha dormia em seu quarto, depois passou a dormir em seu próprio quarto. Só dormiu a noite inteira com 6 meses. Leticia não tinha o costume de levá-la para sua cama quando acordava à noite, a não ser que estivesse doente.

A filha é bastante saudável, nunca teve problemas de saúde grave.

A mãe e o pai de Leticia programaram sua gravidez, não houve problemas durante a gravidez e o parto foi cesáreo. O cordão umbilical estava enrolado no pescoço e houve um atraso por parte do médico, sem apresentar seqüelas.

Leticia foi amamentada por 1 ano, deixou de usar fraldas com 1 ano e 8 meses. Sua mãe compara com a neta e reclama porque ainda não usa o penico.

Sua menarca foi aos com 12 anos de idade. Demorou um pouco para falar para sua mãe, e esta ensinou-lhe a usar o absorvente. Ficou durante 2 ou 3 meses com vergonha e medo de outras pessoas saberem. A mãe contou ao pai. Nunca teve problemas relacionado à menstruação, não apresenta sintomas de TPM, começa a sentir-se um pouco mais nervosa e sai para fazer caminhada, para “espairecer”.

Leticia afirma que foi uma criança muito tranqüila, nunca fraturou nenhum osso. Não subia em árvores, só se lembra de brincar de casinha e boneca com a irmã. Em sua casa freqüentavam apenas 2 ou 3 amigos do irmão, pois a mãe não gostava. Nunca dormiu em casa de amiga, e 2 ou 3 vezes lembra-se de alguma amiga ter ido dormir em sua casa. Leticia também não gostava, nem chegava a pedir à mãe (“ficava mais na minha. Tinha que ficar junto da minha cama, até hoje sair pra dormir em outro lugar é difícil”).

Não se lembra bem de quando entrou na escola, como se sentiu. Estudou na mesma escola toda a sua vida. Era uma escola de freiras, sentava-se sempre na frente e tinha 3 ou 4 amigas, amizade que tem até hoje, sempre se comunicam. Elas também saíram da cidade em que moravam. Encontram-se quando vão para Uberaba ou visitam-na em Goiânia. Gosta de ver as fotos da época.

Sempre conseguiu acompanhar o ritmo da escola e só teve dificuldades em inglês e sistemas de dados. Não tinha o costume de estudar em casa, gostava de prestar bem atenção nas aulas e só lia rapidamente a matéria antes da prova. Afirma que tinha um bom relacionamento com os professores.

Letícia relata que o avô materno marcou-lhe muito. Depois que sua avó morreu ele mudou-se para a sua casa, ela tinha 3 anos. Ele era um homem severo, muito regrado e organizado. “Tudo que ele falava é sempre lembrado”. Dava muitos conselhos e orientações, principalmente sobre dinheiro, mas também comentava as roupas. “Tudo dele era perfeito”. Ele não tinha estudo, mas trabalhou até 35 ou 40 anos com marcenaria, juntou o dinheiro e parou de trabalhar. Montou a empresa para o pai de Letícia. Também tinha um prédio onde ele encontrava com mulheres. O avô mesmo morando na casa da mãe não dava trabalho, sabia o lugar dele. Mesmo tendo falecido Letícia sempre lembra de seus ensinamentos. Morreu bem velho depois de ter permanecido acamado muito tempo em função de um derrame (AVC).

Com relação ao parto em que sua filha veio ao mundo, foi cesáreo também, por dois motivos: primeiro não queria sentir dor, segundo porque tinha pressão alta.

Amamentou a filha por um mês, não tinha bico de peito, teve que tomar remédios e o leite acabou secando. Queria muito amamentar mas a filha não conseguia pegar o bico do peito, o que conseguia sugar era muito pouco, tentava, até que a filha ficava nervosa por não conseguir depois dava mamadeira. Até os 6 meses só ela pegava a filha.

Do ponto de vista da saúde física Letícia afirma que teve pressão alta durante a gravidez, além disso não teve outros problemas sérios de saúde ao longo de sua vida. Seu pai é hipertenso.

Na família ninguém fuma ou bebe, Letícia já experimentou cigarro, mas não fuma, nem experimentou outros tipos de drogas.

Dorme bem. Costuma dormir depois de todos. Gosta de ficar na internet ou vendo TV, “essas coisa assim que com criança não tem jeito de fazer, com marido perto, eles querem ser o centro das atenções”. Dorme mais tarde e acorda mais tarde, prefere assim.

A filha só dorme quando não vê movimentação na casa, do contrário fica alerta. Tem ciúmes de ver os pais se beijando, o ciúme é tanto de um como do outro.

Está tentado fazer dieta, mas pára quando vai em festas. Fica engordando e emagrecendo. Gosta muito de chocolate, come uma barra pequena, mas não todos os dias, prefere comer à noite. O marido e a filha também gostam de chocolate e comem na frente de Letícia.

Considera-se tranqüila, afirmando isso várias vezes durante a entrevista e diz que tudo que faz dá certo em função de ser muito tranqüila. “não é de correr demais atrás”. Não gosta de brigar, de falar demais. Diz que as pessoas não tem paciência e para não brigar ela cede. Acredita que os outros a percebem como sendo calma e tranqüila. “Na ordem das mulheres bravas eu fico por último (...) mas ser boba também não!”.

O que pode deixá-la preocupada é a saúde, doença. O que a deixa triste é a saudade. Diz que nada a deixa nervosa. Pode “sair do sério” quando está falando e a pessoa com quem fala não te escuta. Não se lembra de ter ficado deprimida alguma vez. Ao ser argüida sobre o que a deixa feliz responde desanimadamente: “Ah, não sei. Muitofeliz? Pra mim ta muito bom. É ... quando eu tô com a família eu falo mais. Eu nunca parei pra pensar, mas eu acho que é felicidade, né? (...) aqui pra mim não é família, por mais que eu me dê bem com minha sogra, não é família. Eles têm uma personalidade diferente. Falam mais alto.”

No que diz respeito aos projetos de vida, diz que quer colocar a filha na escola e depois fazer um curso, “mas não de imediato, só ... planos, eu vou ver, se eu conseguir voltar a estudar”.

ANEXO 3

Letícia – 28/06/02.

Aqui estão frases incompletas, leia atentamente cada uma delas e complete-as. Este não é um teste ou uma prova. Não há respostas certas ou erradas. A resposta simplesmente expressa como você se sente, o que pensa, a sua maneira de ser. Procure completá-las com sinceridade.

Obs.: A parte sublinhada refere-se ao que Letícia completou.

- 1- A época mais feliz foi quando a Poliana nasceu
- 2- A independência é ser livre.
- 3- Antes de casar saía um pouco mais.
- 4- Se não fosse meu pai, minha mãe não seria feliz.
- 5- O trabalho é importante
- 6- Tomar decisões sempre é difícil.
- 7- Me aborrece falta de paciência
- 8- Minha vida futura ainda estou decidindo.
- 9- Às vezes sinto falta dos meus pais.
- 10- Antes de meus filhos nascerem eu não sabia o quanto é bom tê-los.
- 11- Me esforço para ser feliz.
- 12- Na família o importante é a união.
- 13- Eu me propus ser feliz!
- 14- Os homens são quase todos iguais!
- 15- As pessoas cada uma com sua importância.
- 16- Quando estou só rezo.
- 17- Uma mãe é uma segurança.
- 18- Preciso de tempo.
- 19- Sem trabalho sou feliz.
- 20- Estou melhor agora.
- 21- Os filhos são um elo do casal.
- 22- Não posso parar de fazer dieta.
- 23- Meu pai a minha fortaleza.
- 24- A maioria das mulheres gostam de ir às compras.
- 25- Se não fosse minha mãe, meu pai não daria tanta importância à família.
- 26- A profissão é importante, mas não é tudo!
- 27- Minhas amigas são um complemento.
- 28- Me incomoda num homem a falta de paciência.
- 29- Quando era pequena era mais introspectiva.
- 30- Eu espero poder dar boa educação aos meus filhos.
- 31- Quando meu pai chegava em casa é só felicidade!

- 32- Me lembro sempre de Uberaba.
- 33- Temo a violência.
- 34- Quando vejo um homem imagino sua família.
- 35- Me marcou minha mudança de cidade.
- 36- Um marido é gostoso ter.
- 37- A liberdade é importante.
- 38- Fico constrangida em casa de pessoas estranhas.
- 39- Por ser mulher é mais gostoso.
- 40- A dependência é importante.
- 41- Os homens esperam uma família perfeita.
- 42- Me realizo com a Poliana.
- 43- Mudaria em minha vida meu estilo.
- 44- Me frustra não ter minha família por perto.
- 45- Se não fosse meu marido não estaria em Goiânia.
- 46- O trabalho é dignificante, mas não é tudo!
- 47- Uma esposa é o centro de um lar.
- 48- Antes imaginava a minha vida profissional.
- 49- Daqui a 5 anos espero estar ainda cuidando de filhos.
- 50-** Me agrada num homem, seu jeito.

ANEXO 4